

Plural

Revista da Associação dos Professores da UFSC - SSIND - nº5 - Ano 3 - ago/dez/1993

R\$ 5,00 ISSN 0103-9717



**MERCOSUL E AS
METAMORFOSES
NO MUNDO DO
TRABALHO**

Apresentação

“...o projeto neoliberal volta-se, agora, com toda a força para a educação... o setor público é considerado um estorvo que deve ser eliminado”

Aluizio Batista de Amorim

Em 1991, durante a gestão do professor Marco da Ros como presidente da APU-FSC SSInd e com a professora Vera Bazzo como Diretora de Cultura, foi lançado o primeiro número da Revista *Plural*. O fato ocorreu após anos de sonhos e discussões em torno do projeto. Como o próprio nome diz, a *Plural* pretendia estimular o debate em torno de idéias, a troca de experiências e as divergências muito naturais em uma universidade pública, laica e democrática. Estes objetivos continuam em nossas metas. A mesma gestão lançou o segundo número da *Plural* tendo como tema especial os 100 anos do pensador Antônio Gramsci.

Na gestão 92/94, sob a presidência da professora Bernardete W. Aued e tendo como editor o professor José Gonçalves Medeiros, foram lançados mais dois números que, como todos os anteriores, tiveram e continuam tendo excelente receptividade, não apenas no meio docente, como fora da academia.

Hoje temos o imenso prazer de lançar a *Plural* nº 5. Esta revista está sendo publicada em um momento extremamente grave para a sociedade brasileira em geral e, em especial, para a universidade pública. O governo recém-instalado, com Fernando Henrique Cardoso, aliado ao PFL, procura implantar, com amplas chances de sucesso, um conjunto de políticas neoliberais. Isto não é algo totalmente novo. Entretanto, a conjuntura atual é mais adversa do que as anteriores.

Um dos aspectos que tornam esta conjuntura mais grave é a extrema concentração de poder dos meios de comunicação no Brasil. A imprensa nacional converteu-se em um verdadeiro poder paralelo. Tudo que se ouve, vê ou lê é dominado e direcionado por uma dezena de famílias. O movimento sindical precisa estar atento para a necessidade de se conquistar espaços na mídia. No campo da comunicação, temos que fazer mais e melhor.

Não podemos nos limitar apenas às formas já consagradas. Neste sentido, cabe relatar aqui a recente e importante iniciativa da ANDES-SN, que acaba de fundar a primeira agência de notícias mantida por um sindicato nacional. Que *Plural* sirva como mais um estímulo para se aprofundar essa questão.

Neste número, além de artigos relacionados à arte e literatura, estamos enfocando importantes temas políticos da atualidade: o Mercosul e as transformações do mundo do trabalho, o neoliberalismo e a onda conservadora que tem avançado sobre a América Latina. Esperamos estar contribuindo para o avanço da discussão da conjuntura atual.

Por fim, agradecemos e parabenizamos todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a publicação de mais este número da *Plural*: autores, diretores da APUFSC, jornalistas e demais trabalhadores das artes gráficas. Aos leitores, bom proveito.

Prof. Osni Jacó da Silva

Presidente da APUFSC SSInd.

EXPEDIENTE

Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina SSInd/ANDES - SN Gestão 94/96

Presidente:
Osni Jacó da Silva

Vice-Presidente:
Mário Luiz Vincenzi

Secretário Geral:
Waldir José Rampinelli

2º Secretário:
Anamaria Beck

Tesoureiro Geral:
Antônio Carlos Machado da Rosa

2º Tesoureiro:
Vera Maria Ribeiro Nogueira

Diretor de Divulgação e Imprensa:
Fernando Ponte de Souza

Vice-Diretor de Divulgação e Imprensa:
José Gonçalves Medeiros

Diretor de Promoções Culturais e Científicas:
José Soares Gatti Júnior

**Vice Diretor de Promoções
Culturais e Científicas:**
Eliane Braga Machado

Diretor de Promoções Sociais Institucionais:
Milton Divino Muniz

Diretor de Assuntos dos Aposentados:
Maria Esmênia R. Gonçalves

Comissão Editorial:

José Gonçalves Medeiros, Ari Minella, Carmen Aidê Hermes, Danilo Wilhelm Filho, Edmundo Carlos de Moraes, Elenor Kunz, Elizabeth Junchem Machado, Leal James Petras, Luis Carlos P. Machado, Luiz Fernando Scheibe, Raimundo Campos Caruso, Raul Gunther, Ubaldo Cesar Balthazar

Jornalistas Responsáveis:
Rosangela Bion de Assis 1.019 DRT/SC
Luciano João Faria 1.003 DRT/SC

Edição:
José Gonçalves Medeiros

Revisão:
Comissão Editorial

Capa:
Frank Maia Bretas

Editoração eletrônica:
Alexandre Salles

Fotolito e impressão:
Única Artes Gráficas - Fone/fax (048) 244-0146

Correspondência:
Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina - Campus Universitário - Florianópolis- SC - CEP 88040-900
Fone: (048) 231-9425 - Fax: (048) 234-2844

O material publicado é de responsabilidade de seus autores

05

Seminário
**Mercosul e as metamorfoses
do mundo do trabalho**

Em três textos, organizados a partir de palestras proferidas durante Seminário sobre o tema, no final do ano passado, os professores **José Paulo Neto, Antônio Carlos Mazzeo e Joana Maria Pedro** fazem uma análise sobre os desafios dos partidos e do movimento sindical diante das transformações trazidas pelo desenvolvimento capitalista.

40

**Neoliberalismo:
O estado máximo para o capital**

A partir de uma discussão teórica sobre a relação entre liberalismo e democracia, o jornalista e advogado **Aluizio Batista de Amorim** destaca a crise do "Welfare State" e debate o crescimento e as consequências das políticas neoliberais que vêm sendo implementadas, nos últimos anos, a nível mundial.

46

Literatura

Inaugurando um novo espaço na revista Plural, o professor **Raimundo Caruso** organiza e seleciona nesta edição um pouco da criatividade e do talento de nossos artistas, resumidos na obra de **Adolfo Boos, Paulo Leminski, Emanuel Medeiros Vieira e Fernando Torkarski**.

57

Cultura política e cidadania

A partir de uma análise histórica sobre a estrutura de poder no Brasil, o professor **Erni J. Seibel** faz uma reflexão sobre os fatores que produzem ou propiciam o surgimento da corrupção no país. O autor destaca ainda a necessidade do controle sobre a ação dos governantes, e discute o papel da sociedade civil na luta pelo estabelecimento da ética na administração pública.

62

Uma onda conservadora sobre a América Latina

O professor **Waldir José Rampinelli** discute o crescimento e a consolidação das políticas conservadoras nos países da América Latina, a partir de uma análise sobre os aspectos gerais do chamado neoliberalismo. O autor ressalta ainda a importância e o papel das esquerdas no combate às teses neoliberais.

75

Walter Benjamin
**Considerações acerca da
reprodutibilidade técnica da obra de arte**

As principais contribuições de Walter Benjamin, à discussão sobre os efeitos da reproduzibilidade técnica da obra de arte no mundo capitalista, são analisadas aqui pela professora **Andréa Vieira Zanella**, que debate também o papel da arte e do artista na luta pela construção de uma sociedade mais humana e igualitária.

P

1

u

r

a

1

Plural / APUFSC / SSIND. - 1, n. 1
(jul. / dez. 1991) - . -
Florianópolis: APUFSC / SSIND, 1991
- v.; 30 cm.

Semestral.
INSS 0103-9717.

I. Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina

Aos colaboradores

Normas para o envio de artigos

1. Os textos devem conter, no máximo, dez laudas. Um texto ideal seria de 5 ou 6.
2. Na preparação dos trabalhos a serem enviados para a Revista, o Conselho Editorial recomenda que :
 - 2.1. Se evite vocabulário especializado, glossários e frases com mais de 4 linhas;
 - 2.2. Se evite títulos e sub-títulos acadêmicos como "Introdução", "Método de trabalho" e "Considerações finais", contudo sugere-se o uso de intertítulos sobre o conteúdo a ser desenvolvido a cada 30 linhas de textos aproximadamente;
 - 2.3. Se produza textos com conteúdos atualizados e informativos, evitando a produção de textos herméticos, "empolados", desinteressantes, com informações já conhecidas, chavões político-partidários, etc.
 - 2.4. Título e conteúdo sejam compatíveis, em que as expectativas geradas sejam efetivamente realizadas ao longo do texto.
3. O Conselho Editorial dará preferência a textos produzidos especificamente para a revista. Deve-se evitar a simples reprodução de palestras, monografias, etc. Quando o autor julgar relevante a publicação desse material, deverá adaptá-lo seguindo as normas de publicação.
4. As referências bibliográficas devem ser citadas de acordo com as normas da ABNT (por exemplo., usar como modelo a revista "Ciência Hoje").
5. Os artigos deverão ser encaminhados em disquetes, acompanhados de três cópias, com parágrafo duplo, no idioma português ou espanhol. Eles devem ser digitados nos programas Winword 2.0 (ou 6.0) for Windows ou nos programas Word 4.0, 5.0.
6. Os textos deverão conter uma abertura (lead), abordando as principais idéias do texto contendo, no máximo, 10 linhas (aproximadamente 80 palavras), acompanhada de uma breve descrição do autor (onde trabalha, o que faz atualmente, endereço para contatos, etc.). Tais informações deverão ser escritas em duas línguas: português-ingles ou português-francês.
7. Recomenda-se que as ilustrações necessárias para os textos sejam providenciadas pelos autores, que deverão também sublinhar frases ou trechos que julgam ser convenientes para serem destacados em negrito dentro do artigo.
8. A devolução dos artigos revisados, juntamente com a cópia corrigida pelo revisor, deverá ocorrer no prazo máximo de uma semana

Secções de Plural

1. Resenhas Críticas: Serão aceitas resenhas críticas de livros, artigos, periódicos e teses com informação completa da fonte resenhada. Tais resenhas deverão conter, no máximo, 70 linhas (aproximadamente 2 laudas).
2. Cartas do Leitor: Serão aceitas, desde que estejam adequadas e eticamente redigidas. Deverão conter, no máximo, 30 linhas.
3. Fotos e Ilustrações: Serão aceitas fotos e materiais de ilustração (bicos de pena, desenhos, ilustrações, charges, etc.) que poderão ser aproveitados para matérias específicas. Todo o material será recebido em arte final. Fotos e ilustrações de-

verão se ater ao tamanho máximo da Revista, acompanhado de informações sobre o autor

4. Contos, Poemas e Poesias: Serão aceitos desde que aprovados pelo Conselho Editorial.
5. Indicador de Leitura: Sugestões de livros e revistas recentemente lançados no mercado editorial e que tenham relação com a linha editorial da revista e com as atividades propostas e desenvolvidas no Sindicato.
6. Professor-repórter: Curtos relatos de experiências vivenciadas em outras instituições acadêmicas, tanto nacionais como do exterior, relacionadas à sobrevivência e vida acadêmica desenvolvidas nestes locais.
7. Intercâmbio Universitário: Trocas de informações, experiências e outros aspectos relacionados às atividades da comunidade acadêmica, particularmente aspectos polêmicos (por exemplo., experiências com avaliação docente, papel das diferentes CPPDs, etc.).

PLURAL é distribuída gratuitamente para:

- todos os associados da Apufsc/SSIND
- todos os sindicatos do Estado de Santa Catarina
- todas as Universidades Federais Brasileiras
- todas as Universidades Estaduais do Estado de Santa Catarina
- os deputados da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina
- os vereadores da Câmara Municipal da Cidade de Florianópolis

A Comissão Editorial

Assinadores

Motivação e envio de artigos

Desejo fazer uma assinatura da Revista Plural por

um ano ou duas edições

dois anos ou quatro edições

Nome _____

Endereço _____

apto. _____

CEP _____

Bairro _____

Cidade _____

Estado _____

Local e Data _____

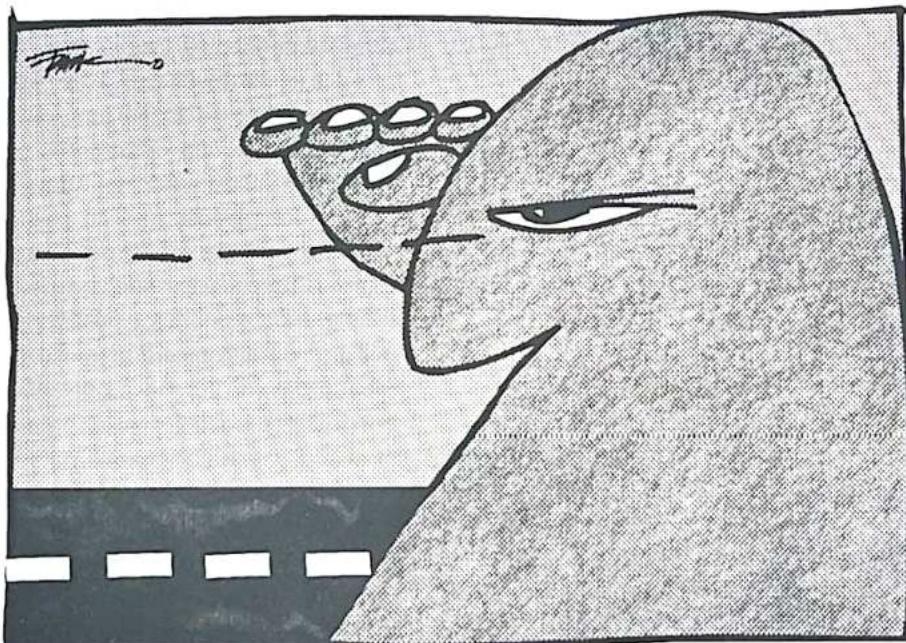
Assinatura

Valor de assinatura; um ano (duas edições: R\$ 10,00; dois anos (4 edições): R\$ 20,00
Sob pedido sócios da APUFSC-SSind receberão a revista gratuitamente

Mercosul e as Metamorfoses do Mundo do Trabalho

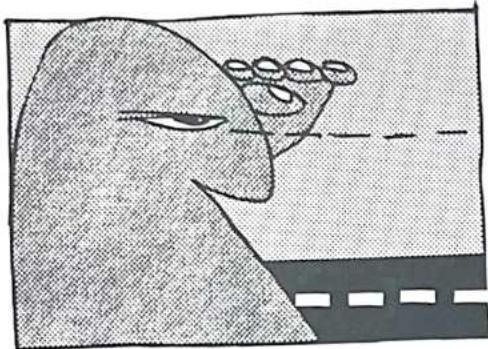
Nos meses de novembro e dezembro de 1993, a APUS-FC-SSind - Associação dos Professores da UFSC - promoveu a realização desse seminário com o apoio da própria Universidade, do Sinergia - Sindicato dos Eletricitários, e do Sindicato dos Bancários de Florianópolis. Dos debates sobre o tema **Sindicalismo e Partidos nos anos 90**, participaram os professores José Paulo Neto, Antônio Carlos Mazzeo e Joana Maria Pedro.

Nesta edição, **PLURAL** traz a íntegra das palestras proferidas e uma parte dos debates realizados



O professor José Paulo é titular da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutor em Serviço Social e professor de Pós Graduação do Serviço Social da PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ele é autor dos livros: "Democracia e Condicion Socialista", "Ditadura e Serviço Social" e "Crise no Socialismo"

José Paulo Neto



O tema do nosso encontro, Sindicalismo e Partidos nos anos 90, tem tido uma consideração mais ou menos freqüente nos últimos debates da área da chamada Ciência Política. Eu trago a vocês não mais do que indicações à nossa reflexão, que só pode dar resultados se for realmente fruto do trabalho coletivo. Começaria dizendo uma obviedade: vivemos, neste último quarto de século, uma crise societária global, apesar dos meios de comunicação estarem enfatizando, nos últimos cinco anos, a crise do chamado socialismo real. Se essa fosse a crise mais marcante do nosso tempo, estaríamos razoavelmente felizes, sem nenhuma crise setorial, localizada.

Penso que não se trata disso, que nós estamos vivendo de fato, no domínio sócio-político, por razões determinadas por uma outra lógica que transcende o espaço das instituições políticas, uma crise que é global. Os indicadores dessa crise são pouco tratados na sua inter-relação. O primeiro e mais visível indicador, foi, sem dúvida, o esfarinhamento dos regimes do leste europeu. Parece-me que a crise daquele tipo de transição socialista, daquelas formações que receberam a denominação, bastante inapropriada, de socialismo real, é sem dúvida um indicador dessa crise mais global.

Mas a crise não se resume a isso. Um segundo indicador é a crise ampla, clara, inequívoca, mas com a qual nós já estamos nos acostumando a convi-

ver, até porque ela está se proliferando, do chamado Estado de Bem Estar Social. Na verdade, e eu insisto por razões ideológicas muito óbvias, toda ênfase tem sido dado à crise do socialismo. Ninguém está discutindo com o 2) mesmo cuidado a crise do Estado de Bem Estar Social. É curioso observar que se tratam das duas ordenações sócio-políticas que nesse século, de alguma maneira, tentaram contra-arrestar as características próprias do mundo do capital, ou seja, a reprodução alargada da produção de riqueza social e simultaneamente de miséria e pauperização social.

Essas duas alternativas, de um lado sinalizadas pelos partidos comunistas, de outro sinalizadas pelos projetos social-democratas, parece que entraram num processo de irreversível erosão. Para além desses dois sinais de crise, há um terceiro, que é um exaurimento de todas aquelas tentativas no mal chamado Terceiro Mundo de encontrar formas de superar a heteronomia econômica e política daquilo que uma certa sociologia, da dependência, denominou de "periferia capitalista". O exemplo mais eloquente é o fracasso do modelo implementado pela ditadura militar brasileira.

Esses três indicadores nos põem diante de uma lógica, que põe, repõe e aprofunda a crise: a lógica do mundo do capital. Eu não me refiro apenas a uma crise do capitalismo, refiro-me a algo que transcende o marco da ordem

burguesa madura e consolidada. É o próprio movimento do capital, que hoje chega, não diria a seus limites catastróficos - não participo de uma teoria catastrofista da dinâmica econômica - mas chega às beiras daquela alternativa que foi enunciada há mais de um século e que hoje parece ter toda a sua validade. Um socialismo com barbárie.

Eu queria só pontuar uma das hipóteses de debate: não é a crise que vai liquidar a ordem burguesa. A crise é um componente endógeno da própria dinâmica do capital. A crise pode, quando muito, gestar um quadro onde a vontade política de grupos sociais, especialmente de classes sociais, possa desbloquear os impasses que a crise coloca. Ou seja, não é esta crise global que pode levar ao túmulo esse quase defunto, em torno do qual se especula a sua agonia há alguns decênios. Não é que o capitalismo esteja agonizante, ele vive uma crise sem precedentes. No entanto, o desfecho dessa crise não é nem obrigatória, nem necessariamente uma alternativa não barbarizante.

Neste sentido, a transição socialista, a ultrapassagem do mundo burguês, me parece uma possibilidade histórica e não uma necessidade histórica. É uma alternativa. Se isso é verdade, a discussão de instrumentos sócio-políticos que possam engendrar, gestar e unificar vontades coletivas no sentido de encontrar uma saída para essa crise, que não seja uma saída barbarizante, se põe como uma questão de vida ou de morte para aqueles que não querem enfrentar um mundo com as características de barbarie, que já são prenunciadas claramente hoje em todas as latitudes.

A discussão da relação entre partidos, movimento sindical e outras instituições da sociedade civil torna-se uma discussão absolutamente urgente. Especialmente porque um dos traços derivados, mas nem por isso secundários, dessa crise global, é que essas instituições, partidos e sindicatos, no mundo inteiro estão passando por um processo de metamorfose muito rápido, que nos parece, de uma parte, impedir o

cumprimento das suas funções tradicionais, sem que, de outra parte, se vislumbrem novas funções que possam cumprir. A mim me parece que esse é o sintoma claro de crise. Velhas funções, não no sentido de superadas, mas de serem antigas, já não se realizam, enquanto novas funções não são desempenhadas.

Partidos políticos e Movimento sindical

O quadro dos partidos políticos, de uma parte, e o quadro do movimento sindical, de outra, atestam e sinalizam com muita clareza esse quadro transicional, e eu irei mais adiante enfatizar esse aspecto transicional da conjuntura, da quadra histórica em que vivemos. Creio que valeria a pena chamar a atenção para uma hipótese, para essa crise que afeta partidos e sindicatos. O moderno partido político, moderno no sentido do século XIX pra frente, é evidentemente uma criação do movimento operário. O modelo de partido político, enquanto agregador e formador de vontade política, surge mesmo na segunda metade do século XIX, como resultado de uma série de transformações no seio da classe operária europeia.

É bastante curioso que a noção de partido político, que já vem de antes, só tenha encontrado uma organicidade funcional com o surgimento dos grandes partidos de massa operária da segunda metade do século XIX, exatamente os partidos que vão dar corpo à social-democracia clássica, não à social-democracia do Mário Soares, Leonel Brizola, mas à social-democracia no sentido clássico, pré 1914. É bastante ilustrativo, e mesmo sintomático, em termos históricos, observar que o desenvolvimento desses partidos é absolutamente simétrico ao desenvolvimento do movimento sindical na Europa Ocidental. Há uma incrível coincidência cronológica que sinaliza um processo mais de fundo, que é a emersão dos partidos de massa social-democratas e o surgimento, não apenas da organização sindical

dical de porte tradicional, mas mais do que isso, a sua organização em nível nacional.

É assim que o partido social-democrata alemão se desenvolve com um forte aparato sindical a ele ligado; é assim que surge a CGT francesa, congregando e aglutinando todos os núcleos socialistas da França; é assim que o movimento operário na Inglaterra, que depois vai parir essa coisa monstruosa que é o Partido Trabalhista, também ganha uma dinâmica muito forte na última década do século XIX. Essa coincidência - e isso já está minimamente estabelecido pelos historiadores do movimento operário - está diretamente vinculada a uma transformação substantiva na ordem burguesa. Trata-se da grande crise econômica e social, que reponta no final dos anos 80 e que vai pontilar todos os anos 90 e a primeira década do século XX. É a transformação substantiva que culmina na passagem do chamado capitalismo concorrential, ou capitalismo da livre iniciativa, ao capitalismo do monopólio.

A idéia do monopólio tem como fenômeno - insisto, não derivado, mas como fenômeno implicado - um padrão de organização política e de organização corporativa na classe operária, que estão nas origens, nas bases mesmas, do moderno partido político e do moderno movimento sindical. Evidentemente é possível fazer uma análise desse processo, compreendendo esse padrão de associativismo operário, tanto do ponto de vista categorial quanto do ponto de vista classista, ou seja, tanto no nível do movimento sindical, quanto no nível do partido político, como uma resposta operária, consciente, elaborada, teoricamente fundada, inclusive, a partir de práticas setoriais, a um movimen-

to de centralização do capital.

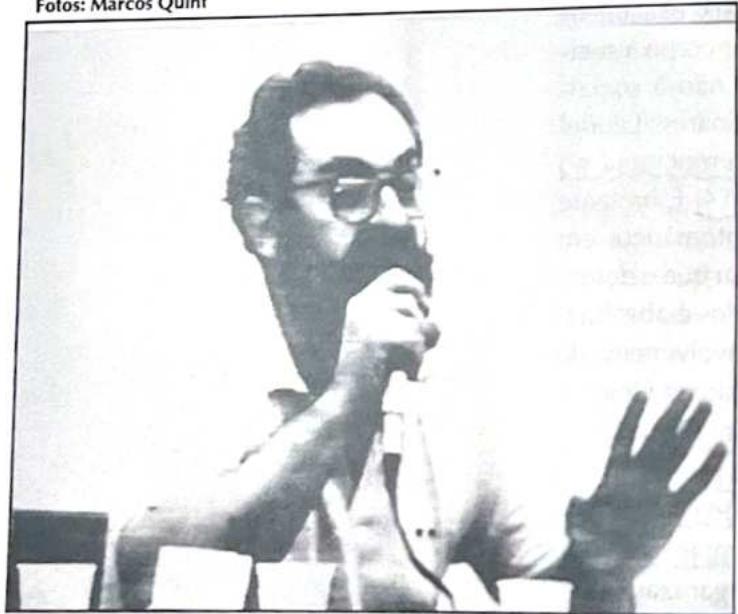
Uma das implicações do desenvolvimento do monopólio foi a resposta organizada da classe operária, tanto no moderno padrão sindical, quanto no moderno partido político. Se isto é verdade, parece que, ao transformar-se substantivamente, o modo de produção capitalista na etapa madura do monopólio trouxe também, como implicação, metamorfoses no padrão de organização societário e político da classe operária e do conjunto dos trabalhadores. Está mais ou menos estabelecido que o padrão de desenvolvimento capitalista que emerge nos primeiros vinte anos deste século, e que vai encontrar o seu patamar ótimo de desenvolvimento em seguida à Segunda Guerra Mundial, experimenta uma clara reversão em meados da década de 60.

Para usar uma terminologia conhecida, já bastante aceita, ainda que insatisfatória e insuficiente, eu recorreria a Mandel com a recuperação da tese acerca das ondas largas, das ondas longas de crescimento, e a reversão nas ondas longas recessivas. Para ser curto e grosso, Mandel diz o seguinte: entre 45 e meados da década de 60, o que se tem é um desenho, uma dinâmica capitalista fundada em ondas longas de expansão, onde os momentos de crise, especialmente a clássica crise cíclica, são meros episódios, episódios facilmente recuperáveis pela lógica do capital.

A partir de meados da década de 60 esse padrão se inverte. Ao invés de ondas longas de crescimento se tem ondas longas recessivas, onde o pico, onde o episódio não é mais da crise mas da recuperação. Trata-se de uma hipótese, ainda que insuficiente, explicativa da natureza do capitalismo contemporâneo, e é bom deixar claro que essa mutação no capitalismo não faz com que ele deixe de ser capitalismo: ele continua repondo e reproduzindo ampliamente todas as contradições inerentes a essa forma de organização, e produção social. Aceitando essa hipótese como uma hipótese explicativa,

“... não é a crise que vai liquidar a ordem burguesa. Ela é um componente endógeno da própria dinâmica do capital. Não é esta crise global que pode levar ao túmulo esse quase defunto, em torno do qual se especula a sua agonia há alguns decênios.”

Fotos: Marcos Quint



pelo menos a nível provisório, fica bastante claro que há uma dupla resposta a essa reversão da dinâmica do crescimento econômico. Há primeiro uma resposta do grande capital. Essa resposta tem sido qual?

Do ponto de vista da organização da produção, está bastante claro - e há uma bibliografia mais do que suficiente para isso - que o capital começa a implementar, a partir de meados da década de 60, mas muito especialmente a partir dos anos 70, toda uma flexibilização na sua capacidade de reconversão industrial. Isso passa por uma flexibilização tanto do ponto de vista topológico, espacial, quanto do ponto de vista da própria concepção da unidade produtiva. É evidente que isso afeta, diretamente, o ecos do trabalho, as relações do trabalho e a própria inserção da classe operária no processo produtivo. Com as implicações que toda uma Sociologia do Trabalho começa, de maneira muito ingênua, a perceber como se fossem descobertas da América, reivindicações da pólvora, da roda, etc. "Oh! A classe operária está diferenciada", "a classe operária já perdeu a sua identidade". Até no limite, é supor que a classe operária, o conjunto dos trabalhadores, não constitue mais classe.

Do ponto de vista sócio-político, a proposta do grande capital é conhecida. É uma proposta que conduz à redução clara de todas as garantias e direitos sociais que nos primeiros cinqüenta anos desse século os trabalhadores obtiveram, à custa de uma enorme luta e sacrifícios imensos. Isso aparece mais recentemente na retórica neo-liberal que, sabemos, não tem absolutamente nada de neo-liberal, é francamente conservadora, e configura mesmo um projeto político da direita, provavelmente o único projeto político que a direita conseguiu articular, organicamente, na segunda metade desse século.

Do ponto de vista ideológico nós sabemos que as implicações são as mais deletérias. É a recuperação do individualismo, do intimismo, a desqualificação do público, a desqualificação da

ação coletiva, e, muito especialmente, a retomada da ideologia do "salve-se quem puder". Mas essa proposta - e isso é que é paradoxal e estranho - que tem mostrado uma enorme capacidade de reconversão, de adaptação da estratégia do grande capital, não tem encontrado no movimento operário, incluídas aí as suas tendências socialistas, o mesmo tipo de resposta. Tem ocorrido uma enorme defasagem. E há estudos suficientes, tanto na Europa Ocidental, quanto nos Estados Unidos, a mostrar que as práticas fundantes do movimento operário, tanto no plano corporativo, quanto no plano político-institucional maior, ou seja, tanto no plano sindical, quanto no plano dos partidos, têm sido reiteradas sem a consequente e a necessária adaptação ou conformação aos novos padrões impostos pelas mutações do desenvolvimento capitalista. Alguns exemplos são óbvios.

Exemplo do atraso em responder as demandas

Parece-me que dois deles são suficientes para dar a idéia do que quero sinalizar. Vocês sabem que desde 1958, quando se firma o Tratado de Roma, há um projeto da unificação europeia, a famosa Comunidade Européia. A esquerda toda, em todos os países da Europa Ocidental, só considerou com seriedade esse processo a partir dos anos 70. Ora, em meados dos anos 80, o grande capital - se vocês quiserem, o monopólio germano-occidental, quando ainda existia a Alemanha Ocidental - começou a jogar pesado no processo de unificação, que é talvez a primeira constituição orgânica dos chamados megablocos. A partir de meados da década de 80 a comunidade europeia deixa de ser um projeto no papel.

*a idéia correu
em 1945*

Evidente que a dissolução dos regimes do Leste, no fim da década passada, introduziu uma série de complicadores para a união europeia, vocês sabem disso, inclusive determinou um atraso sensível na própria organização formal. Em janeiro desse ano já deveria

estar em vigência a livre circulação de pessoas, bens e serviços na comunidade. Isso só aconteceu agora, cerca de 20 dias atrás, a partir de primeiro de novembro de 1993. Só que esse processo não será tão idílico quanto certas burguesias nacionais europeias pensavam, se é possível falar em burguesia nacional, não no sentido de grandes interesses, mas apenas para delimitar a existência ainda do Estado Nacional. Elas imaginavam que esse processo ia ser mais ou menos idílico. Tudo indica que o processo será extremamente complicado. De qualquer maneira, o processo está avançando, já é uma realidade. O movimento operário e sindical e os partidos de esquerda, foram pegos - perdoem-me a expressão - com as calças na mão. Não foram capazes de acompanhar esse processo e estão encontrando agora, na década de 90, as maiores dificuldades para acertar as suas diferenças.

Já nos anos 80 havia uma diferenciação de visão, por exemplo, entre o movimento operário francês e o movimento operário italiano, entre partidos de esquerda franceses e italianos com relação à comunidade européia. Eles não foram capazes sequer de acertar uma estratégia, uma plataforma programática comum mínima para enfrentar a unidade. Isso parece-me um exemplo claro, visível, de como a capacidade de antecipadora do grande capital está sendo muito maior que a do movimento operário e sindical e dos partidos de esquerda para encontrar formas de desbloquear a crise.

É claro que essas formas remetem a objetivos inteiramente diferentes. O objetivo do grande capital não é, não tem sido, e nem pode ser, o objetivo das massas trabalhadoras. Agora é curioso que o grande capital tem conseguido um poder de antecipação, uma capacidade de projeção, que nós não temos encontrado na sua contrapartida, que é o movimento operário. Mas há mais exemplos.

Retomando ainda a questão na Europa Ocidental, que é o espaço, sob

esse aspecto, que está melhor estudado, desde a década de 80. O assalto e o combate aos direitos sociais, às garantias sociais, tem sido uma sistemática das burguesias europeias. O cerceamento, a redução, a restrição, tanto dos chamados benefícios sociais, Estado de Bem Estar Social, quanto das próprias garantias políticas de participação dos trabalhadores tem sido uma constante. E curiosamente, quando a gente pensa nisso, vem logo à mente a imagem lá da Dama de Ferro, ou mais apropriadamente, a Megera de Ferro, a Senhora Thatcher, que imobilizou a Inglaterra durante uma década. Mas é um equívoco pensar nisso, porque as mesmas políticas foram conduzidas, no continente, pelos partidos de inspiração social-democrata.

Quem está levando essa política de restrição a direitos sociais tem sido: na Espanha, Felipe Gonzales; na França, Mitterrand; para não falar em Portugal, onde é muito difícil saber hoje qual a diferença entre um Partido Socialista e o Partido Social Democrata, que é claramente um partido de direita. Nós temos indicadores suficientes para perceber que em face dessa crise global está havendo uma enorme capacidade de antecipação e de projeção estratégica do monopólio. Alguém pode dizer: isso é natural, afinal de contas a sociedade não é um espaço de contradições e de tensões simplesmente, é um espaço de contradições e de tensões com uma clara hegemonia política, e nós sabemos que por trás de hegemonia política, frequentemente, se não quase sempre, existe dominação.

Eu diria que as coisas não são tão simples assim. Se nós observarmos - e por isso eu fiz referência histórica à gênese desse processo - o último quartel do século XIX, o que temos é um enorme poder de antecipação do movimento operário, capaz, naquela conjuntura, de mostrar, mesmo considerando-se o seu enquadramento histórico, as limitações da época, uma capacidade de antecipação e de projeção, igual ou superior a das suas burguesias. Hoje

nós nos encontramos com um fenômeno que a mim me parece inteiramente inverso. Não creio que isto seja natural ou lógico. Isso aponta para fraturas no domínio político, no seio do movimento operário desse século.

Depois de 45 esse movimento, nas suas várias expressões (creio que a expressão política do movimento operário é a expressão diferenciada) tem se revelado extremamente inepto para promover a projeção de cenários alternativos à crise burguesa. A diagnose desse quadro escapa a minha competência. Parece-me que há um elemento que ressalta numa análise menos perfumária, menos superficial, que é o peso, o lastro, da tradição vitoriosa do movimento operário até a Primeira Guerra Mundial, como emblemática e como matriz de uma certa experiência classista que não conseguiu se renovar.

Eu não creio que passem impunemente ao longo desse século todos aqueles fenômenos que num certo segmento do movimento operário revolucionário, socialista-revolucionário, levaram a marca daquele processo extremamente complexo, que de maneira simplificada se denominou de Stalinismo. É evidente que há uma forte responsabilidade da autocracia stalinista e dos partidos que reproduziam os modelos dessa autocracia nos seus respectivos países, em relação a esse congelamento do movimento operário.

Mas não creio que esse seja o fator ou a causalidade mais saliente. Há um elemento, especialmente a partir de 1945, que nós da esquerda não consideramos suficientemente, que é um processo de matrização ideológica de que se revelou capaz o capitalismo monopolista, e aquilo que mais recentemente Mandel chama de "o capitalismo tardio". Para retomar uma formulação clássica, as condições objetivas para ultrapassar a ordem burguesa estão dadas. Chegamos a um ponto em que o desenvolvimento das forças produtivas é de tal ordem, que cresce cada vez mais a ponderação do trabalho morto sobre o trabalho vivo - e o capital só

pode explorar trabalho vivo e não trabalho morto.

Essa dinâmica hoje chega a um patamar que põe claramente, em termos objetivos, a possibilidade da maioria da sociedade, da massa trabalhadora, organizada, tomar em suas mãos o direcionamento da vida social. E, no entanto, em face dessa objetividade do desenvolvimento das forças produtivas, é precisamente aqui que se revela sua fragilidade. Aquilo que na terminologia política clássica se chamava de fatores subjetivos, os elementos subjetivos. É aí que eles revelam toda a sua pouca densidade. E creio que seria muito simplista dizer que isso é resultado da traição das direções políticas, sejam sindicais, ou partidárias; a burocracia stalinista, a aristocracia operária; penso que essas explicações não são suficientes. Há que buscar esse fenômeno num processo de maior complexidade e de profundidade. Esse complexo foi a capacidade que o capital, com a sua lógica e os seus estrategistas, demonstrou e tem demonstrado, de ganhar a consciência política dos homens.

A crise da incapacidade e da inconsciência política

Há alguns exemplos recentes que vocês também conhecem, eles são meio óbvios, mas eu creio que, como dizia o velho Hegel, o óbvio precisa ser muito pensado. Logo depois que caiu o muro de Berlim, para alegria do Estado de São Paulo e de outras instâncias desse país, publicou-se em todas as revistas uma foto fantástica: três operários do leste chegam ao oeste e param diante de uma vitrine iluminada onde se mostrava um BMW, e os três trabalhadores estão fascinados com o BMW. É o óbvio que eles jamais terão um BMW, todo mundo sabe disso, inclusive eles. No entanto, a capacidade emblemática de um carro numa vitrine, no momento em que ruía um mundo, mas um mundo que garantia a todos o emprego, casa, educação, saúde, é enorme. (Aliás eles estão descobrindo isso, vocês viram as

últimas eleições na Polônia, é fantástico. Nós estamos vendo como é que esse democrata, o Leitzen, está abrindo caminho para a restauração do mercado, com os métodos mais suaves, democráticos, convincentes e persuasivos.

Mas o que interessa é a importância emblemática daqueles três trabalhadores diante do BMW, aí está um retrato claro da nossa crise. A crise da incapacidade, da consciência política. Vamos chamar, genericamente, a incapacidade das forças de esquerda de mobilizarem massas de milhões de homens para uma vida diferente. Alguém argumentará: essa análise, muito pessimista, catastrofista, não leva em conta o surgimento de novos sujeitos sociais, de novos sujeitos coletivos. Não se trata de pessimismo. Uma das características, também desses últimos 25 anos, é que tem crescido como cogumelo, em todas as sociedades ocidentais, não do ponto de vista geográfico, mas do ponto de vista político, segundo Gramsci, toda uma série de movimentos, alguns inclusive moleculares, de base, que vão configurar os chamados órgãos de movimentos sociais. Órgãos que realmente sinalizam uma potencialidade organizadora, de vinculação, que poucos analistas da sociedade, até alguns anos atrás, poderiam prever.

No entanto, essa pulverização, esse crescimento de vários sujeitos coletivos, em si mesmo não me parece nenhum elemento positivo, porque até agora não se inventou nenhum instrumento de totalização de vontade política como o partido. Ora, a crise dos partidos, não casualmente é concomitante, é simultânea, ao surgimento dessa plethora de movimentos sociais. Vejo que alguns teóricos, alguns chamados cientistas políticos, ficam fascinados, dizendo: "bom, os partidos já tiveram a sua função esgotada, agora são os novos sujeitos coletivos". Isso parece-me extremamente perigoso, porque essa capacidade ideológica do capital, de manter a iniciativa, tem conduzido inclusive a um processo de corporativização desses movimentos, que tendem a se colar

à sua particularidade.

Eu diria que o drama do pensamento e da prática política, nessa década, é, aproveitando essa riqueza e essa potencialidade, que tem se expressado no surgimento desses movimentos, engendrar um instituto, que tradicionalmente foi o partido político, capaz de totalizar as demandas particulares, que não são necessariamente particularistas, num projeto de vontade política macroscópica. Sem essa alternativa, creio que essa possibilidade de mobilização, essa potencialidade de riqueza, pode derivar numa - perdoem-me a expressão, é exatamente essa - cogumelização da sociedade. Nós teremos vontades parciais, que tenderão inclusive, num jogo de soma zero, a se anular. Essa crise das funções tradicionais, do partido e do sindicato, mesmo correndo lado a lado com o surgimento de novas possibilidades de agregação, de nucleação social, põe o seguinte problema (e do meu ponto de vista, modestamente, este é o grande desafio): encontrar, para além das relações tradicionais de partidos e sindicatos, um instituto político que seja capaz de organizar, numa vontade política, o conjunto de expressões políticas-setoriais da sociedade. Eu juro que eu não vou chorar por isso.

Essas observações são postas, insisto, apenas como hipóteses de trabalho, mas elas seriam incompletas se eu não assinalasse, seguindo inclusive a indicação de quem parece ser um lúcido analista da contemporaneidade, que é o professor Robinton, aqueles que me parecem ser os três desafios imediatos para aqueles que não apostam na barbárie. O primeiro, diz Robinton, é a distância crescente entre ricos e pobres, em escala planetária, ou seja, entre países ricos e pobres, mas também entre ricos e pobres no interior dos países ricos e dos países pobres. É a questão crônica, na ordem burguesa, da concentração da renda e da propriedade.

Diz Robinton que há um segundo desafio imediato, posto pela emersão, ou se vocês quiserem, pela reemersão

da xenofobia e do racismo: quem fala em xenofobia e racismo, fala diretamente na possibilidade do fascismo, já que estamos na idade do monopólio. O terceiro desafio, diz Robinton, é o da crise ecológica, que ameaça a todos. Esses três desafios podem ser respondidos positivamente por várias vias. Mas, seguramente, não serão resolvidos pelas vias dos mecanismos de mercado. Se isto é verdade, e insisto, "se", mas me parece que é, a questão da relação entre partido e sindicato, e muito especialmente, a questão da renovação das funções de partidos políticos e sindicatos, se põe não mais como uma questão da teoria política, mas se põe como uma questão candente, urgente, da prática política imediata. Não se inventou até agora, nenhuma forma de agregação, e insisto, de organização de vontade política, que não passe pela instituição partido e que não seja mobilizada pela organização sindical. Na medida em que esses dois níveis da expressão dos trabalhadores registram os impasses contemporâneos, nós podemos supor que a hegemonia e a dominação do capital podem se estender por mais tempo, por um prazo histórico maior do que aqueles que seriam suportáveis em termos de custos humanos toleráveis. De qualquer maneira, eu diria que a velha "toupeira", de que fa-

lava Marx, continua operando, ou seja, a história tem sido, sistematicamente uma caixa de pandora, uma caixinha de surpresas. Se nós iniciarmos essa década ou vindo Francis Fukuyama decretar o fim da História, eu estou convencido que pela própria dinâmica,posta pela lógica do capital, nós terminaremos essa década com uma panorâmica das possibilidades de movimento dos trabalhadores, distinta, porque em todas as latitudes, ao mesmo tempo em que se registram esses sinais de crise que mencionei, também se registram, ainda que de forma tênue e embrionária, formas novas de luta, sobretudo uma consciência crescente, a de que a ordem burguesa não pode dar conta dos problemas que ela mesmo engendra. É claro que entre essa percepção e um encontro de formas concretas, capazes de ultrapassar essa ordem social, vai uma enorme distância. Já se pensou mesmo que a criatividade e a combatividade dos homens é sempre convocada."



“...um dos traços dessa crise global é que instituições, partidos e sindicatos no mundo inteiro estão passando por um processo de metamorfose muito rápido. Em parte eles estão sendo impedidos do cumprimento das suas funções tradicionais, sem vislumbrar novas funções que possam cumprir.”

Colocações feitas durante o debate

Quero falar nas novas funções das forças armadas nos megablocos. Eu estava na Europa no dia da União Europeia, quando se criou a Europol, a Polícia Europeia. As prioridades dela são as seguintes: primeiro, reprimir a imigração ilegal; segundo, o terrorismo; terceiro, o narcotráfico. Leia-se, a primeira prioridade é impedir que o trabalhador vá procurar emprego. Ou seja, bate perfeitamente com essa idéia de um redesenhamento do papel das forças repressivas.

Sobre o pós-moderno, tem os que

tomar cuidado com isso. Foi levantada a questão de que internacionalmente há um movimento de dissindicalização e eu cada vez mais estou convencido de que esse é o maior exemplo da crise dessa instituição. Eu não sei qual é a alternativa, mas uma coisa está clara: a matrização desse movimento não responde mais ao tipo de sociabilidade que está aí, ou seja, o padrão da emergência do capitalismo monopolista. Hoje essa regra do jogo mudou e o movimento dos trabalhadores e o movimento socialista não estão sabendo responder. E



"O grande capital tem conseguido um poder de antecipação, uma capacidade de projeção, que nós não temos encontrado no movimento operário."

...obrigado a fazer o que o capitalismo nos impõe. ...não temos encontrado no movimento operário...

não creio que é por incapacidade endógena, a coisa é muito complicada. Enquanto o capital financia os seus estrategistas, seus pesquisadores, o lado de cá não tem essa força. Vamos por o pé na terra. Isso é luta de classes mesmo.

Sobre o problema da possibilidade de socialização da política, para usar um termo clássico, eu diria o seguinte: o capitalismo

põe essa possibilidade, mas ao mesmo tempo põe limites. Cria-se um espaço de tensão onde vontades políticas podem se concretizar, se plasmar. Eu diria que para a classe operária, no final do século XIX, a organização sindical era uma necessidade de sobrevivência, no sentido de manter um patamar limpo para a força de trabalho. Era uma necessidade do ponto de vista da classe operária e uma possibilidade objetiva que a ordem burguesa já colocava. Hoje, eu creio que a necessidade permanece no mundo do capital, mas a possibilidade, que a ordem burguesa punha no século XIX, tende a se estreitar hoje. O que foi uma condição para o desenvolvimento do capitalismo se mostra hoje como um limite. É por isso que o desenvolvimento do capitalismo tem se mostrado cada vez mais conveniente com o desenvolvimento das instituições democráticas. A democracia política, mais do que formal, foi uma possibilidade posta pelo capitalismo, inclusive, num certo momento, a necessidade para o seu arranque. Hoje, ela é cada vez mais uma fronteira e por isso o capital tem que limitar e esvaziar os instintos democráticos.

Quanto ao socialismo, eu não tenho muita clareza de como é que funcionavam os sindicatos, apesar de ter conhecido na prática a experiência da vida sindical nos países socialistas. O sindicato era uma repartição burocrática a

serviço do Estado e partido. O dirigente sindical nunca trabalhou, ou se trabalhou, entrou numa fábrica, foi cooptado pelo partido no dia seguinte, nunca mais voltou e virou gerente de vida sindical. A sensação que eu tenho é de que era inteiramente artificial e formal.

Nós devemos pensar com cuidado a questão de uma instância única de partido. Eu vejo o movimento político da burguesia e vejo que, sem prejuízo das frações que a compõem, dos interesses coniventes no seu interior, ela caminha sistematicamente para uma unidade internacional. É a expressão da centralização e da concentração do capital. Enquanto isso, nós do lado de cá, falamos do pluralismo, da multiplicidade, dos vários sujeitos. Não tem um negócio estranho nisso?

Vocês já ouviram falar da famosa mesa de câmbio do Banco Central? Quando o chamado "black" começa a disparar, o Banco Central intervém no mercado. Vocês sabem como isso se dá? No Brasil giram, diariamente, em torno de 60 milhões de dólares nesse mercado nulo da compra e venda das agências de doleiros. Na mesa de câmbio do Banco Central, existem três caras, com três telefones. Doze doleiros controlam o "black" no Brasil. Eles pegam o telefone e dizem para o doleiro de São Paulo: "não bota isso muito alto não, senão nós vendemos os nossos dólares". Esse é o controle. Já ocorreu a vocês pensar como é que chega o feijão e o arroz na nossa mesa? Nas cidades de médio ou grande porte, 450 atacadistas controlam o comércio de grãos. E nós estamos alegremente dizendo: "Olha como crescem as organizações populares". Quer dizer, o lado de lá se concentra e nós achamos que a divisão é ótima. É claro que o problema não pode ser posto em termos de divisão.

Há interesses cada vez mais diferenciados no campo popular. Esses interesses, marcados sobretudo por diferenças que vão de etnia à ordem cultural, têm que ter a sua expressão. Não se trata de reprimi-los ou de homogenei-

zá-los, mas de reconhecer que, se não há a universalização de uma vontade política, não se enfrentará a ordem burguesa. Quando se fala nessa universalização, se está falando de partidos políticos, de movimentos mais articulados em cima de uma vontade unitária. Sem isso, a tendência, e eu posso estar enganado, é uma crescente corporativização nos movimentos, porque eles têm uma lógica particular de interesses determinados. Notem que isso não os desqualifica. É a sua dinâmica e é saudável que sejam assim. Agora, sem a unificação de uma vontade política universal, universal no sentido de expressão de interesses que transcendam esses particularismos, eu creio que vai ser muito difícil evitar a pulverização das lutas.

O dramático, nessa virada de século, é que as lutas particulares crescem, os seus sistemas de expressão ganham organicidade, mas não se articulam em instâncias mais altas, que universalizem essas vontades. A crise dos partidos políticos me preocupa profundamente. Não é uma crise dos partidos da esquerda, é dos partidos em geral. A sociedade americana é o exemplo mais acabado disso. Lá existe um enorme respeito e vigência dos direitos civis e da cidadania. Os direitos civis são um componente da cidadania. A sociedade norte-americana é extremamente organizada do ponto de vista de interesses particulares e aí o capital foi capaz de corporativizar isso a tal nível que a expressão do movimento sindical, na sociedade americana era dominada por mafiosos. Nesse sentido, eu acho que é preciso repensar essa idéia de que a articulação de uma vontade coletiva, de uma vontade política, que não passa por um partido ou uma instância, não se expressa organicamente numa única instância. É preciso repensar se isso é autoritarismo. Eu acho que não é. Dizer isso é muito antipático, mas eu acho que essa categoria, o autoritarismo, é uma pérola.

Nós estamos discutindo coisas sérias, que nenhum de nós controla na

sua magnitude. Partido é sempre prático, mas não há um que tenha sido capaz de promover significativas operações históricas, se não foi capaz de representar o todo. Quando a gente dá uma olhada na Revolução Francesa, o êxito dos jacobinos, durante algum tempo, foi possível porque eles encarnavam a idéia de povo. A idéia de povo é abstrata, não corresponde ao real, não é uma totalidade homogênea. Mas, quem não é capaz de universalizar a sua vontade não ganha. Eu acho isso tão óbvio em termos políticos que me espanta ter que voltar a discutir isso. Não se trata de construir uma totalidade de cima para baixo, enquadrando movimentos e organizações. Se trata de articular sobre uma pluralidade concreta um projeto coletivo, e há exemplos históricos disso. Quando a gente assiste ao processo de reconstrução da Itália em 1945, a Revolução cubana nos seus primeiros momentos, a experiência da Frente Sandinista, eu não vejo aí nenhum elemento de absoluta novidade radical. Esse é um processo que a história contemporânea, às vezes de forma mais ampliada, mais exitosa, vem realizando ou não.

A necessidade de uma instância globalizadora

Tenho sentido nos debate uma enorme má vontade contra a idéia de partido, qualquer partido. Como se fosse possível a totalização de vontade política sem esse tipo de instância. Eu até estou disposto a convir o seguinte: os partidos não são lá grande coisa, mas o que a gente vai por no lugar? A luta do Zé da Silva e seus quatro amigos pela bica na favela? Não é possível pensar o mundo contemporâneo nesses termos. Há uma globalização indiscutível. Aquele mercado mundial que Marx trabalhava como uma tendência, hoje é dado. As soluções também têm esse caráter. Agora isso não exclui, pelo contrário, supõe a riqueza de lutas, de formas de organização, formas de agregação particulares. Eu quero insistir, há

necessidade de uma instância totalizadora e essa instância é mutável, essa totalização também é cambiante. Não é dado para longos períodos de história. São conjunturas. Nesse sentido, o partido só é capaz de operar transformações significativas se, enquanto parte, ele for capaz de recolher uma magnitude de interesses que permita, na sua programática, o reconhecimento de setores muito diferenciados da sociedade. Sem isso a possibilidade da grande política torna-se inviável, e não vamos poder pensar política em termos de decisões macroscópicas da vida social. Enquanto o capital faz isso e muito bem.

Toda vez que deu fusão de partido e Estado foi um desastre. Isso para mim é absolutamente indiscutível. A experiência histórica não permite nenhuma vacilação. No entanto, eu quero chamar a atenção para um problema que não foi resolvido, a questão da autonomia dos sindicatos em posse dos partidos operários. Todo militante de esquerda, quando está no seu sindicato diz o seguinte: "o sindicato é autônomo em face do partido". Em todos os lugares do mundo, os partidos criaram as suas centrais sindicais. Não é experiência brasileira. Eu acho que os companheiros do PT tem que reconhecer claramente que a CUT é o PT. Na Itália, os comunistas tem uma central, a democracia cristã tem outra. Isso rachou em todos os lugares do mundo.

A questão da autonomia foi posta num momento em que a vida sindical tinha mais vigor que a expressão partidária no movimento operário. Essa situação se inverte, nos anos 20, e veio o enquadramento sindical, via partido. A gente vai ter que discutir isso em algum momento, com muito realismo, para não ter essa hipocrisia de dizer que o sindicato é

autônomo. Isso tem elementos de extrema negatividade; freqüentemente o sindicato, ou o movimento sindical, funciona como correia de transmissão do partido. Mas eu acho que ele também tem potencialidades políticas, como elemento de expressão classista. É um fenômeno muito contraditório.

Quanto ao trabalho, primeiro eu discordo que ele seja sempre a mesma coisa. Trabalho alienado é trabalho assalariado, posso perfeitamente conceber uma fórmula de objetivação pelo trabalho que seja a expressão daquilo que os clássicos chamavam a essência genérica. O que eu acho que hoje está em questão é a contradição essencial do mundo do capital. Com o desenvolvimento das forças produtivas, cresce a ponderação do trabalho morto, diminui a do trabalho vivo. O capital, para produzir cada vez mais, precisa cada vez menos de trabalhadores. Isso é uma lei no sentido de tendência do desenvolvimento do capitalismo, que cria uma multidão de excluídos. Agora isso não significa, de forma alguma, que se possa suprimir o trabalho. O trabalho é um metabolismo entre sociedade e natureza, esse vínculo é impensável de ser eliminado. O que nós podemos e devemos eliminar, numa óptica de juízo de valor, é uma organização que faz da força de trabalho uma mercadoria e que acaba sendo um circuito fechado de auto-reprodução.

Se há uma possibilidade de dizer que a luta contra o capitalismo não é um delírio inviável, um sonho maluco é que esse sistema traz em si a sua própria possibilidade de supressão. Portanto, não é uma utopia. É explorar uma tendência efetiva que existe. Nós nos aproximamos da barbárie porque o capital produz para o desenvolvimento das forças produtivas, pela robotização, por exemplo, uma população cada vez mais excedente para o capital. Nessa mesma medida, nós não estamos encontrando formas de articular uma vontade política que rompa esse anel de ferro. Nesse sentido, a barbárie é uma possibilidade. A Europa unitária está

"O drama da prática política, nessa década, é engendrar um instituto, que tradicionalmente foi o partido político, capaz de totalizar as demandas particulares, que não são necessariamente particularistas, num projeto de vontade política macroscópica"



apontando para isso. Algumas franjas extremamente desenvolvidas no mundo burguês, cercada por um exército de bárbaros, morrendo de fome, se trucidando. Eu acho que essa situação só é pouco provável, porque o pouco que nós conhecemos de História até hoje nos mostra que os homens, só em situações muito atípicas, são capazes de assistir o seu próprio sacrifício de braços cruzados. O pouco que a gente sabe sobre a sociedade, cultura e história nos diz que os homens não vão facilmente para o matadouro. Então é perfeitamente possível que esse processo seja revertido. Eu não tenho dúvida de uma coisa: o que está na base das possibilidades de barbarização e das possibilidades de humanização, de ultrapassagem da alienação, a reivindicação, até a exploração é precisamente esse desenvolvimento capitalista extremamente contraditório. Mas, atenção, revolta, recalque, sentimento de exclusão, nunca fizeram a história andar para frente, o que faz a história andar para frente é alto grau de consciência política.

As tentativas de redução da jornada de trabalho

Sobre a redução da jornada de trabalho, eu quero lembrar a experiência dos franceses e italianos. Em meados dos anos 70, o movimento sindical começou a brigar: "vamos reduzir jornada de trabalho para abrir mais possibilidade de absorção da força de trabalho que está emergindo na sociedade". O resultado foram os chamados "tigres asiáticos", trabalhando 10 horas por dia e 360 dias por ano. Eles ganharam a competição e quebraram parte da indústria da eletrônica fina desses países, ou seja, além da contradição interna, própria da ordem burguesa, você tem uma competição intercapitalista ou, se quiserem, interimperialista, que complica mais ainda esse quadro. Houve outras tentativas de alguns setores do movimento sindical de reduzir a jornada de trabalho. A experiência da Volks alemã é emblemática quanto a isso.

Reduz a jornada de trabalho em alguns períodos do ano, quase criando uma sazonalidade. Mas isso evidentemente não vai resolver, porque enquanto isso os japoneses estão lá, sem feriado, sem dia santo, a cultura do trabalho como penitenciária.

Esse quadro só leva a perceber que esse sistema está se aproximando daquilo que eu chamaria de limites estruturais. Não quero dizer que ele vai arrebentar amanhã, mas ele pode passar a se reproduzir compulsoriamente, a ponto de barbárie. Eu posso perfeitamente visualizar uma Europa, ou um NAFTA, com uma bela fronteira, um muro de 15 metros de altura, ali ao sul do Rio Grande, para os mexicanos não pularem. Posso perfeitamente imaginar uma economia capitalista funcionando desse jeito. Quero lembrar para vocês que no Brasil, um país de 150 milhões de habitantes, uma economia capitalista funciona, pelos padrões capitalistas, muito bem, com 30 milhões de consumidores, os outros 120 milhões não são problema do capital, são problema nosso. Então você pode pensar isso em escala mundial, exceto se a gente for usar uma teoria da crise pelo subconsumo, que não é a de Marx.

Eu não sou gramsciano, mas ele tem uma formulação que eu acho brilhante: há épocas históricas em que o que é velho ainda não morreu completamente e o que é novo ainda não nasceu completamente. Nesses períodos históricos temos configurações monstruosas. A ideia que eu tenho, e por isso eu uso a terminologia de uma crise global contemporânea, é que os partidos já não estão mais totalizando. Eu não sei se eles vão voltar. O que eu sei é o seguinte: aqueles partidos que nós conhecímos, nos quais nós militamos, eles não estão dando a resposta para isso. Eu não creio que eles estejam exauridos, eu acho, e aposto um pouco nisso, que eles são capazes de se redefinir. Quando eu digo se redefinir, é fazer com que sejam capazes de incorporar até a luta do Seu Zé pela bica, mas incorporá-la no sentido de dar a significação que ela efeti-

"O crescimento positivo da burguesia, seu projeto que fracassa que a burguesia, dos interesses conservadores em seu interior, quando se confronta com suas novas realidades internacionais. É a expressão da instrumentalização e da instrumentalização do capital. Segundo isso, nós em cada dia, falamos da globalização, da multiplicidade, das várias realidades."

vamente tem, para reprodução do Seu Zé, da família dele, da comunidade dele. Mas não é aí que passa o nível da política, no sentido de organização, da decisão de para onde vai o excedente, esse é que é o ponto.

Eu acho que os chamados meios de comunicação estão realizando um simulacro de totalização e, nesse sentido, eles operam uma brutal significação ideológica, mas creio que isso também tem limites. O que vai sair desse movimento de laboratório, de efervescência, eu não me atrevo a dizer. Até porque me falta pesquisa nesse sentido. Mas eu sempre me pergunto, por algumas analogias com o passado, embora a gente saiba que analogia é o pior caminho para chegar a qualquer conclusão: como é que estavam os atores políticos da Europa Ocidental em 1850? Estavam derrotados, desmoralizados, sem nenhuma alternativa à vista. Quatorze anos depois, essa alternativa apareceu. Como é que nós nos sentiríamos se estivéssemos na França em Junho de 1940? Mussolini, Hiroto e Hitler. O companheiro Stalin já tinha cortado a cabeça de toda a velha guarda bolchevique. O Trotsky já tinha levado a martelada e tínhamos acabado de perder a Espanha. Um império de mil anos parecia se afirmar. Durou muito pouco tempo.

Estou convencido que essa década é de uma transição muito rápida. Cabe à prospecção teórica investir na análise da realidade para encontrar aí os suportes das suas projeções. Não sei se alguém está conseguindo fazer isso. Agora eu queria fazer duas observações sobre esse negócio de história de um lado e trabalho de outro. Eu não concordo que em história cada um fale do jeito que quer. Eu acho que história é um processo objetivo. As leituras podem ser "n", mas isso não é um mero fato central, existe um elemento que é a prática social. Quer dizer, quem quer ser fazer ciência social com medo de projeção, não faz ciência social, faz crônica.

O velho Marx teve a coragem de dizer, à base de pesquisas, três coisas:

1) desenvolvimento capitalista implica concentração de capital, centralização de capital e reprodução ampliada da miséria relativa. 150 anos depois, não importa qual seja o ângulo do meu olhar, eu constato na vida social do mundo contemporâneo, o que? Alguém aqui tem uma fábrica de computador? Alguém aqui pode se meter a fazer avião? Houve ou não uma centralização e uma concentração? A miséria relativa, não absoluta, cresceu ou não? Dados absolutamente fidedignos indicam que o conceito de mundo desenvolvido, em termos relativos, levando em conta, inclusive, uma cesta de bens e de serviços, cobria em 1900, cerca de 33% da população mundial. Hoje, também levando em conta uma cesta de bens e serviços, essa área desenvolvida cobre 15% da população mundial. Ou seja, a análise histórico-social e a projeção que Marx fez é aferível. A gente tem que ponderar, porque senão a gente cai num relativismo que é um relativismo absoluto.

Entendimentos em relação ao trabalho

Quanto a questão do trabalho, eu acho que se está confundindo formas historicamente determinadas de produção e reprodução da vida, e evidentemente que isso é mutável. Não preciso pensar na Grécia, nem na Europa, pense no Brasil de 40 anos atrás e hoje. Essas formas são historicamente mutáveis e condicionadas; está se confundindo isso com o conceito marxiano de trabalho, que é outra coisa. É muito complicado, mas vamos ver se a gente se entende, porque isso tem implicações políticas sérias. Que é um ser social para Marx? É um ser objetivo. Que é ser objetivo para Marx? Aí é que vem na esteira de Hegel, de por a crítica de fora. Ser objetivo é aquele ser que, para se manter e reproduzir enquanto tal, precisa objetivar-se, ou seja, precisa ir além da pura singularidade. O homem para Marx é um ser objetivo que só existe enquanto tal na medida em que se obje-

tiva. Esse conjunto de objetivações, diz Marx, é aquilo que nós chamamos de práxis. Um modelo privilegiado de práxis é o trabalho. A práxis não se reduz ao trabalho, o trabalho é uma expressão da práxis. E o trabalho é entendido como uma objetivação dirigida. Dirigida a que? A criação das condições da reprodução social, isto é que é trabalho. Na velha Grécia, ele tomou uma forma. No capitalismo industrial, ele tomou outra forma, no capitalismo do monopólio, ele tende a tomar uma forma diferenciada.

Há um elemento que amarra isso, a objetivação, ou uma forma de objetivação que permite a reprodução do indivíduo e do gênero. É neste sentido que, para Marx, o trabalho é a condição histórica, molecular, para a existência da sociedade. Eu quero lembrar como é que ele inicia o capítulo nº 1 do Capital. Qualquer criança sabe, se uma sociedade parar de trabalhar uma semana, ela perece. Para mim só há um dogma: que não há dogmas. É o único. Mas toda antologia social de Marx está centrada no trabalho. O conceito de trabalho em Marx é esse: é a coisa mais antiga da humanidade. Mas para chegar a essa categoria foi preciso que a indiferenciação das formas de trabalho, só possível no capitalismo, permitisse o trânsito, toda aquela argumentação. Nesse sentido, pensar o trabalho como suprimível é infirmar a única categoria sobre a qual se ergue todo o edifício marxiano, que é a categoria mais importante, pelo menos na minha leitura de Marx.

A categoria fundante no pensamento de Marx é a práxis. Práxis supõe objetivação e a objetivação fundamental é o trabalho. Agora isso não significa que as

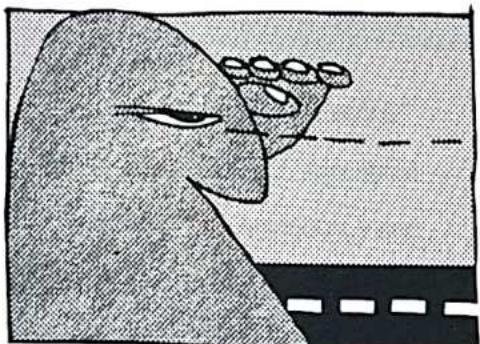
suas formas alienadas não sejam suprimíveis. É claro que são, mas a supressão das formas alienadas de trabalho não significa a supressão do trabalho. Marx não é hegeliano, em Hegel toda objetivação é alienação. Marx diz: há objetivações que não são alienações. Mas isso aí é um terreno de polêmica infundável. Eu só queria marcar a posição porque eu acho que isso tem implicações, tanto numa concepção antológica de ser social, quanto na própria visão de política, no seguinte sentido: isso bate com a discussão que estão travando aí, às vezes oblíqua, às vezes diretamente, que à questão da cidadania.

O que é fundamental na cidadania, na teoria política, é que ela, no seu estatuto, nunca foi fundada no trabalho, foi sempre fundada na propriedade. Quando os trabalhadores, a esquerda, falam em cidadania, estão pensando-a fundada no trabalho, aí muda completamente essa articulação. Só uma antologia do trabalho pode sustentar uma projeção de sociedade comunista, fora dela é impossível. Isso, segundo Marx, mas se tiver errado, a gente revisa na hora. Teoria tem de incorporar, a partir do princípio do revisionismo, de revisar mesmo se está errado - paciência, que tenha Marx, Hegel, ou o diabo dito. Vamos emendar esses caras: Entre nós não pode reger nenhum argumento de autoridade, não é?"



"O movimento político da burguesia, sem prejuízo das frações que a compõem, dos interesses coniventes no seu interior, caminha sistematicamente para uma unidade internacional. É a expressão da centralização e da concentração do capital. Enquanto isso, nós do lado de cá, falamos do pluralismo, da multiplicidade, dos vários sujeitos."

Mestre em Sociologia, o professor Antonio Carlos é autor dos livros "Burguesia e Capitalismo no Brasil", "Estado e Burguesia no Brasil" e, em fase de acabamento, "Marxismo e Democracia no Estado". Atualmente, ele leciona Ciência Política na Unesp - Universidade do Estado de São Paulo.



ob utlizanqo o d. lindolentis
ob ojperuonu ob o d. p. l. t.
ob ob abu , ual atnasp. l. t.
ob , emzilnq ob somat. ob ob
zehy abu , shabliqum
". z. z. z.

Dentro do ponto de vista burguês, é praticamente impossível apontar soluções ou articular uma análise profunda sobre o distanciamento entre o homem e seu produto, sobre a contradição que se estabelece entre alienação e consciência. Exatamente porque vivemos um momento onde surgem novas contradições, qualitativamente mais agudas, entre as forças produtivas e as relações sociais de produção, como produto efetivo do que se costuma chamar de "revolução técnico-científica" ou, como prefiro, "revolução científico-técnica". Esse processo abre uma perspectiva de crise que eu não diria catastrófica, mas extremamente grave, nas formas da sociabilidade capitalista. Coloca-se a possibilidade de uma travagem no processo de auto-reposição do modo de produção capitalista. Ao longo dos 150 anos em que o capitalismo se compôs, sua auto-reprodução se efetuou dentro de uma determinada lógica, dentro de uma ordem de produção e de organização, o que implica na própria organização da sociedade, fundamentalmente no que diz respeito à organização do trabalho. Entretanto, não podemos deixar de enfatizar que nos últimos 20 anos a sociedade capitalista agudizou as contradições que existiam anteriormente, determinadas pelas profundas mudanças provocadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico, que atingem não somente as formas tradicionais de organização da produção, a idéia de gerenciamento, a noção bur-

Antônio Carlos Mazzeo

guesa de Estado, etc; mas também, e como resultado imediato, as relações sociais de produção, e, particularmente, o movimento operário, que hoje busca novas alternativas de organização para enfrentar a atual etapa capitalista.

Com isso, queremos dizer que as idéias e concepções burguesas que se desprendem desse novo contexto do modo de produção capitalista devem ser entendidas como produto desse processo social, e não como "elaboração maquiavélica" de cérebros maquiavélicos. Essa agudização das contradições aponta, objetivamente, para alterações profundamente complexas que direcionam para mudanças na composição da sociedade capitalista. Não por acaso, o Jornal "O Estado de São Paulo", porta voz do pensamento da burguesia paulista, publicou um editorial destacando que a implementação do NAFTA provocará mudanças na organização do modo de produção, isto é, na própria estruturação do modo de produção capitalista.

A crise entre as novas forças produtivas e as relações sociais de produção emergentes provocam, de imediato, o desemprego em massa e o aumento do contingente de marginalizados do processo produtivo e, consequentemente, do consumo. Ao mesmo tempo se agudizam as tendências da monopolização, na medida em que não podemos mais pensar em capitalismo monopolista, mas em um capitalismo megamonopo-

lista, composto por megablocos. Esta nova organização societária, esta nova sociabilidade que se engendra, demonstra aspectos de alto teor complexivo, no que se refere à estrutura do capitalismo contemporâneo. Eu ouso dizer que existe uma possibilidade de que o capitalismo esteja vivendo uma crise semelhante à do sistema feudal, no século XII. O que isto significa? A travagem interna chega a tal ponto que o sistema, para se reproduzir, busca outras formas de organização da produção e que entram em contradição com a própria lógica interna de seu funcionamento. Consequentemente, temos alterações nas formas de trabalho. A classe trabalhadora também se metamorfoseia.

O desenvolvimento da robótica, da eletrônica, da química fina, da bio-tecnologia, etc., altera a composição da classe operária, introduzindo profissionais que anteriormente se integravam apenas indiretamente no processo produtivo e hoje constituem elementos essenciais no processo de produção, como os engenheiros, biomédicos, técnicos de informática, etc. Eles passam a dividir com outros trabalhadores especializados a linha direta de produção. Esse processo de sofisticação produtiva, que propicia o aumento da produção de mercadorias, tem como desdobramento a concentração dos recursos produtivos, isto é, o "enxugamento" dos espaços produtivos e dos gastos de produção e a concentração dos capitais. Ao mesmo tempo, a lógica das novas formas de produção permite concentrar também o trabalho, quer dizer, diminuir o contingente de trabalhadores no processo produtivo, favorecendo, de um lado, o aumento da mais-valia relativa e, de outro, ampliando o contingente de marginalizados da produção. Isso provoca modificações na própria composição do tecido social.

O redimensionamento dos Estados Nacionais

A exclusão dos trabalhadores do processo produtivo diminui o contin-

gente do exército industrial de reserva e amplia o desemprego estrutural, favorecendo o crescimento do lumpen-proletariado. Altera-se também a noção de espaço de atuação do capital, e a burguesia recoloca a idéia de Estado Nacional, como fica evidenciado no projeto da unidade européia, pensada há muitas décadas mas que se objetiva nos dias de hoje. Isso significa o redimensionamento dos Estados Nacionais, pelos quais milhares de pessoas morreram, e que tendem a se transnacionalizar. A velha lógica do capital desmorona. Hoje nós podemos seguramente dizer que estão surgindo os megaestados. Essa é a nova cara do Estado, o que deve interessar diretamente ao movimento operário; afinal de contas a bandeira internacionalista pertence historicamente ao movimento socialista.

Podemos dizer que o fenômeno da globalização do capital permite, em contrapartida, uma ação internacional mais eficaz do movimento operário, dos trabalhadores com plataformas de lutas e reivindicações unificadas, o que se constitui numa positividade enorme. Mas contraditoriamente, temos um aprofundamento do que Lukács chama de reificação, quer dizer, o capitalismo ultra desenvolvido da era global aprofunda a alienação, porque vivemos a maximização do individualismo, que é a pulverização do conceito do coletivo e do solidário. Objetivamente, esse processo nada mais é do que a fragmentação de todas as instâncias componentes da unidade complexa da hominidade, da Práxis humana, isto é, o divórcio entre o individual e o social, o natural (enquanto a concepção marxiana de corpo inorgânico) e a auto-consciência. Quando pensamos, por exemplo, nas novas formas de organização da produção, as formas de controle, como o CCQ, "just in time", etc., percebemos que seus elementos constitutivos básicos são justamente a concorrência de um trabalhador contra o outro, a quebra de solidariedade, a realização individual dentro da empresa, apontando para uma idéia de realização que seria

a mesma da lógica de auto-reprodução realizada por si mesmo, individualmente, onde o coletivo inexiste.

A **grosso modo**, esse é o contexto das novas relações sociais de produção engendradas por este novo momento vivido pelo capitalismo, o que significa uma crise de desestruturação do velho capitalismo, ou melhor ainda, da lógica consagrada da sociedade industrial. Nesse sentido, eu gostaria de chamar a atenção sobre um aspecto que eu entendo ser de fundamental importância. Não utilizei a expressão sociedade industrial por acaso, mas sim porque dentro dela, de sua lógica estrutural, desenvolveu-se também a experiência do chamado Socialismo Real, que ao longo de seus setenta anos não conseguiu construir uma alternativa de desenvolvimento fora da lógica da industrialização.

Como sabemos, o chamado Socialismo Real é o outro lado da moeda da sociedade industrial, da ótica da industrialização. Lênin, ao construir a NEP - Nova Política Econômica, nos anos 20, deixa isso claro em seu clássico texto **O Imposto Sobre Espécie**, onde estão expostos os principais elementos da NEP de transição. Explicando rapidamente: a Revolução Russa vive dois grandes momentos iniciais, de 1917 a 1920, o chamado Comunismo de Guerra, uma forma de organizar a produção dentro de um processo de guerra civil. Após a guerra, os comunistas separam-se com um país arrasado, e, para desenvolver as forças produtivas, Lênin implanta o que ele próprio chamará de Capitalismo de Estado, onde a lógica da estrutura produtiva e da organização da produção é capitalista. Lênin dirá: "vamos intrometer nessa ordem capitalista, conteúdos não capitalistas, como um

primeiro passo de transição, rumo ao socialismo, primeira etapa do comunismo".

Com a morte de Lênin, desencadeia-se uma feroz e brutal luta interna no Partido Comunista Russo, que culmina com a vitória do grupo liderado por Stalin, um processo muito mais complexo do que a implantação da ditadura pessoal de um homem. Explicar o processo histórico da construção da União Soviética somente a partir dos desmandos de Stalin, ou do stalinismo, constitui-se numa abordagem simplória.

O que podemos dizer é que a lógica de um capitalismo coletivizado começa a imperar na construção do socialismo. Essa lógica, a do capitalismo de Estado, consagrou-se como sendo a única via possível para a construção do socialismo. Pessoalmente, eu não gostaria de fazer aqui nenhum tipo de raciocínio especulativo, mas certamente se a morte de Lenin não tivesse acontecido tão prematuramente, a experiência da NEP teria outros desdobramentos. Obviamente, dentro desse caminho, mesmo com suas distorções, o movimento operário conseguiu grandes conquistas, não só no Leste Europeu, mas também no Ocidente. Não é possível entender as conquistas sociais do movimento operário ocidental fora do escopo engendrado no processo da Revolução Russa. O que significa que não podemos limitar a experiência do Socialismo apenas à essa primeira, que é vivida dentro de uma lógica que não rompe com a própria lógica da organização da produção capitalista.

Voltando ao problema do capitalismo dos megablocos, a burguesia, utilizando a crise da experiência vivida do socialismo real, propõe uma aparente reformulação do Estado, a partir da idéia do "Estado mínimo". Essa idéia, que em seu aspecto formal, tem a proposta de uma estrutura estatal mais ágil, nada mais é do que a privatização de todas as instâncias fundamentais do Estado, coerentemente alojada dentro da visão globalizadora neo-liberal, que busca transferir as atribuições do Estado para

"Hoje, nós podemos seguramente dizer que estão surgindo os megaestados. Essa é a nova cara do Estado, o que interessa diretamente ao movimento operário, afinal, a bandeira internacionalista pertence historicamente ao movimento socialista"



as grandes corporações privadas. Na América Latina, a maior expressão do projeto da nova fase capitalista é o NAFTA, que impõe a política monopolista dos grandes cartéis norte americanos ao Canadá e ao México. Nesse sentido, a chamada globalização da economia acaba aguçando as contradições de um novo e mais dilapidador tipo de imperialismo, o mega-imperialismo, formado pelos blocos econômicos (Ásia, Estados Unidos e Europa). E o mais interessante é que a idéia do Estado mínimo constitui-se, de fato, na subordinação das estruturas do Estado e da sociedade às grandes corporações capitalistas, o que significa, portanto, que a vida passa a ser privatizada em todas as suas dimensões. Este é um dos elementos mais importantes que aparecem nas transformações pelas quais passa o capitalismo contemporâneo.

A crise do Estado de bem estar social

Em primeiro lugar, o chamado "Welfar State", ou Estado do bem estar social, entra em crise porque temos uma elevação do contingente de pessoas que estão fora do processo de trabalho, justamente como produto dessa nova ordem engendrada pelas transformações tecnológicas no processo produtivo. O aumento do contingente dos excluídos onera demais o Estado, que não consegue suprir as despesas com os desempregados. A crise pela qual passa a Itália, ética, institucional e política, é o reflexo exemplar da crise do Estado benfeitor, de uma economia que não suporta subsidiar um enorme contingente de trabalhadores que, por estarem fora do mercado de trabalho, vivem do salário desemprego. Este é um fenômeno que ocorre em toda a Europa. Não é por acaso que uma das primeiras medidas do Tratado de Maastricht, tratado que sela a unidade europeia, é retirar as grandes conquistas feitas pelo movimento operário e, o que é mais preocupante, é a incapacidade do movimento operário responder positivamente à es-

tas perdas gradativas, que os governos europeus, através do projeto da unidade europeia da burguesia, tem imposto aos trabalhadores. Um exemplo claro é o das mulheres na França, que tinham conquistado o direito de não trabalhar à noite, em função da maternidade. Agora, há toda uma movimentação, por parte da burguesia, para acabar com essa conquista. Além disso, outros setores da sociedade europeia estão sendo atingidos pelas medidas restritivas de Maastricht, como os camponeses produtores de queijo, alvo da lei da pasteurização do leite, ou ainda os pequenos produtores de vinho, através da padronização da produção vinícola, etc.

Vemos, portanto, todo um contexto que agudiza ainda mais a contradição entre capital e trabalho, diminuindo a importância da velha contradição norte-sul. Explicando melhor, há 20 anos atrás, podíamos pensar no chamado primeiro mundo, a partir de um determinado patamar de bem estar social, inexistente no terceiro mundo. Hoje, vemos o surgimento de grandes bolsões de miséria que reproduzem no primeiro mundo situações de terceiro mundo. Podemos ver na estação de trem de Bordeaux situações semelhantes às da Estação da Luz, em São Paulo: mendigos jogados na rua, os bêbados pelos cantos. Ou ainda, caminhar pelas ruas de Londres e ver os mesmos miseráveis sem teto das ruas do Rio de Janeiro, ainda que em menores proporções, morando em caixas de papelão e acendendo fogueiras à noite. Isso significa que, ironicamente, há uma socialização global da miséria, promovida pelo capitalismo.

Ao mesmo tempo, temos a concentração do capital, a concentração do consumo, e que significa a diminuição do que se con-

"O fenômeno da globalização do capital permite uma ação internacional do movimento operário, mais eficaz, com plataformas de lutas e reivindicações unificadas, o que se constitui numa positividade"



enorme"

some, em contradição frontal ao aumento da produção e da mais-valia relativa. Homogenizam-se também os padrões de consumo. Hoje é possível encontrar no Brasil e em outros países latino-americanos, mercadorias do mesmo padrão das mercadorias encontradas na Europa e nos Estados Unidos, o que demonstra a padronização da produção, isto é, reordena-se fundamentalmente a divisão internacional do trabalho.

Nesse contexto de transnacionalização, é importante que se reflita sobre um outro aspecto que é o novo papel das forças armadas. Na Europa, por exemplo, vemos surgir o projeto de um exército europeu unificado, hegemonizado pelos exércitos da França e da Alemanha, ressuscitando o exército franco-prussiano. A quem esse exército vai combater se o Leste Europeu, se a ameaça vermelha acabou? A resposta é simples: o movimento operário. As forças armadas passam de defensoras externas para defensores internos da nova ordem, na qual crescem os desempregados e, consequentemente, ampliam-se os focos de tensionamento social. Para o Terceiro Mundo, a mesma coisa. Não por acaso, os Estados Unidos da América sugerem que o Brasil transforme o seu exército em caçador de produtores e traficantes de drogas, em repressores de marginais.

Nesse contexto extremamente complexo, alguns setores da esquerda, perplexos com as rápidas alterações no quadro mundial, acabam por aderir à algumas teses do neoliberalismo, basicamente à noção diluidora e genérica da organização espontânea da sociedade civil, num momento em que acredito ser favorável à organização internacional da classe trabalhadora. Nunca as condições para a estruturação de um forte movimento operário internacional foram tão favoráveis. A imperiosidade da rediscussão dos paradigmas do movimento comunista e socialista põe na ordem do dia a necessidade da construção de um organismo que aglutine os trabalhadores para o combate a to-

das as formas de exploração capitalista, numa perspectiva de classe bem definida. Nesse sentido, é necessário também combater firmemente as armadilhas teóricas que permitem a diluição do conceito de luta de classes.

É claro que, ao mesmo tempo em que resgatamos o conceito de luta de classes, devemos arremete-lo à contemporaneidade, isto é, aos novos problemas advindos das novas relações sociais de produção postas pelas inovações científico-técnicas. Os movimentos sociais emergentes, como os grupos ecológicos, os grupos de defesa das minorias, etc., devem ser vistos e analisados como problemas relacionados à nova dinâmicaposta pelo novo momento do capitalismo, isto é, no rigoroso termo conceitual do marxismo. A esquerda deve estar preparada para dar respostas concretas a esses problemas reais, resultantes de múltiplas determinações.

Um dos fenômenos mais interessantes é o surgimento de organizações independentes, que lutam por questões específicas, conhecidas como as organizações não-governamentais, as ONGs. Se de um lado elas refletem a movimentação dos extratos de classe componentes da sociedade civil, de outro elas expressam também, mesmo enquanto subproduto, a fragmentação dessa mesma sociedade. Podemos dizer que as ONGs, em seu aspecto genérico, acabam levando reivindicações singulares, no contexto da sociabilidade universal capitalista, o que significa que, na maioria das vezes, suas reivindicações, ainda que justas, acabam limitadas às ações meramente pontuais, de caráter lobista e reformista, de curto alcance social. Mais interessante ainda é o próprio conceito de organização não-governamental. Essa é uma definição que expressa objetivamente a visão genérica de tradição liberal-burguesa, que Marx criticava em seus escritos juvenis.

Na tradição do movimento operário, hoje abandonada por setores que se reivindicam de esquerda, um organismo social de luta deve ter como pres-

suposto óbvio a definição de ser desvinculado das estruturas do Estado, mas, ao mesmo tempo, deve ter também a independência de classe, que separa uma entidade burguesa de uma organização dos trabalhadores, que deve trazer em seu caráter fundamental o projeto de construção de uma sociedade alternativa à capitalista. Nesse sentido, devemos nos perguntar se uma empresa privada não pode ser definida como uma ONG, já que objetivamente ela é uma organização não-governamental.

Além disso, penso que devemosclarar alguns pontos sobre o conceito genérico de sociedade civil, para que possamos refletir um pouco mais sobre as armadilhas conceituais que estão colocadas para o movimento operário. Penso ser importante desmistificar a "geléia geral" sociedade civil organizada, como sendo algo novo, independente e revolucionário. Ora, a sociedade civil sempre esteve organizada desde sua origem, porque ela é o produto mais acabado da revolução burguesa. Nela estão organizadas, enquanto classe, a burguesia e os trabalhadores. Na sociedade civil, a burguesia exerce sua hegemonia de classe através de seus aparelhos de reprodução ideológica, como os meios de comunicação, fundamentalmente através do controle dos meios de produção. Isso significa dizer que a luta de classes é travada exatamente no âmago da sociedade civil, e também que os problemas que ocorrem na sociedade civil possuem origens e enfoques de classe. Por exemplo, a luta contra a depredação do meio ambiente, ainda que seja de interesse geral dos extratos componentes da sociedade civil, possui enfoques de classe diferenciados. A lógica tradicional de desenvolvimento das forças produtivas, no âmbito do capitalismo, traz em si a prática destruidora do meio ambiente; em contrapartida o movimento dos trabalhadores não pode, não deve ter, a mesma lógica, sob pena de continuar reproduzindo os erros da primeira experiência do socialismo, que podemos entender como encerrada a partir da

crise do Leste Europeu e da queda do Muro de Berlim.

A construção de um projeto contra-hegemônico

A construção de um projeto de sociabilidade, na perspectiva dos trabalhadores, deve levar em conta o acúmulo das experiências vividas pelo movimento socialista e comunista, para que não joguemos a água do banho junto com a criança, quer dizer, a experiência socialista tem uma validade imensa. Ainda que não tivesse nenhuma, teria sido válida a partir de todo o processo histórico de contraposição dos de baixo contra os de cima, como diria o mestre Gramsci. Esse é um dos pontos centrais que devemos resgatar para a construção de um projeto contra-hegemônico em relação ao que aí está. Penso ser importante o aprofundamento da discussão sobre a idéia de uma contra-hegemonia proletária, porque hoje as possibilidades de superação do capitalismo estão mais objetivas, do que há 70 anos atrás, quando da Revolução Russa. Porque a "revolução científico-técnica" coloca para o movimento operário a possibilidade de uma sociedade organizada a partir de uma nova perspectiva do trabalho. É certo que a "revolução científico-técnica" possibilita a diminuição do tempo de trabalho e o aumento do tempo livre, o que significa a possibilidade do ser humano se debruçar sobre novas necessidades, ainda que postas pelo trabalho, mas por um novo tipo de trabalho, que não é o mero reproduutor do capital e da mercadoria, o que repõe as mazelas da vida cotidiana.

Temos aqui, um caminho aberto para a velha utopia do comunismo, o comunismo que pensava o velho Marx, o caminho para a plena libertação humana. Contradicitoriamente, a nova ordem capitalista engendra, qualitativamente, um novo contingente de trabalhadores, com um nível de consciência extremamente mais aguçado. Para manejá-las mais complexas, o pen-

samento e a articulação intelectual desses trabalhadores são mais sofisticados, o que se constitui na possibilidade objetiva de superação das formas de reificação brutal, imposta pela lógica do capitalismo em sua fase manipulatória. Vivemos hoje uma contradição muito próxima à discutida no filme *Blade Runner*. A metáfora é muito interessante. A mercadoria transcende o homem a ponto de buscar a hominidade que o ser humano havia perdido, buscando a história - a memória - através da fotografia, numa forte alusão a Walter Benjamin; buscando também sua origem através da procura do criador e buscando sua consciência através dos sentimentos presentes no andróide. Essa bela metáfora, demonstra-nos que o trabalhador traz em si a potencialidade de superar sua condição de "andróide" reproduzor de uma lógica circular e tautológica, que constitui o mecanismo inerente ao capital, quer dizer, mais trabalho, mais capital, mais mercadoria.

Nesse contexto, o partido político joga um papel decisivo, pois terá pela frente o desafio de entender e explicar esse novo momento, posto pelas contradições extremamente agudas do capitalismo em sua etapa globalizadora; deverá estar reequacionando os velhos problemas do movimento dos trabalhadores. Não somente os partidos de extração ideológica comunista, porque o Muro de Berlim caiu na cabeça de todo o movimento operário e socialista internacional, na medida em que ele era o símbolo, como disse o José Paulo Neto, de uma utopia. Os partidos políticos de esquerda tem, como demonstram a vitória eleitoral dos comunistas na Polônia e os avanços da Refundação Comunista na Itália, ou ainda a renovação do Partido Comunista Portu-

guês, um grande potencial para analisar e apontar alternativas que redefinem o projeto socialista. Não foram poucas vezes que ouvi muitos colegas professores decretarem: "o marxismo está morto". Agora, nesse terceiro ano da década de 90, ouso dizer: o marxismo está mais vivo do que nunca, viva o marxismo!

Pesquisadores marxistas de verdade comprovada demonstraram a capacidade do método dialético em rever paradigmas a partir de sua própria estrutura lógico-dialética imanente, o que permite a constante checagem e redefinição de conceitos historicamente determinados por sua historicidade. Os marxistas que não entendem esse aspecto fundamental da teoria de extração materialista dialética são tudo, menos dialéticos. Por isso, eu vejo com muito otimismo a possibilidade de que efetivamente, dentro da contemporaneidade haja o surgimento de um forte movimento de trabalhadores que possa elaborar uma alternativa concreta ao projeto capitalista dominante, velha senhora de roupas novas, que posa com sua ideologia manipulatória e fragmentadora da práxis humana, de fim da história.

Para finalizar, parafraseando o velho Marx, eu diria que as mudanças que a sociedade poderá sofrer serão obra dos homens, e elas colocam também uma perspectiva de libertação das pessoas, desses limites mesquinhos dados pelas misérias do cotidiano, como diria Maiakovski, ressuscitando a imaginação e recolocando a humanidade no caminho que só poderá ser o de buscar incessantemente a felicidade realizadora, claro, se nós conseguirmos superar esses momentos difíceis.

Colocações feitas durante o debate

Quando eu, em algum momento, falei que a esquerda embarca em algumas armadilhas da concepção do projeto burguês, vejam bem, quais são essas armadilhas? Existe uma concepção

genérica, criticada já nos textos de 1842, 44 e 48 por Marx, principalmente na **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**, onde ele demonstra que a concepção burguesa da sociedade civil ge-

nérica aparece com uma face universal-abstrata. Essa concepção genérico-universal do Estado, da política, da sociedade e, principalmente, da cidadania, constitui o que Marx chamou de direito idealista burguês, produto do período das Revoluções Burguesas. Esse é o pressuposto teórico de minha afirmação em relação, não só às ONGs, mas a um outro aspecto, que é a idéia de sociedade civil organizada. Tanto uma como a outra, aparecem de forma genérica, percebem? No sentido de uma generalidade que não especifica as particularidades e que dá os reais conteúdos históricos, os elementos concretos dos conceitos. Nesse sentido, entendo que a inobservância do elemento conceitual marxiano da particularidade histórica faz com que setores da esquerda embarquem nas formulações teóricas do século XVIII.

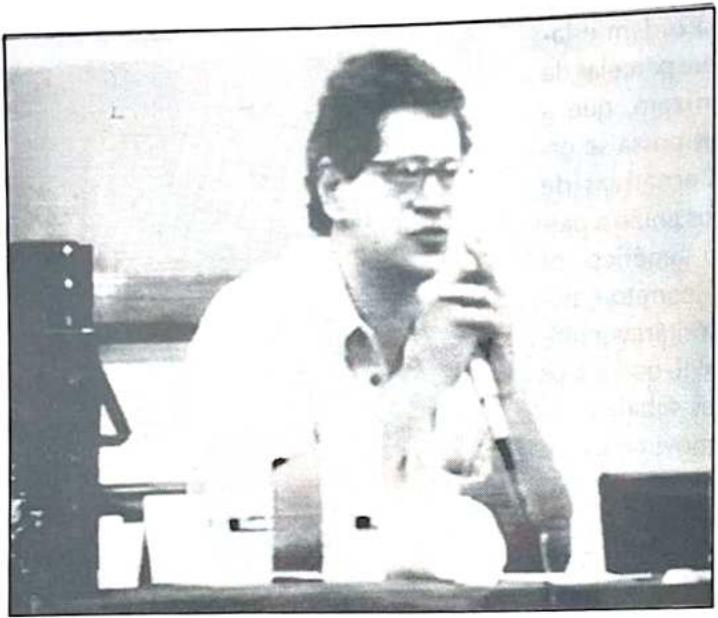
É bastante comum encontrarmos afirmações como estas: "nós queremos que toda a sociedade civil organizada se coloque contrária à depredação do meio ambiente, ou ao não respeito às leis no país". Vejam: a sociedade civil não é unitária porque encontra-se fractionada e tampouco é homogênea. Dentro dela temos a burguesia, a classe operária, o campesinato, etc. É dentro da sociedade civil que gira a economia, como explica Marx no prefácio da **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Você não explica a dinâmica da vida social pela sociedade civil em si, ou pela evolução geral do espírito humano. Isso faziam os filósofos idealistas do século XVIII, porque a anatoma da sociedade civil deve ser buscada na economia política. Portanto, a idéia genérica da sociedade civil não explica nada. Da mesma maneira a idéia de ONG, ainda que eu entenda que as ONGs aparecem como um movimento de resistência. Mas é preciso tomar cuidado, porque nem todas as ONGs são de resistência. Algumas são financiadas por grandes corporações multinacionais.

Igualmente é a idéia de que a sociedade civil, organizada em si, possa con-

ter elementos de crítica à ordem estabelecida. Se pensarmos que parcelas da sociedade civil se organizam, que a maioria de seus membros possa se organizar para propor alternativas de sociabilidade, começamos então a particularizar esse conceito genérico. Aí sim, no meu entender, é correto colocar que as parcelas majoritárias componentes da sociedade civil, que são os trabalhadores e as classes subalternas, se organizam para um movimento de contraposição às parcelas minoritárias que detém o poder dentro da sociedade civil. Assim colocamos a coisa no patamar devido, porque é na sociedade que se materializa o modo de produção, ela é a vida real e, portanto, ela expressa necessariamente o modo de produção, suas contradições e antinomias, ela contém a fragmentação da divisão do trabalho e seu produto mais perverso, a alienação. A cidadania, seu conceito, não está fora desse escopo, como filha direta do processo da Revolução Burguesa, do liberalismo, como elemento essencial da forma burguesa de organização da sociedade. Portanto, a noção de cidadania articula-se diretamente com um conceito também genérico, de sociedade civil em si, que aparece ainda ligado à idéia genérica de liberdade, igualdade e fraternidade.

Numa sociedade como a brasileira, por exemplo, a luta pela cidadania passa por um patamar mais profundo e complexo do que a própria cidadania, porque a cidadania é apenas a igualdade formal, lógico, dentro do pressuposto teórico-metodológico em que estou discutindo. Dentro desses pressupostos históricos, lógicos e conceituais, a idéia de liberdade é formal, onde você e eu somos iguais perante a lei - genérica - , mas na vida real, você pode ser um cidadão de vida pública mas um burguês de vida privada. Esse é o pressuposto histórico do cidadão, do "citizen". Agora, é claro que, ao transcender esse pressuposto francês clássico e liberal, supera-se, ao mesmo tempo, o conteúdo histórico da liberdade e da igualdade democrático-formal. Chega-

dejant a ligua comov ,apoiu3 el-
-as fides mabes latoe
,obesfina vequas ofloixs mu eb
retratadag na piontad, a tua
el soillixs aolox obixlomagor
siajha que na uia da viva
,adnessA ob e caxerP
sua mabed aqna, acau aq-
-conet oflaxs o obnacuas
jusim, symbm a mabed aq
ley oflaxs ezes maoip A ,analaus
mabed aqna, os mabed
obixlomagor aqna e se taladus
mabed e reforma, na parte
a zolomis é etzogen A fuedus
aicas mabed
"oliasgo elmavivat



“Na Europa, vemos surgir o projeto de um exército europeu unificado, hegemonizado pelos exércitos da França e da Alemanha, ressuscitando o exército franco-prussiano. A quem esse exército vai combater se a ameaça vermelha acabou? A resposta é simples: o movimento operário.”

se à conclusão de que a democracia tem de transcender a formalidade, tem de entrar portões da fábrica adentro, penetrar além da cidadania, o que significa uma sociedade de igualdade real, não de meros cidadãos. Uma coisa é falar de igualdade real, outra é falar de uma sociedade de cidadãos, porque a cidadania pressupõe desigualdade, nos termos conceituais clássicos, onde as decisões democráticas e a participação democrática param nos portões da fábrica, não valem para decidir a produção, para distribuir o produto do trabalho, para a apropriação dos resultados do processo de produção, não vale para distribuir social e igualitariamente a mais-valia.

É claro que existem ONGs que temido um papel fundamental na resistência à uma série de violências que a sociedade vem sofrendo, mas essas ONGs constituem organismos que, por uma via ou por outra, possuem um corte de classe. Esse é o patamar, que no meu entender, é correto. O fato de ser ONG, em si, não quer dizer muita coisa. Os sindicatos, os partidos, e até as empresas privadas, são organizações não-governamentais. É a perspectiva classista que delimita os conteúdos de uma organização. Digo isso porque toda minha preocupação é retomar a crítica ao pressuposto generalista. Eu não me incluo nos que ficam apenas nas generalidades abstratas; eu ainda acredito que a sociedade está dividida em classes antagônicas.

Os papéis do partido e do sindicato

Quanto ao papel do partido e do sindicato e do socialismo, a experiência do sindicato dentro do socialismo é uma

coisa trágica, no meu modo de entender. A derrota da idéia de Lênin, de um sindicato independente do Estado, imposta tanto por Stalin quanto por Trotski, permitiu a construção de sindicatos burocratizados, que não realizaram a crítica ao Estado socialista e ao próprio partido. A única experiência de sindicato independente, dentro do socialismo, foi o Solidarnosc na Polônia, mas aí dentro de um processo extremamente contraditório, onde a hegemonia não era socialista, pelo menos no primeiro momento. Então, fica muito difícil refletir sobre a riqueza que seria um movimento sindical autônomo, dentro do socialismo e na perspectiva dele. E o partido mais ainda, porque constituiu-se numa experiência extremamente negativa, que foram as ditaduras burocráticas de partido único. A fusão do partido com o Estado, o engessamento da sociedade, eliminaram qualquer possibilidade de que os PCs no poder se transformassem em Partidos de Novo Tipo, dentro da visão de Lênin e de Gramsci.

O partido político, no Socialismo Real, perdeu a característica de organizador do movimento social, de ser o intelectual coletivo, elaborador de um projeto nacional-popular, e transformou-se em organizador de uma ditadura de Estado, travestida de Ditadura do Proletariado. Obviamente eu acredito que algumas experiências, como a da Nicarágua, demonstraram que a possibilidade do pluralismo partidário dentro do socialismo se revela extremamente positiva e necessária, porque sem pluralidade é impossível conceber a democracia e a participação do povo nas instâncias de poder do Estado.

Sobre a questão da crise contemporânea dos sindicatos, esse não é um problema que atinge apenas o sindicalismo brasileiro. Temos um decréscimo no mundo inteiro; quer dizer, a nova lógica do capital atinge diretamente a velha lógica do movimento sindical. Todo o movimento sindical, e essa é a questão central, ao longo de sua história, contrapunha-se à uma determinada or-

dem instituída, que era a velha ordem do capitalismo industrial tradicional. Na medida em que temos uma mudança das relações de produção e das forças produtivas, o movimento sindical não consegue responder, porque ele ainda pensa a velha lógica. São muito interessantes as colocações da professora Joana, sobre a preocupação real dos sindicatos em transcender suas velhas formas de ação. Com algumas delas eu não concordo, acho que reproduzem a generalidade. Outra delas, no entanto, apontam para um reflexão que está inserida na nova maneira de resistir e de colocar a vida política. Em São Paulo, existem algumas experiências interessantes, como a do Sindicatos dos Químicos, ainda que dentro de uma lógica difusa, mas que passa a pensar a saúde do trabalhador, não somente dentro da fábrica, mas também fora dela, no meio-ambiente, o que significa uma articulação entre a saúde da fábrica e a da comunidade.

Mas o que expressa a crise, dentro da estrutura organizativa dos sindicatos, particularmente no Brasil, são algumas teses que a maioria dos dirigentes da CUT vem apontando, como a tese do Contrato Coletivo de Trabalho. Isso é uma coisa muito complicada, porque na verdade a idéia do Contrato Coletivo de Trabalho acaba articulando-se ao problema que discutimos sobre a democracia genérica. Quais os pressupostos que sustentam essa tese? Primeiro, de que o Estado é unitário; segundo, que o Estado impõe aos trabalhadores suas leis; terceiro, se queremos ser independentes do Estado, podemos prescindir de qualquer legislação estatal, porque vamos negociar diretamente com os patrões.

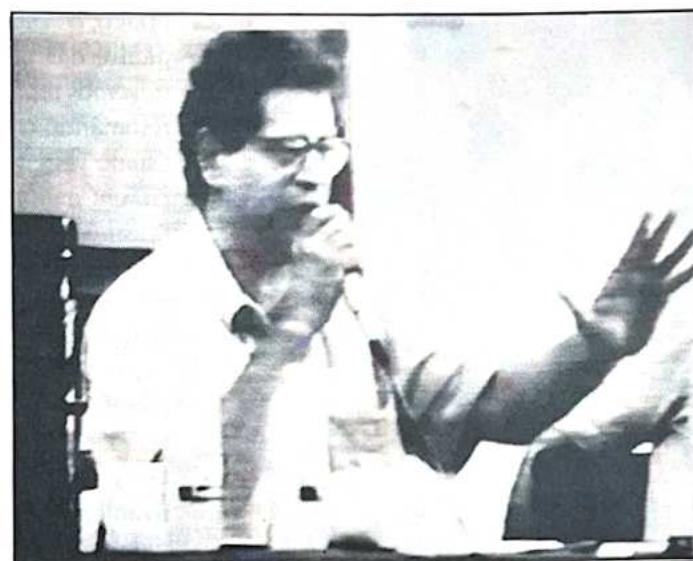
Quais são os problemas dessa concepção? Ora, o sindicato que pode realizar uma negociação direta tem de ser muito forte e organizado, mas sabemos que poucos são os que podem realizar tal proeza, são pouquíssimos. Podemos listar alguns, vejamos: os Químicos de São Paulo, os Metalúrgicos do ABC e de São Paulo, os Bancários de São Pau-

lo, os Metalúrgicos de Santos, Petroleiros, etc. Como? Acabou? O que significa, portanto? Aí eu quero fazer minha, a pergunta do José Paulo Neto. Ressuscita-se, ou não, a velha aristocracia operária de que falava Lênin? De fato, penso que essa política é uma postura de desmonte da estrutura sindical; portanto, uma política irresponsável em relação ao movimento sindical, e isso não é mera preocupação acadêmica.

O pressuposto genérico, que não leva em conta os elementos da concreta, dá nisso: bom, nós somos democratas e então a democracia requer reciprocidade; onde ficam os outros, que são a maioria e que não estão suficientemente organizados? Onde fica o papel do Estado, que deve assumir suas responsabilidades sociais? Este tipo de sindicalismo acaba entrando no engodo da idéia neo-liberal do "Estado mínimo". Mas sabemos que o "Estado mínimo" burguês, proposto pelos neoliberais, nada mais é do que o Estado máximo, o que privatiza todas as esferas da vida pública e social. Portanto, é a criação de um tipo de sociabilidade permeada de maneira radical pela mercadoria. Vamos todos virar "Blade Runners", nesse pressuposto. Todos nós nos transformaremos em androides, mercadorias ambulantes. Então, esse é o pressuposto que devemos combater. E é por isso que não me considero pós-antigo, mas extremamente moderno.

A sociedade controlando o Estado

Eu queria falar um pouco mais sobre a questão do Estado. Porque é muito importante contrapor essa idéia do "Estado máximo" e do "Estado mínimo". Sobre o "Estado mínimo", já falamos um



“... as ONGs acabam levando reivindicações singulares, o que significa que, na maioria das vezes, suas reivindicações, ainda que justas, acabam limitadas às ações meramente pontuais, de caráter lobista e reformista, de curto alcance social”

pouco; o "Estado máximo" seria do capital e das privatizações. No entanto, devemos repensar o Estado pela Práxis; retomando o que dizia o José Paulo, o Estado vem de uma tradição autocrática, em maior ou menor grau, como o brasileiro, por exemplo; elitista, autocrático, de origem escravagista, autocrático e opressor da sociedade. Mas se pensarmos o que deveria ser um Estado democrático, permeado pela maioria organizada da sociedade civil, pelas classes subalternas, iniciamos a falar de um outro tipo de Estado, que efetivamente se nega a si mesmo, na medida em que ele passa a ser comandado em todas as suas instâncias pelo poder popular. É uma velha discussão, trazer o Estado da superestrutura para dentro da sociedade civil, que, a meu ver, ainda não está superada, em sua formulação teórica.

Seria a democracia direta, através de processos gradativos de auto desmonte da estrutura do Estado, controlado pelos setores majoritários da sociedade civil, enquanto organizadores de uma hegemonia dos trabalhadores, não só a nível superestrutural, mas também ao nível da organização da economia. Segunda questão, eu acho que isso responde à idéia de vontade coletiva, não como algo organizado e imposto de fora, na perspectiva de um só polo, mas enquanto possibilidade de articular tendências, reflexo das pluralidades existentes, na perspectiva de uma nova universalidade.

Não uma universalidade desconectada do histórico, mas que se constitui a partir de um particular que se dilata rumo à universalização, como produto dos elementos constitutivos da maioria da socie-

dade, dos que compõem a maioria da classe trabalhadora. Somente nessa perspectiva legitimamos a vontade coletiva, através de mecanismos democráticos, como os partidos políticos, os movimentos independentes, que irão organizar a sociedade, o carnaval e o que mais as pessoas quiserem, dentro da ótica gramsciana, que seria a construção de uma cultura nacional-popular, que possibilite a efetivação do nacional-universal. Para evitar qualquer confusão, quero ressaltar que essa não é uma tarefa de um partido, mas de uma sociedade, na qual o partido tem um papel determinado, no tempo e no espaço, porque permanente é a sociedade; o partido, por sua condição histórica, tem sua vida limitada.

As questões do partido e do trabalho

Antes de entrar na questão do trabalho, eu queria colocar que a questão do partido é velha. Eu me lembro que Gramsci, em sua análise sobre Maquiável, polemiza com Sorel. Ele diz que existem dois momentos, e aí Gramsci antecipa uma grande formulação do mestre Lukács, que é a questão da intuição e da ciência. Eu diria o seguinte: a intuição é um momento do impulso das massas, mas essa intuição pode levar inclusive para um movimento regressivo. A intuição das massas constitui-se num momento delicado, pode ser revolucionária, mas não havendo organização política dessas massas essa intuição pode se transformar em algo ruim, como o fascismo da Alemanha: da insatisfação intuitiva das massas, vivendo uma situação de miséria, para o apoio à reação fascista, na medida em que o PC alemão não conseguiu se transformar no organizador coletivo de uma nova proposta de sociedade.

Sobre o problema do trabalho, eu gostaria de lembrar, não somente Marx, mas o monumental trabalho de Lukács, a *Ontologia do Ser Social*, que enfatiza a tese marxiana de que a ontologia humana é construída pelo trabalho, en-

"O movimento sindical contrapunha-se à velha ordem do capitalismo industrial tradicional.

Na medida em que temos as mudanças das relações de produção e das forças produtivas, o movimento sindical não consegue mais responder, porque ele ainda pensa a velha lógica."



quanto essência da hominidade, o qual livre da fragmentaçãoposta pela divisão do trabalho capitalista, desalienando, o trabalho transforma-se no realizador da hominidade, como apontava Marx nos *Manuscritos* de 1844. Na medida em que ele possa, de um lado, se distanciar dos limites de suas necessidades imediatas e, de outro, que esse mesmo trabalho possa construir as condições objetivas para a superação da reificação,posta pelos conteúdos altamente manipulatórios do capitalismo contemporâneo. Mas podemos pensar que já, nesse momento, mesmo vinculado à lógica circular do capitalismo, o trabalho, aqui entendido como a ampla noção de Práxis humana, cria o robô, potencialmente realizador de tarefas que hoje são humanas e que, num período bem curto, estará permitindo um maior tempo ao homem, tempo que será dedicado às suas necessidades subjetivas, às realizações dos desejos, impossíveis em nossos dias, para um homem preso às regras de uma divisão do trabalho de tipo capitalista. Exatamente porque o trabalho, como afirmei anteriormente, deve ser entendido como acúmulo de conhecimento, como Práxis, e não somente em sua forma de produto morto e materializado. O trabalho é eterno; então é ele que nos caracteriza como seres humanos.

Agora, a idéia do trabalho como produtor da vida material se torna generosa se entendermos que o trabalho pode sair fora do movimento tautológico do capital, do movimento circular em si mesmo. Se temos a realização de um trabalho gerador, não só de novas necessidades, mas um trabalho que responde às necessidades da construção da hominidade, podemos entender um tipo de trabalho criador que liberta a si mesmo; afinal, o trabalho define a própria condição humana. Por exemplo, uma garrafa deve ter, pelo menos, uns 2000 anos de conhecimento acumulado. Por isso, o trabalho encarna a Práxis, isto é, o trabalho deve ser entendido como gerador de conhecimento, que rompe permanentemente os limites hu-

manos, como proposito de novos desafios e necessidades. Necessidades que poderão ser produto de um momento desalienado da sociedade. Mas sem o trabalho não há sociedade, porque sem o trabalho não pode haver o homem.

Sobre a questão do autoritarismo, o que nós temos que entender é que houve distorção do conceito de democracia e conflito de autoridade. Eu não gosto do termo autoritarismo, prefiro o conceito de autocracia. Porque autoritarismo envolve autoridade, e autoridade deve ser entendida como produto de um processo legítimo. No mesmo sentido, temos o problema da ditadura do proletariado, reduzida à formulação stalinista. Não é esse o conceito original, de modo que vamos resgatar esse conceito dentro de seu contexto histórico. É extremamente importante a idéia de ditadura do proletariado que está em Marx, um conceito que de ditadura não tem nada, mas que em seu conteúdo está a idéia de hegemonia. A idéia de ditadura do proletariado consiste na maioria da sociedade civil colocando para a minoria, seu projeto. Isso envolve ainda a desigualdade, porque mesmo a democracia pode ser considerada como autoritária, quer dizer, a democracia supõe que uma parcela da população imponha sobre a outra parcela, sua vontade. Poderíamos perguntar: não podemos pensar uma democracia que relativize isso? Sem dúvida, penso que esse é o caminho que os socialistas e comunistas estão tentando.

A idéia de hegemonia pressupõe um projeto dominante, ainda que garantidas as divergências, porque a história demonstrou que não se pode manter a sociedade sob centralismo, como existe num partido político. A sociedade é muito mais ampla e diversa do que um partido político. De modo que não podemos conceber, como positiva, uma sociedade que viva sob a centralização. Uma coisa é hegemonia, que significa a predominância de idéias e propostas, democraticamente discutidas com o conjunto da sociedade. Outra coisa é imposição de projetos, que simplesmen-

te ignoram o franco debate com o povo e o direito de divergência. Mas, ao meu ver, enquanto existir o Estado, estaremos vivendo esta contradição. De qualquer modo, por mais democrática que seja a sociedade, haverá sempre a necessidade de normatização, mesmo uma normatização que tenha por fundamento a vontade coletiva como elemento regulador da sociedade. E, vejam, isso não é uma formulação nova, essas discussões já aparecem em Rousseau, (e antes dele) na idéia do *Contrato Social*. Na verdade, a sociologia, a teoria política, a filosofia, etc., nunca perderam de vista esta perspectiva de construir um contrato social, ainda que permanentemente recolocado, que leve em conta as divergências e as disparidades naturalmente presentes numa sociedade.

Gostaria ainda de retomar um aspecto sobre o problema sindical, relacionado com a questão da democracia. Acho que a máscara da hipocrisia sindical está caindo, no que diz respeito à questão da presença dos partidos nas chapas sindicais, porque a luta pela hegemonia dos grupos políticos, fato legítimo, começa a ser assumida sem subterfúgios. O movimento sindical tem encontrado formas de acomodação de tendências, ao compor chapas proporcionais, que entendo ser uma maneira positiva de democratizar o convívio entre posições divergentes e uma solução bastante generosa, que espero que se implemente nos sindicatos brasileiros.

Na noite dos gatos pardos

Os conceitos não estão soltos no ar, obviamente eles são históricos, até por-

que se eles não fossem históricos, não existiriam; mas termos e conceitos são diferentes. Uma coisa são os termos; podemos falar assim: isso aqui é um isqueiro, mas amanhã vem uma moda conhecida como "accendino" etc. Eu quero dizer que não podemos explicar os fenômenos sociais fora dos conceitos ou das categorias; assim não fazemos ciência, podemos fazer tudo, menos ciência. O elemento constitutivo do conceito é histórico e também está no bojo de uma lógica particular histórica; fora disso caímos na noite dos gatos pardos.

Isso não quer dizer que os conceitos não sofram metamorfoses. Exatamente por serem históricos, os conceitos devem ser reinterpretados, de acordo com a dinâmica da realidade onde estão inseridos. O fato é que não podemos entender a própria evolução dos conceitos e das categorias se não chegarmos a eles pela via do conhecimento histórico-genético. A categoria da mercadoria é um grande exemplo disso, porque a mercadoria enquanto tal, passa por vários momentos até chegar na formulação conceitual marxiana. Se não historicizarmos a categoria da mercadoria, por exemplo, não entenderemos o atual momento da sociabilidade capitalista, onde a mercadoria adquire uma dimensão muito mais complexa do que no século XIX. A dimensão fantasmagórica do século passado radicaliza-se e transforma-se hoje em reificação, porque a mercadoria perpassa todas as dimensões da vida humana."

Doutora em História pela USP - Universidade de São Paulo, professora do Departamento de História e coordenadora do Mestrado em História da UFSC, a professora Joana é autora do livro "Reinventando a Cidadania", sobre o Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis

Minha participação neste debate deve-se ao fato de que estou coordenando um projeto de construção da história de um sindicato, portanto, minha intervenção será bastante específica. Será a intervenção de uma historiadora e representante de um grupo de pesquisa. Antes de tudo, é preciso informar que este projeto, que coordeno junto com a Professora Maria Bernadete Ramos Flores, foi encomendado pelo próprio sindicato. Ele reúne uma equipe bastante grande de professores e alunos do Curso de História e conta, inclusive, com a participação da Professora Laura do Nascimento Rótolo Moraes.

O trabalho foi proposto muito mais como uma atividade didática, ou seja, os alunos foram levados para a sede do Sindicato para aprenderem a fazer história na prática. Nesta atividade remexeram em papéis, atas, jornais, panfletos. Estiveram também na Biblioteca Pública, tentando perceber a trajetória desse Sindicato no interior da história das lutas sindicais em geral; assim, toda a equipe participou dos diferentes momentos da elaboração desta história.

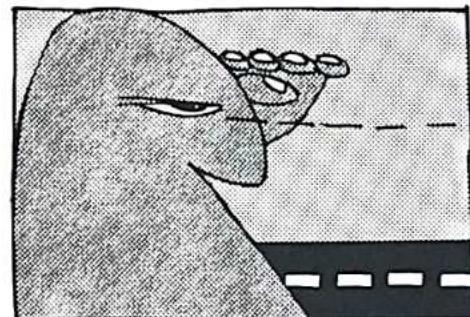
Este Sindicato hoje se auto-denomina "Sindicato Cidadão", se auto-identifica como um sindicato avançado, diferente, como uma nova resposta às questões sindicais do momento. Tentei apontar algumas questões que temos abordado na elaboração deste trabalho de pesquisa. Antes de mais nada, nosso objetivo era, entre outros, perceber

quando e como surgiram os dilemas e as premissas que levaram este sindicato a pensar a Cidadania no interior de seus princípios e a se auto-denominar "Sindicato Cidadão".

É de nosso conhecimento que a palavra cidadania tem origem na Grécia Antiga, com outro significado, obviamente. Na Grécia, a cidadania era apenas prerrogativa de pessoas livres, do sexo masculino e dispensados, por suas posses, do trabalho produtivo. Sabemos que também a burguesia reinventou o significado de Cidadania e que mesmo assim, em sua reinvenção, excluiu boa parcela da população, como, por exemplo, os trabalhadores em geral e as mulheres, da participação política. Eram somente as pessoas do sexo masculino, com formação e propriedades, que tinham direito à participação política. O que nossa pesquisa está mostrando, ao fazer a história do SINERGIA, é uma nova reinvenção da cidadania. Desta vez, o pressuposto é aquele de uma cidadania que inclui todas as pessoas.

Em relação à história deste sindicato, podemos adiantar que se iniciou em 1960 e que sua trajetória coincide, em grande parte, com o movimento da classe trabalhadora brasileira. Mas não foi somente isso que nossa pesquisa mostrou. O que buscávamos era, principalmente, a especificidade. Ao partir para a pesquisa, nós queríamos ver acontecimentos que iam além de um acompanhamento dos diferentes momentos

JOANA MARIA PEDRO



"A construção da história do Sinergia contribui para reforçar a idéia da heterogeneidade da classe operária brasileira, e afirmar a idéia de que a dominação não é um pacote pronto que os dominados engolem"



do sindicalismo brasileiro, do movimento do trabalhador brasileiro. Por isso, nossa preocupação era perceber as especificidades. Tínhamos, para começar, o pressuposto de que o Estado não era o condutor e o manipulador das lutas trabalhadoras. Queríamos, portanto, descontruir um mito. A construção da história do Sinergia, contribui, entre outras coisas, para reforçar a idéia da heterogeneidade da classe operária brasileira, e afirmar a idéia de que a dominação não é um pacote pronto que os dominados engolem. A dominação, a luta trabalhadora, tem nuances, ela tem lutas, e é isso que nós estamos percebendo. Nosso objetivo, então, não foi ver, somente, qual era o lugar exato do Sinergia na formação da classe trabalhadora como um todo, mas compreender a atuação específica frente aos diversos contextos históricos.

Queríamos saber, por exemplo, como a categoria lidou com a submissão, a obediência, a revolta e a resistência, transformando todas essas atitudes em possibilidades de criação de novas experiências. E foi principalmente com esta categoria, a experiência, que nós tentamos trabalhar. Quando o Sinergia (que aliás na época nem se chamava Sinergia) foi fundado, em 1960, surgiu como associação. Nesta época, o movimento operário já tinha uma longa história, uma experiência, uma tradição. É importante destacar que, neste início, nós não encontramos nenhuma manifestação de resistência mais forte neste sindicato. O que se observou foram apenas algumas atitudes corporativistas, como, por exemplo, a luta por abonos de natal, tentativas de organização de assistência médica ou algo assim. O que se vai perceber melhor, no decorrer da década de 60 e principalmente após o

golpe de 1964, é que, na medida em que os salários passaram a ser estabelecidos pelo Conselho Nacional de Salários, o sindicato dedicou-se exclusivamente ao assistencialismo, a ponto de 93% da arrecadação do sindicato ser utilizada em gastos com assistência médica, dentária, e assim por diante. Nesta época, eles tiveram todos os cursos envolvidos nisso.

Nós só vamos perceber alguma mudança após 1978, justamente acompanhando o aparecimento dos novos movimentos sociais, dos novos sujeitos no cenário político. Nós percebemos que é nesta época que eles começam a discutir, pelo menos, algumas questões. Eles, nesta ocasião, recebem muitas correspondências de outros sindicatos, passam a se integrar mais, antes viviam muito mais isolados. No entanto, analisando a correspondência do arquivo do sindicato, o que se percebe é, principalmente, uma comunicação muito "respeitosa" com as autoridades constituídas. A correspondência que trocam, quando solicitam, por exemplo, aumentos salariais, ou reclamam que o índice que é colocado para reajuste é muito pequeno, menor que o aumento de preços, estas reclamações são sempre feitas numa linguagem muito "respeitosa", ou seja, eles dizem, por exemplo, que o salário está defasado, porém reconhecem que a "revolução gloriosa" teria, digamos assim, proporcionado muitos benefícios e, por isso, agradecem todos esses benefícios, mas reclamam do salário.

O desmonte do assistencialismo

Esta situação permanece até por volta de 1987, quando ocorre uma mudança muito significativa na direção sindical. Entre 1987 e 1990, o Sindicato dos Eletricitários fez uma série de movimentos grevistas. Em 1987 ocorreram três greves na Celesc, em 1988 houve duas na Eletrosul, muito grandes. Nesta ocasião, ocorreu o controle do sistema elétrico; eles estavam reivindi-

cando o pagamento da URP. Em 1989, houve uma greve geral comandada pela CUT e CGT. Ainda em 1990, ocorreram mais três greves, duas na Eletrosul e uma delas na Celesc. Portanto, o período que se estende de 1987 a 1990 é aquele de maior número de lutas; na pesquisa, estamos chamando este período de "sindicato combativo". Para ter uma idéia, em 1987 eles começam desmontando todo o aparato assistencialista, e passam a se envolver, diretamente, nos movimentos. A maior parte dos recursos humanos e materiais foram destinados ao movimento grevista.

A partir, entretanto, de 1990, podemos observar uma nova mudança. É a partir daí que se observa a formação do "sindicato cidadão", trata-se de uma nova configuração deste sindicato. Convém destacar que este movimento ocorre com o ingresso de novos personagens vindos da Eletrosul e da Celesc. A mudança da diretoria, em 1987, já estava dentro de um projeto de sindicato mais combativo. Assim, muito do que se observa nos anos 90, o dito "sindicato cidadão" já estava preso a algumas experiências de lutas que este sindicato teve nos anos 80. Por exemplo: na greve de 1988 a categoria saiu muito prejudicada. Esta greve durou 31 dias, e foi realizada uma greve de fome, por conta das demissões que estavam ocorrendo. No final do movimento, discutiu-se se o movimento grevista era a forma de reivindicação adequada; talvez em decorrência disso, em 1989, só houve uma greve geral que durou um dia.

Além disso, uma estratégia que usaram, em mais de uma greve na década de 80, ou seja, o controle do sistema elétrico, passou a tornar-se difícil de fazer. Este era um conhecimento que possuíam do funcionamento do local de trabalho, que lhes dava muita força para enfrentar a direção da empresa. Convém lembrar que a experiência não ocorre somente do lado do trabalhador: ela também ocorre com a empresa. Uma vez usada uma determinada estratégia, por parte dos trabalhadores, a empresa "aprende" as armas usadas.

Foi isso que aconteceu, ou seja, a empresa, surpreendida inicialmente, "armou-se" nas outras greves para impedir que os trabalhadores assumissem os comandos do controle elétrico. Esta deixou, então, de ser uma "arma" dos trabalhadores, que não puderam mais usá-la.

Por outro lado, nós todos sabemos que, desde o final dos anos 80, o país tem vivido um processo intenso de pauperização, de desmonte das empresas públicas e de contínuo desemprego. Inclusive, em empresas como a Eletrosul, as pessoas passaram a ser estimuladas a pedir demissão de seus empregos; convém lembrar ainda que, em 1991, os eletricários da Eletrosul perderam a garantia de emprego, que antes possuíam.

Torna-se importante destacar que, como funcionários públicos que são, ou seja, como funcionários de uma empresa pública, estes funcionários da Celesc e da Eletrosul possuem características diferentes daquelas dos trabalhadores comuns das fábricas, de uma empresa privada. O embate não é o mesmo, é diferente. Em nossa pesquisa percebemos, por exemplo, que o próprio Warnei, um dos grandes sindicalistas do período assistencialista, conseguiu o emprego na Celesc porque ganhou um "cartãozinho" de um político da época, apesar de ter passado em concurso público. Portanto, estes funcionários são diferentes daqueles da iniciativa privada, suas relações com a empresa são permeadas por concursos, influências políticas, ligações outras, que não aquelas que permeiam a disputa entre trabalhador e patrão na empresa privada.

Mas estávamos falando da década de 90, e é importante informar o que o sindicato tem feito nesta década. Para começar, desde 91, não surgem greves muito longas; depois das três greves de 1990, a única realizada foi a de abril de 1993, que durou apenas um dia.¹ Tal greve constitui-se de uma passeata pela moralização da Celesc. Atualmente, o sindicato tem atacado outras frentes de luta. Eles estão se definindo como

"Na história, não das relações que separam, fazendo talvez a desestruturação e polarização entre a fragmentação e a globalização. Por que não pensar que justamente a fragmentação está a universalizar?"

¹ Em 1994 foi realizada uma outra greve na CELESC que durou 6 (seis) dias.

um movimento social, como uma ONG, e dentro desta perspectiva entendem que, como trabalhadores de uma empresa pública, suas ligações não se restringem àquela feita diretamente com o patrão, pensam que suas ligações transcendem e abarcam o conjunto das questões nacionais e até internacionais.

Dentro desta perspectiva, o sindicato tem discutido o desmonte atual da empresa pública, o endividamento brasileiro, e inúmeras outras questões que vão além daquelas relacionadas com a empresa onde trabalham; daí, sua interferência em questões que extrapolam aquelas costumeiramente restritas ao sindicato. E é dentro desta perspectiva de ataque a várias frentes que se percebe um novo perfil de sindicalista surgindo. Gostaria, aqui, de fazer uma comparação com aquilo que o professor Antônio Cattani percebeu nos sindicatos do Rio Grande do Sul.² Diz esse professor que os sindicalistas gaúchos estariam abandonando um pouco aquele perfil "meio duro", de militante de 24 horas, que usava boné e barba, para adotarem um perfil mais "clean". Esse perfil nós também pudemos perceber entre os sindicalistas do "sindicato cidadão".

Para tornar mais claro, gostaria de citar alguns exemplos das diferentes frentes em que eles têm atuado. Suas atitudes abrangem concursos de contos, poesias, exposições de arte, atividades culturais, etc., além disso, participam de discussões sobre o transporte público, sobre a escola, a moradia; têm apresentado projetos, como, por exemplo, aquele de alternativas de governo, por ocasião da posse do Governador Wilson Kleinubing e, principalmente, têm procurado fiscalizar as contas da empresa onde trabalham.

Dos consultórios médicos para o setor jurídico

Este sindicato percebe a empresa pública, da qual dependem, como um patrimônio público; desta perspectiva corre toda a preocupação na fiscaliza-

ção, e daí uma quantidade muito grande de denúncias de corrupção e de uso privado de recursos públicos. Dentro desta perspectiva, ainda, este sindicato participou da campanha pelo "impeachment"; também com cartazes e campanhas pela moralização da Celesc. Na Eletrosul, suas atividades têm alcançado inúmeras vitórias, com processos por uso indevido dos recursos públicos. Uma questão, ainda interessante, é que, se no período assistencialista a maior parte dos recursos era destinada ao gabinete médico e dentário, hoje é o setor jurídico que recebe grandes atenções. O setor jurídico é atualmente mais incentivado, e é justamente a partir deste que o sindicato tem conseguido uma série de vitórias, como, por exemplo, a reintegração, nos postos, de vários trabalhadores que haviam sido demitidos, devido à participação nas últimas greves.

Convém recolocar aqui, de novo, a questão da experiência. Após as greves, principalmente as de 1988, iniciou-se uma fase difícil, com inúmeras punições. Uma fase séria de terrorismo por parte da empresa, a ponto de demitir o parente, quando não conseguia demitir o próprio funcionário, por ele fazer parte da diretoria do sindicato. Há pouco tempo, por exemplo, eles tiveram dificuldades para eleger os representantes sindicais da Eletrosul, isto porque a empresa chamou os candidatos e avisou que, após terminado o período em que seriam representantes sindicais, eles seriam demitidos. Todo esse terrorismo tem feito o sindicato adaptar suas formas de luta: afinal no embate entre trabalhadores e empresa, ambos "aprendem". Portanto, neste jogo, é preciso ver que dado será jogado pela empresa para, também, "aprender". A História, que apesar de Fukuyama ainda não acabou, é quem vai poder contar qual será a próxima jogada da empresa e como os trabalhadores vão agir nesse jogo.

Gostaria, agora, de citar um texto que o Sinergia produziu: eles afirmam

² Refiro-me ao artigo de Antônio David Cattani, "Trajetórias sindicais - o esgotamento de um padrão de militância" da *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, v.15, 1991/1992, p. 187-209.

que o "sindicato cidadão" é uma "nova prática sindical, um tipo de sindicalismo que vai muito além das reivindicações cotidianas, partindo para disputar valores na sociedade". Convém destacar que dentre os sindicatos do país, em geral, este sindicato tem alcançado bastante prestígio. Eles também afirmam que o sindicato é uma das entidades da sociedade civil, que é um movimento social e que pretende lutar para mudar e construir uma nova sociedade. Assim, dentro dos parâmetros do socialismo e na contracorrente do neoliberalismo, o "sindicato cidadão" defende a democratização das empresas públicas e sua desvinculação partidária. Entende a empre-

sa pública como um patrimônio comum e, em vista disto, promove um amplo debate, visando repensar criticamente os modelos vigentes em tais empresas. Propõe um projeto alternativo, socialista, democrático e pluralista, fundado na liberdade e na solidariedade, reconhecendo o conflito como um valor fundamental numa sociedade constituída por múltiplos sujeitos. É, de forma resumida, isto que afirmam a respeito da sua prática sindical. Negam-se a atuar apenas como "balcão de salários", recomendam a fiscalização da contabilidade da empresa e a participação do sindicato nas soluções dos problemas gerais da sociedade."

Colocações feitas durante o debate

"Como historiadora, quero afirmar que a história tem nos ensinado a não fazer previsões. O que temos estudado tem desmentido tantas vezes as previsões feitas que nós, historiadores, temos, cada vez mais, nos negado a fazer isso.

Sobre se o Sinergia pretende colaborar com o carnaval, eu gostaria de acrescentar o seguinte: essas pessoas de carne e osso do sindicato, têm, efetivamente, um embate com a empresa onde trabalham, a qual tem nas mãos maiores recursos, por exemplo, de mobilização da opinião pública. O Sindicato precisa, constantemente, buscar as armas adequadas para lutar. Assim como nós, professores, vivemos lutando por melhores condições de trabalho e de salário, e efetivamente vivemos isso, eles também o fazem e, devido a isso, lançam mão de armas, aquelas que conseguem e pensam ser as melhores.

No momento em que o Sindicato lança um concurso de contos, faz campanha pela saúde do trabalhador, realiza novas formas de organização por locais de trabalho, - aliás, isto é algo que têm feito muito ultimamente, além de interferir em cultura esportes, etc. - , nestes momentos, eles estão, entre outras coisas, disputando com a empresa o apoio da opinião pública. Assim

como nós, professores, estes filiados do SINERGIA, têm sido acusados, pela empresa e pela mídia, de estarem depredando os recursos públicos. Eles, como nós, sofrem este tipo de coisa. O que fazem, portanto, ao investir em várias frentes, é disputar com a empresa e procurar dar visibilidade ao que estão fazendo.

Não sei, como historiadora, se estas novas formas de atuação dos sindicatos não seriam bandeiras desmobilizantes. E pergunto: o que se pode perceber? Pode-se perceber que existem outras histórias, outros sindicatos, com outras perspectivas. Este sindicato, que estamos pesquisando, já passou por inúmeras fases e nós não sabemos se ele vai algum dia voltar à prática assistencialista, nem se isso é mais ou menos avançado que outras práticas sindicais. Como historiadora, eu não quero colocar as coisas dessa forma, eu me nego a isso. O que se pode perceber, neste momento, é que

"... não conseguimos na discussão de uma sociedade que tem, positivamente, uma visão crítica, respeitosa das pessoas..."

"Na história, uma das coisas que estamos tentando fazer é desconstruir a polaridade entre o fragmento e a globalização. Por que não pensar que justamente no fragmento está o universal?"



este Sindicato e alguns outros, como é o caso do Sindicato dos Bancários daqui, e ainda outros sindicatos do Rio de Janeiro, estão adotando esta nova postura, de buscar, de tentar ver outros valores na sociedade, e quem sabe, inclusive, atuar também no Carnaval. Final de contas, eles estão colaborando também com este debate de hoje. Investir em vários setores, disputar o apoio da opinião pública, é uma perspectiva. Alguma coisa é preciso fazer e eles estão fazendo. Se é desmobilizante, se vai na direção de uma sociedade socialista, não posso afirmar. O que se pode afirmar é que pretendem uma sociedade melhor, uma sociedade democrática e pluralista.

Talvez o que se esteja discutindo, aqui, seja a polaridade entre fragmento e globalização ou universalização. Eu posso afirmar que na história uma das coisas que estamos tentando fazer é, justamente, desconstruir isso, ou seja, por que não pensar que justamente no fragmento está o universal? Essa discussão de forma separada, polarizada, implica em querer pensar o mundo de uma forma muito lógica e nós sabemos que a própria lógica tem história, ela não existe no mundo surgida do nada. Além disso, assim como a lógica tem história, a cidadania também tem. Por isso, quando nós damos a este trabalho de pesquisa o título de "Reinventando a cidadania", nós estamos pressupondo que esta categoria, essa palavra, já foi pensada de outras maneiras. O fato de estar sendo utilizado, agora, este termo, tem outra significação. Além disso, a História tem mostrado como palavras e categorias assumem significados diversos em diferentes momentos e lugares.

Desejo, ainda, acrescentar que uma sociedade que não leva em consideração as diferenças, as especificidades, podemos até não chamá-la de autoritária, mas acabaremos usando um outro nome com a mesma significação. Final é preciso perguntar quem é que vai ter a tal "vontade unitária"? É um partido? Um grupo? Uma classe? Quem? Esta

pergunta fica no ar. Às vezes eu fico pensando que estas diferentes vontades, explicitadas nos diferentes movimentos sociais, podem se articular em determinado momento e depois dissolverem-se. Talvez seja isso o que podemos propor isso estou sempre falando em "tal vez". Como historiadora não consigo fazer outra coisa.

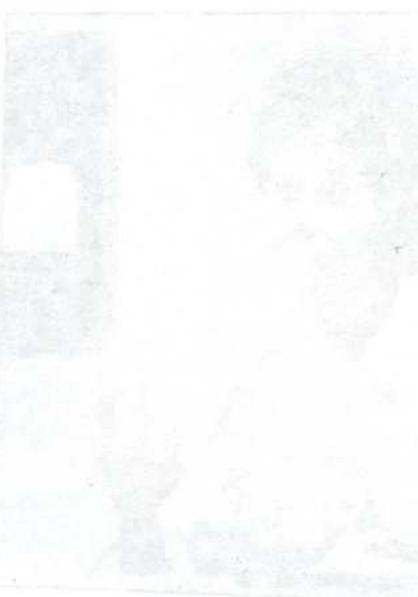
O homem, o trabalho e a falta de trabalho

Concordo que o trabalho é uma coisa histórica. Quero lembrar que na Grécia eram, justamente, as pessoas que não estavam envolvidas com qualquer forma de trabalho, aquelas consideradas "cidadãs". Além disso, o conceito de "homem" é moderno, ou seja, pertence à modernidade, aquela iniciada no século XV. É a sociedade burguesa que vai pensar o conceito de "homem" ligado ao de "trabalho". Além disso, você não encontra estes termos em todas as sociedades, portanto, isso é histórico.

Queria acrescentar, ainda, que é preciso valorizar, também, a luta do seu "Zeca da Torneira". Mesmo porque nós caminhamos na direção de uma sociedade que terá, possivelmente, cada vez menos pessoas com emprego. Talvez a luta do futuro seja para obter um trabalho. Parece-me, inclusive, que cada vez mais esse perigo se amplia, ou seja, existe uma massa de excluídos que aumenta cada vez mais e não é só no Terceiro Mundo.

Preocupam-me, também, todas estas lutas, às quais eu não sei no que vão dar; vejo, porém, que elas acontecem, que surgem inúmeros movimentos sociais, das mais diferentes formas: sejam clubes de mães, movimento negro, movimento gay, movimento de mulheres, ou seja lá o que for. Convém acrescentar que estes diferentes movimentos sociais não passam, necessariamente, pelos sindicatos ou pelos partidos, mas podem, quem sabe, organizar-se em torno destas instituições, eu só não

superciliosas em seu círculo
à vez de obnubiladas com si mesmas
e suas obsessões e tentações
que fazem o desequilíbrio e a desordem
em suas vidas. supereiros não
"desenvolvem o desejo de mestria".

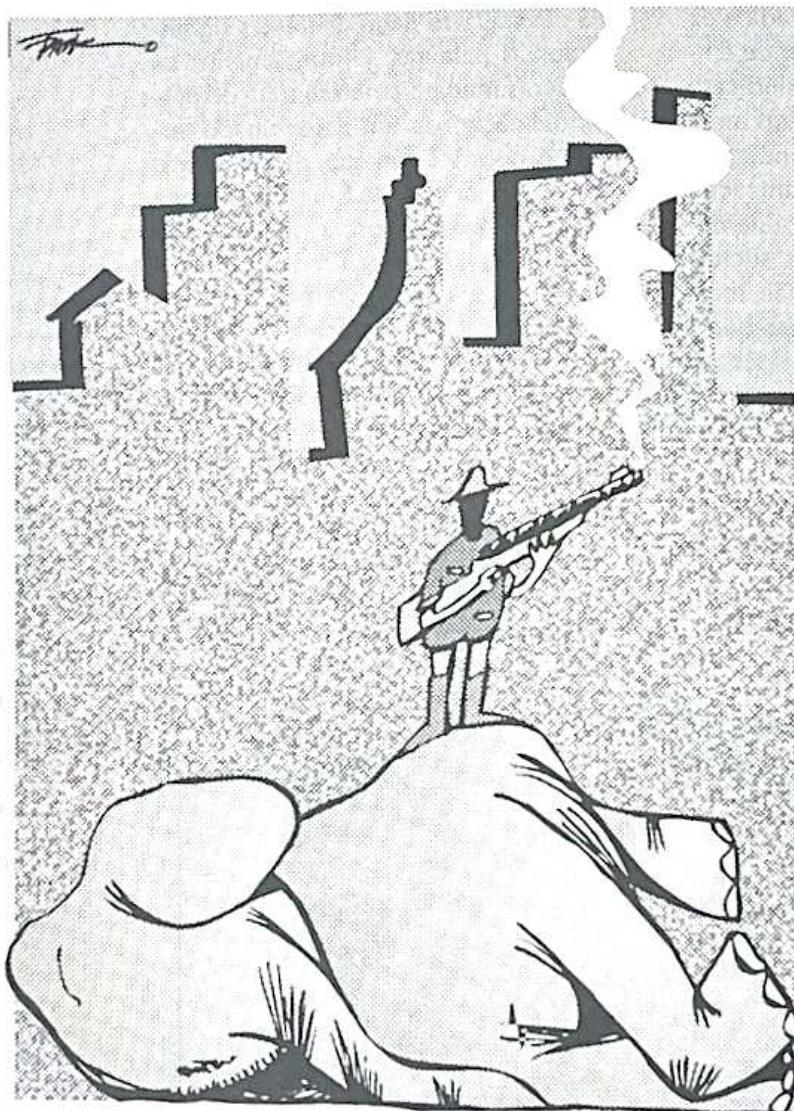


sei como. No entanto, eu posso ver o seguinte: estamos nos encaminhando para uma sociedade que, cada vez mais, diminui as possibilidades de emprego e isso, em si, já torna o sindicato um movimento social a mais, no meio de vários outros. Além disso, sindicatos e partidos possuem uma organização mais hierárquica, mais vertical, diferente, portanto, dos movimentos sociais que possuem uma organização mais horizontal e essa é, também, uma questão importante, que precisa ser debatida, pois não sabemos qual o futuro disso. Portanto, convém não desconsiderar.

rar estas questões, as quais estão ligadas ao significado que as coisas têm. As pessoas têm dado diferentes significados às palavras. Historicamente, as palavras mudam e não se trata de desvirtualização de um determinado termo. A questão, portanto, não é saber o que é melhor ou pior. É mais importante saber de que maneira as palavras vão assumindo novos significados e perguntar de que maneira estas coisas vão acontecendo. Acho que o caminho é muito mais por aí, e então não ir buscar origens ou tentar resgatar sentidos que historicamente já não mais existem."



“... nós caminhamos na direção de uma sociedade que terá, possivelmente, cada vez menos pessoas com emprego. Talvez a luta do futuro seja para obter um trabalho.”



“Para o neoliberalismo a democracia tem papel secundário e, inclusive, pode se constituir num estorvo à “boa” gestão do Estado e à “limitação de seus poderes”

Neoliberalismo: O Estado máximo para o capital

(*)Jornalista, Advogado
e Mestrando em
Direito pela UFSC

A onda neoliberal que vem avançando no mundo ocidental desde o final da década de 70 e, com mais vigor, na década de 80, parece chegar na reta final do século XX como a única alternativa política e econômica de organização da sociedade. Isto implica, logo, na exclusão das chamadas utopias da modernidade, ou seja, na anulação da possibilidade de uma sociedade igualitária e solidária.

Trata-se, portanto, de um tema central para o debate das teorias sociais, além do que, como se verá mais adiante, tem implicações diretas com a vida da sociedade (nível organizativo) e de cada indivíduo, isto é, os trabalhadores em geral.

Mas, afinal, o que é esta onda neoliberal? O que é neoliberalismo? O que isto tem a ver com a vida de cada um de nós trabalhadores?

Para darmos conta das respostas a estas indagações é necessário começarmos por conceituar o que é neoliberalismo. Para tanto, é preciso reconstituirmos, ainda que de forma extremamente sucinta, a evolução das teorias políticas.

Liberalismo e Democracia

O "liberalismo" nasce da contestação burguesa ao absolutismo, isto é, na decisão dos súditos de controlar o poder despótico do rei. Manifesta-se abertamente com as chamadas "revoluções burguesas", como a de 1688-1689, na Inglaterra. Depois torna-se emblemático com a Revolução Francesa de 1789, espalhando-se pela Europa continental no decorrer do século XIX¹. Pode-se

afirmar, com efeito, que o aparecimento da doutrina liberal coincide com o surgimento do Estado moderno, isto é, o Estado sob o império da lei e não sob os caprichos de um soberano.

Infere-se daí que há uma proximidade entre liberalismo e democracia. O primeiro limitando o poder do Estado e, a segunda, legitimando esse poder pelo sufrágio universal².

Ver-se-á, entretanto, que a convivência entre liberalismo e democracia tenderia logo para um antagonismo, na medida em que os liberais procuram minimizar, cada vez mais, o tamanho do Estado, enquanto que os democratas, ao contrário, demandavam novos direitos e garantias para os cidadãos, exigindo, em muitos casos, a presença reguladora do Estado, ou seja, sua ampliação. A conquista do sufrágio universal, e não parcial, como desejavam os liberais, é debitada à conta das lutas democráticas, responsáveis por um considerável alargamento na esfera pública (o espaço das lutas políticas e participação da sociedade na gestão dos Estados)³.

Mas as idéias democráticas e socialistas que germinaram de forma definitiva a partir dos filósofos iluministas, como por exemplo as de Jean-Jacques Rousseau, no século XVII, vão ganhar contornos mais nítidos com a irrupção da Revolução Industrial na Inglaterra. É a partir desta Revolução que surge uma nova classe social, o proletariado, ao mesmo tempo em que se inaugura o sistema produtor de mercadorias. Tais acontecimentos mudam, radicalmente, o perfil da sociedade da época, deter-

¹ Veja resumo, respeito ao HOMENAGEM ao Dr. Ademir a tudo aguado. In: ALBUQUERQUE, Pedro (org.). *Depois da queda*. 2a. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

² *Ibidem*. P. 193.

³ BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das raízes do inquérito*. Trad. por Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 26.

BOBBIO, 1982, op. cit. P. 47. Deve-se destacar a herança hereditária do liberalismo, a qual ressalta a resistência de sua constituição, ao assimilar os regimes autoritários como umas necessidades. A liberdade e generosidade são exemplos para uma democracia liberal. Respeito, respeito ao HOMENAGEM ao Dr. Ademir a tudo aguado. In: ALBUQUERQUE, Pedro (org.). *Depois da queda*. 2a. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

¹ Ver MATEUCCI, *Liberalismo*. In BOBBIO, Norberto, MATEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfrancesco. *Dicionário de Política*. 2a. Ed. Trad. De João Ferreira, Carmem C. Varriale e outros. Brasília: Universidade de Brasília, 1986. P. 687.

² *Ibidem*, p. 697-698.

³ Veja-se, a este respeito, BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. 3a. Ed. Trad. por Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

minando do avanço o modo de produção capitalista.

A reação do socialismo

Com Karl Marx, sobrevém a crítica ao capitalismo e a proposta teórica e prática do socialismo, identificando a classe operária como condutora da revolução. O movimento socialista ganha expressão na Europa, mas a revolução, contrariando os prognósticos de Marx, vai eclodir na Rússia, país que não conhecera ainda o deslanche do capitalismo.

A Revolução Socialista de 1917, na Rússia, tem, entretanto, um peso fundamental. Mostra, na prática, o vigor e a exequibilidade da teoria marxiana, oferecendo aos olhos atônitos dos capitalistas que, enfim, havia uma alternativa ao capitalismo. Essa nova forma de organização da sociedade, ficou conhecida como *socialismo real*, e perdurou até 1989, com o *débâcle* dos países do Leste europeu, simbolizado pela queda do Muro de Berlim.

O avanço do socialismo real, a partir da Revolução Russa, apesar de suas contradições e desacertos, será sem dúvida o principal acontecimento do século XX. Terá influência significativa particularmente após a Segunda Guerra Mundial, pois, ao espalhar o medo do "comunismo", junto aos capitalistas, acaba por reprimir o avanço do liberalismo.⁴

Tal realidade determina o surgimento de uma modalidade de capitalismo, que se conhece por *welfare state* (estado de bem estar), a qual se caracteriza por ser uma forma de capitalismo um pouco menos feroz. A moderação desse modelo, praticado pelo países desenvolvidos da Europa, notabilizou-se pela institucionalização dos *direitos sociais* com a consequente diminuição das desigualdades sociais. Assim, os ca-

pitalistas promoveram uma sociedade, de forma que valesse a pena a seus povos frente ao socialismo existente. Esse modelo é também denominado *social-democracia*.⁵

A crise do welfare state

Este tipo de organização do Estado moderno, que conjuga uma economia de mercado com um uma pitada de socialismo, entrou em crise, já na década de 1970. A ampliação do Estado, para fazer frente às demandas sociais em função da ferocidade do mercado, atiça os liberais, que acusam os social-democratas de violarem o princípio do Estado mínimo e de terem dado vida a um Estado que não consegue mais cumprir a própria função, que é a de governar.⁶

A tese liberal de *ingovernabilidade* está presa a um só pensamento: manter as taxas de lucro em crescimento. Numa economia que se globaliza e exige competitividade, o gravame dos tributos de cunho social, para manter o estado de bem estar, inviabiliza o projeto liberal/capitalista. Esta é a teoria que orientou e legitimou a ascensão do conservadorismo na Inglaterra, com Margaret Thatcher, e nos EUA, com Ronald Reagan nos anos 80.

Na ótica liberal, a redução das desigualdades sociais tem um preço que onera o sistema produtor de mercadorias e o inviabiliza dentro da lógica do mercado globalizado. O espaço público, tem que ser restringido, para conter novas demandas. Este é o ponto crucial e que marca o aparecimento de um "novo liberalismo", ou "neoliberalismo".

Assim, agora, podemos responder a indagação formulada no início destas linhas: "Por neoliberalismo se entende, hoje principalmente, uma doutrina econômica, em consequência da qual o li-

beralismo político é apenas um modo de realização, nem sempre necessário; ou, em outros termos, uma defesa intransigente da liberdade econômica, da qual a liberdade política é apenas um corolário".⁷

Deduz-se, deste conceito, que a consecução das metas neoliberais independem do liberalismo político. Exemplo disso é o modelo chileno de Pinochet: nenhuma liberdade política, isto é, o desaparecimento do espaço público e, em contrapartida, total liberdade econômica, que se materializa no aparecimento do mercado amplo, como sucedâneo da esfera social.⁸

As consequências do neoliberalismo

Armados destas categorias, conceitos e noções, podemos, agora, avançar na análise e responder à outra indagação: o que isto tudo tem a ver com cada um de nós?

Em primeiro lugar ficou claro, que o motivo que aproximou no passado liberalismo e democracia, ou seja, as lutas contra o poder absoluto, deixou de existir. Com isto, o liberalismo clássico cedeu lugar ao neoliberalismo, para o qual a democracia tem papel secundário e, inclusive, pode se constituir num estorvo à "boa" gestão do Estado e à "limitação de seus poderes".⁹

Estas questões, que jaziam no arsenal teórico conservador, permaneceram por um bom tempo sufocadas pela ameaça do bloco socialista. Isto permitiu a abertura de um espaço estratégico, do ponto de vista liberal/capitalista, às formas social-democráticas de gestão do Estado (welfare state). Mas, com o desmantelamento do socialismo real, a tendência conservadora, que se encontrava em letargia, hegemonizou-se, cristalizando-se no suposto triunfo do mercado. Com efeito, pode-se dizer que o

ofensiva neoliberal contou,

"primeiro com a crise do welfare state e, em seguida com a do socialismo real. Esta pareceu oferecer a comprovação definitiva do fundo último da programática neoliberal, vale dizer, a insustentabilidade de uma economia planejada; a crise do welfare state forneceu-lhe o combustível para colocar em xeque as funções estatais como indutoras de crescimento econômico e promotoras de bem-estar".¹⁰

Tratou-se, até aqui, de situar o neoliberalismo, enquanto proposta de reestruturação econômica, social e política. Entretanto, o plano de hegemonia neoliberal é mais profundo e sutil, residindo, aqui, uma questão de fundamental importância e que reclama a emergência de um debate que extrapole os muros da academia.

Na verdade o projeto neoliberal e neoconservador, agora em marcha no Brasil, ainda que de forma retardatária, envolve, centralmente, a criação de um espaço em que se torne impossível pensar o econômico, o social e o político fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista.¹¹ Em outras palavras, trata o neoliberalismo de operar a substituição de categorias, conceitos e noções através dos quais se pode nomear a sociedade e o mundo, como por exemplo, democracia, justiça social, igualdade/desigualdade, justiça/injustiça.¹²

Em seu lugar, o discurso neoliberal introduz outras categorias e conceitos que tendem a hegemonizar-se, como por exemplo, *qualidade total, produtividade, competitividade, mercado, reengenharia, responsabilidade compartilhada, modernidade, terceirização, reconversão*, entre outras, que de forma sub-reptícia, vão dominando os discursos na atualidade.

Torna-se fundamental, neste mo-

⁴ A este respeito, veja-se HOBSBAWM, Eric. *Adeus a tudo aquilo*. In: BLACKBURN, Robin. (org.). *Depois da queda*. 2a. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

⁵ *Ibidem*. P. 103.

⁶ BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Trad. por Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.126.

⁷ BOBBIO, 1990, op. Cit. P. 87.

⁸ Deve-se destacar a perigosa tendência do liberalismo, a qual reside na possibilidade de sua convivência tanto com os regimes democráticos como com os nazi-fascistas. A História é generosa em exemplos.

⁹ Para uma compreensão deste aspecto, veja-se BOBBIO, 1990, op. cit. , p.88-91, quando analisa com rara precisão, o "novo liberalismo", citando as formulações de Friedrich Von Hayek, economista austríaco, considerado o principal ideólogo do "neoliberalismo". Deduz-se, dessa análise, que o neoliberalismo investe, agora, não apenas contra seu tradicional inimigo, o socialismo, mas contra a democracia.

¹⁰ NETO, José Paulo. *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1993. P. 77.

¹¹ SILVA, Tomaz Tadeu da. A "nova" direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, Pablo A. A. E Silva, Tomaz Tadeu da. *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. 2a. Ed. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 13-14.

¹² *Ibidem*, p. 16-21.

mento, compreender que quando um discurso desse tipo se torna hegemônico ele não apenas coloca "novas" questões, introduz novos conceitos e categorias; ele, sobretudo, desloca e reprime outras categorias que moveram nossas lutas do passado, redefinidas agora como anacrônicas e ultrapassadas.¹³

Não faz muito tempo, a tônica do discurso vinculava-se à questão dos valores da democracia, da cidadania, das lutas e dos movimentos sociais, das reivindicações de igualdade e participação, enfim, de alargamento do espaço público. De repente, tudo isto sumiu como se tais demandas **já tivessem sido todas atendidas**, o que está longe de ocorrer. A realidade é que o modelo econômico excludente torna-se mais dramático, protagonizado pelos arrastões, pela multiplicação das favelas e pelo desemprego, pelo tráfico de drogas e por todo tipo de marginalidade social e pelas profundas modificações no mundo do trabalho que, atravessado pela ciência, transforma em refugo milhares de trabalhadores.

Finalmente, cumpre ressaltar, que o projeto neoliberal, que no plano político e econômico tem logrado atingir seus objetivos (reforma da Constituição, privatizações, etc...), volta-se, agora, com toda força para a educação, já que a escola, em todos os níveis, é o *locus privilegiado* de disseminação dessa "nova" idéia de organização da sociedade, sob a tutela da mão (*in*)visível do mercado, onde o setor público é considerado em estorvo que deve ser eliminado, juntamente com seus trabalhadores "preguiçosos e ineficientes", para a eficiência da qualidade, da competitividade e da produtividade.

Em outras palavras, a hegemonia do neoliberalismo implica, fundamentalmente: a supremacia do mercado, enquanto **único mediador** das relações sociais, com a consequente limitação do Estado, para obter, em contrapartida, sua ampliação, de forma a viabilizar os interesses do capital. Tem-se, daí, o Estado mínimo para o social e o Estado máximo para o capital.

¹³ *Ibidem*, p. 107.

¹⁴ *Ibidem*, p. 107.

¹⁵ *Ibidem*, p. 107.

¹⁶ *Ibidem*, p. 107.

¹⁷ *Ibidem*, p. 107.

¹⁸ *Ibidem*, p. 107.

¹⁹ *Ibidem*, p. 107.

²⁰ *Ibidem*, p. 107.

²¹ *Ibidem*, p. 107.

²² *Ibidem*, p. 107.

²³ *Ibidem*, p. 107.

²⁴ *Ibidem*, p. 107.

²⁵ *Ibidem*, p. 107.

¹³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁹ *Ibidem*, p. 21.

²⁰ *Ibidem*, p. 21.

²¹ *Ibidem*, p. 21.

²² *Ibidem*, p. 21.

²³ *Ibidem*, p. 21.

²⁴ *Ibidem*, p. 21.

²⁵ *Ibidem*, p. 21.

²⁶ *Ibidem*, p. 21.

²⁷ *Ibidem*, p. 21.

²⁸ *Ibidem*, p. 21.

²⁹ *Ibidem*, p. 21.

³⁰ *Ibidem*, p. 21.

³¹ *Ibidem*, p. 21.

³² *Ibidem*, p. 21.

³³ *Ibidem*, p. 21.

³⁴ *Ibidem*, p. 21.

³⁵ *Ibidem*, p. 21.

³⁶ *Ibidem*, p. 21.

³⁷ *Ibidem*, p. 21.

³⁸ *Ibidem*, p. 21.

³⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁴¹ *Ibidem*, p. 21.

⁴² *Ibidem*, p. 21.

⁴³ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁵¹ *Ibidem*, p. 21.

⁵² *Ibidem*, p. 21.

⁵³ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁶¹ *Ibidem*, p. 21.

⁶² *Ibidem*, p. 21.

⁶³ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁷¹ *Ibidem*, p. 21.

⁷² *Ibidem*, p. 21.

⁷³ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁸¹ *Ibidem*, p. 21.

⁸² *Ibidem*, p. 21.

⁸³ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁹¹ *Ibidem*, p. 21.

⁹² *Ibidem*, p. 21.

⁹³ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰² *Ibidem*, p. 21.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 21.

¹¹² *Ibidem*, p. 21.

¹¹³ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹²¹ *Ibidem*, p. 21.

¹²² *Ibidem*, p. 21.

¹²³ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹³¹ *Ibidem*, p. 21.

¹³² *Ibidem*, p. 21.

¹³³ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴² *Ibidem*, p. 21.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵² *Ibidem*, p. 21.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶² *Ibidem*, p. 21.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷² *Ibidem*, p. 21.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸² *Ibidem*, p. 21.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 21.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 21.



“...o projeto neoliberal volta-se, agora, com toda força para a educação, já que a escola é o *locus* privilegiado de disseminação dessa ‘nova’ idéia de organização da sociedade, sob a tutela da mão (in)visível do mercado, onde o setor público é considerado um estorvo que deve ser eliminado...”

.....
A

partir deste número a revista "Plural" abre espaço para a divulgação regular e periódica de literatura: textos de ficção, poemas e crítica.

E os primeiros escritores escolhidos para esta edição não poderiam ser melhores: Adolfo Boos, Leminski, Emanuel Medeiros Vieira e Fernando Torkarski.

São três catarinenses e o paranaense Leminski, que viveu anos em Santa Catarina.

São profissionais da literatura testados em diversas edições e pela crítica, e todos foram premiados uma ou mais vezes em vários concursos literários. De comum entre eles, o talento e a qualidade dos textos

Raimundo C. Caruso

Adolfo Boos Júnior

*Único escritor que até agora ganhou dois dos três prêmios do concurso Nestlé de Literatura, que já chegou a reunir mais de 1.500 concorrentes, **Adolfo Boos Júnior** pode ser considerado hoje como um dos cinco melhores romancistas brasileiros. Tem 64 anos, oito livros publicados e vive em Florianópolis, na rua Paschoal Simone, 525, bairro Coqueiros.*

Do seu romance "Quadrilátero", de 450 páginas, publicamos alguns trechos onde se pode observar algumas das suas principais características criativas: a descrição do pensamento, e as formas como ele "observa" os sentimentos e a própria subjetividade.

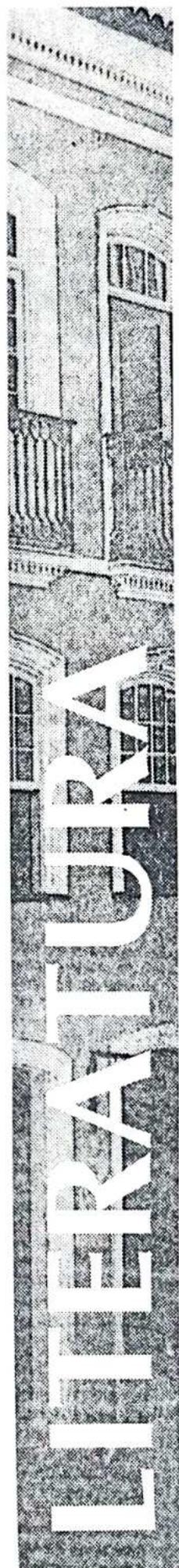
Apesar da obscuridade, não chega a perceber o relâmpago, somente o estalar seco do raio, como um sinal para o vendaval desabar e, algum tempo depois, o rolar do trovão. Debaixo dele, a terra trema e, nas faixas de claridade doentia, aumenta a quantidade de folhas que no primeiro açoite do vento começam a cair; depois é outra vez o silêncio de catedral, uma mortalha pesada, úmida e moma, igual a suada umidade de um corpo velho e cansado. Quando o pensamento se estende, porque não foi por isso e nem para isso que eu vim, a memória busca - como quem abre uma gaveta e procura apenas um retrato, sem lembrança maior do momento ou das emoções que cercaram o instante e obrigaram o dedo a disparar o obturador - busca e traz a lembrança (fugidia, rara em seu esporádico exercício de recordar) do escritório dos irmãos, o mesmo silêncio opressivo, a chuva escorrendo pelas vidraças, tirando a profundidade de tudo, até das fisionomias imperturbáveis dos empregados escrutarando os livros enormes. Mais próximo da porta, porque era o mais moço, encaminhava os clientes até as escrivaninhas dos irmãos, levando-os para perto da parede com as telas dos veleiros em alto mar, as grandes velas enfumadas chamando. A chuva escorria pela vidraça e seu reflexo leitoso também deslizava lentamente pelo quadro que enfeitava sua parede e, diziam, quando subisse na empresa, também teria um quadro com uma cena de alto-mar. O javali e os cães pareciam banhados pela mesma luz irreal de agora, como se - observados de muito longe - não se dessem conta da aproximação de alguém. Aguardava que a chuva diminuísse, para ir aos Correios, exatamente como seus irmãos haviam feito quando o pai era vivo e, olhando-os distantes e solenes (tão ou mais distantes e solenes quanto fora o próprio pai), indagava-se se, algum dia, os veleiros teriam marcado o início do sonho em algum deles. A paisagem é diversa: muito mais selvagem, sem descampados, javalis e cachorros e apenas a luz e a opressão são as mesmas."

(Pags 167 e 168)

"Edgard continua debruçado sob o papel, o deslizar da pena ainda lembrando um inseto arranhando a tampa do caixote transformado em mesa e, à medida que o tempo passa - todos em silêncio observando a caligrafia homogênea, levemente inclinada, parecendo nascida diretamente sobre o papel, independente do cérebro que elaborava as frases - e, neles, cresce uma inveja respeitosa e um certo alívio: chegaram ao fim. Dentro do mesmo silêncio, Edgard olha um por um, sabendo que - mais do que ele - a folha de papel e a caneta (ainda presa entre os dedos, suspensa no ar, frágil e, ao mesmo tempo, cheia de uma força misteriosa, feito uma insígnia de autoridade) foram, durante toda a manhã, o centro das atenções. Sentado no lado oposto, Ernest acompanha o olhar de Edgard, refletindo, não vai dar certo; é muito caminho, é autoridade demais para reclamações, muito longe do conforto de quem as vai ler, e observando as barbas, os cabelos desgrenhados, não é o cheiro da casa, do material com que foi feita, reconhece, e nem é o cheiro deles, mas um odor mais pesado e anterior, acima do suor e da miséria, trazido - não por eles, mas por alguma coisa invisível, no bojo do vento, e que ficou aqui, esperando por eles, para marcá-los para o resto da vida. É um instante em que somente as mentes trabalham e os corpos permanecem na mesma posição, depois da leitura, e - separados pela mesa improvisada - Edgard encara o intérprete, analisando o homem e o poder que, sem querer, colocaram em suas mãos."

(Pags 181 e 182)

"então, a mulher desliza dentro dos limites acanhados da cozinha, ajudando a fantasia das labaredas e, quando Matheus termina de colocar suas coisas no chão, agrupando-as cuidadosamente junto à parede (como se fosse sua intenção apenas contá-las e, no momento seguinte, tornar a guardá-las e seguir seu caminho), o caldeirão, as três





terrinas de barro e as colheres de pau
já estão na mesa, Arnold e Natália sen-
tados, esperando por ele -
vamos, an-

tes que esfrie
- e empurra a caneca na
direção dele, enquanto Natália enche os
pratos -
feijão, feijão e carne de por-

co
- Arnold esclarece, com a boca
cheia e sempre em silêncio, a mulher só
interrompe as colheradas vagarosas para
secar as mãos no avental, num grotesco
exercício de mímica: duas colheradas,
as mãos desaparecem sob a mesa e, no
segundo seguinte, voltam à posição an-
terior, uma empunhando a colher, a ou-
tra segurando a tigela pela borda. E, du-
rante todo o tempo, o corpo permanece
na mesma postura, todos os movimentos
restritos às mãos e à boca, frente a frente
com os homens que comem ruidosamen-
te."

(Pag 209)

"Os sons vêm ao seu encontro - o
perpétuo e enfurecido relinchar da
équa, a roupa batida na borda do tan-
que, os barulhos da cozinha - e, para
ele, são os sons da estabilidade, não o
sobressalto de uma felicidade nova e
transitória, mas - como se a paz possu-
ísse uma sonoridade - aqueles fossem
os seus ecos. De longe, distingue o vul-
to da dona de casa passeando pelo jar-
dim, à espera do instante exato para en-
trar e aguardar a chegada do marido e
retarda o passo, a fim de não cruzar seu
olhar com o dela e, renovada, sentir a
contrariedade nitidamente estampada
nas pupilas azuis, tão duras quanto as
suas. *Quanto tempo faz*, indaga-se, re-
cordando Catarina deitada ao seu lado,
deixando escapar as palavras, como se
falasse consigo mesma -

vou
ter um filho

- quase um suspiro extraí-
do do meio do sono, tão leve e até mes-
mo despreocupado que - por um ins-

tante - acreditou que ela não estivesse
acordada e esperou, não dentro do an-
tigo silêncio (que completava sua soli-
tudo, nova e repleta de contradições, em
meio ao cheiro vivo da cocheira e dos
perfumes do jardim que a mulher pros-
seguisse no sono até que a frase se re-
petiu."

(Pag 213)

"Passa por entre as mesas e as ou-
tras mulheres, não ignorando os olha-
res, os comentários sobre a deslocada
sériedade do seu traje, dentro da meia-
luz que vai rasgando, altaneira. No can-
to mais escuro, o homem aumenta a sua
surpresa, ainda sonhando - talvez an-
treita, ao lado do balcão, e começarseu
curto (e, no entanto, para todos os pre-
sentes, interminável) percurso - que
aquele mulher lhe estava destinada,
mesmo que sua esperança mais ousa-
da não tivesse coragem para crer na
realidade. Somente depois de sentada,
depois de recusar o vermute que ele,
contrafeito e assustado, oferece, é que
relança o olhar pelo espaço que aca-
bou de percorrer, sua lucidez não dei-
xando de cotejar uma sala com a ou-
tra, o calor ou o frio das duas noites,
o homem da sua frente com o da vez
anterior. Quando a noite apenas se
insinuava pelas ruas estreitas e sem
calçamento, os acertos e as exigen-
cias de sempre, apenas por esta noi-
te, em nada tinham diferido da cidade
e da vez anterior, assim como é igual o
homem que roda o cálice entre os de-
dos rudes, acanhado, falsamente absor-
to, como se no vidro grosso estives-
se a explicação para a sua presen-
ça, sonhada não somente quando o corpo
delicado enquadrou-se fugazmente no
portal, mas desde um tempo em que
ainda se permitia ter anseios e devi-
neios, quando a vida ainda não tinha
a clara conotação de uma derrota.
naquele instante e naquela mesa."

(Pag 406)

Paulo Leminski

Leminski foi um poeta que ainda vai virar lenda. Faleceu em junho de 89, com 45 anos. Poeta erudito e andarilho. É a grande influência da poesia brasileira contemporânea. O poema curto é reinvenção sua. Os temas do cotidiano, o saque rápido e preciso da comunicação telegráfica.

A geração que tem vinte anos jamais leu Oswald, Drummond ou Cabral, porém tem Leminski de cor e salteado. Foi o poeta da noite, dos bares, das madrugadas. Falava sete ou oito idiomas, escreveu "Catatau" (prosa?), "Distraídos venceremos" e "La vie em close", poemas e traduções do inglês, grego, latim e francês, além do japonês. Também fez uma interessantíssima biografia de Cruz e Souza. E foi professor de judô. Pode?

O que passou, passou?

Antigamente, se morria.
1907, digamos, aquilo sim

é que era morrer.

Morria gente todo dia,
e morria com muito prazer,

Já que todo mundo sabia
que o juízo, afinal, viria,
e todo mundo ia renascer.

Morria-se praticamente de tudo.
De doença, de parto, de tosse.

E ainda se morria de amor,
como se amar morte fosse.

Pra morrer, bastava um susto,
um lenço no vento, um suspiro e pronto,
lá se ia nosso defunto
para a terra dos pés juntos.

Dia de anos, casamento, batizado,
morrer era um tipo de festa,
uma das coisas da vida,
como ser ou não ser convidado.

O escândalo era de praxe.
Mas os danos eram pequenos.

Descansou. Partiu. Deus o tenha.
Sempre alguém tinha uma frase
que deixava aquilo mais ou menos.
Tinha coisas que matavam na certa.

Pepino com leite, vento encanado,
praga de velha e amor mal curado.

Tinha coisas que tem que morrer,
tinha coisas que tem que matar.

A honra, a terra e o sangue
mandou muita gente praquele lugar.

Que mais podia um velho fazer,
nos idos de 1916,
a não ser pegar pneumonia,
deixar tudo para os filhos
e virar fotografia?

Ninguém vivia para sempre.

Afinal a vida é um upa.

Não deu pra ir mais além.

Mas ninguém tem culpa.
Quem mandou não ser devoto

de Santo Inácio de Acapulco,
Menino Jesus de Praga?

O diado anda solto.

Aqui se faz, aqui se paga.

Almoçou e fez a barba,
tomou banho e foi no vento.

Não tem o que reclamar.

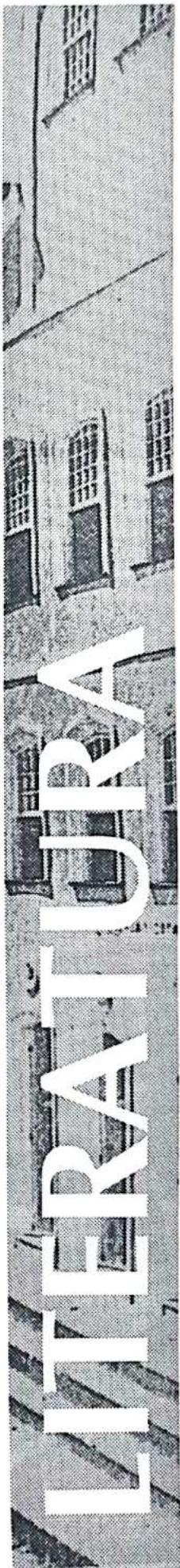
Agora, vamos ao testamento.

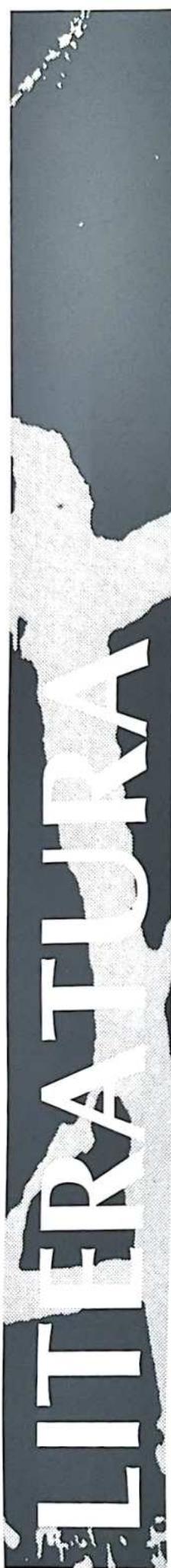
Hoje, a morte está difícil.
Tem recursos, tem asilos, tem remédios.

Agora, a morte tem limites.
E, em caso de necessidade,
a ciência da eternidade
inventou a criônica.

Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.

(Pags 80-81)





Rumo ao Sumo

Disfarça, tem gente olhando.
Uns olham pro alto,
cometas, luas, galáxias.
Outros, olham abanda,
lunetas, luares, sintaxes.
De frente ou de lado,
sempre tem gente olhando,
olhando ou sendo olhado.

Outros olham para baixo,
procurando algum vestígio
do tempo que a gente acha,
em busca do espaço perdido.
Raros olham para dentro,
já que dentro não tem nada.
Apenas um peso imenso,
a alma, esse conto de fada.

Despropósito geral

Esse estranho hábito,
escrever obras primas,
não me veio rápido.
Custou-me rimas.
Umas, paguei caro,
liras, vidas, preços máximos.
Umas, foi fácil.
Outras, nem falo.
Me lembro duma
que desfiz a socos.
Duas, em suma.
Bati mais um pouco.
Esse estranho abuso,
adquiri, fez séculos.
Aos outros, as músicas.
Eu, senhor sou todo ecos.

(Pag 90)

Carrego o peso da lua,
Três paixões mal curadas,
um saara de páginas,
Essa infinita madrugada.

Viver de noite
Me fez senhor do fogo.
A vocês eu deixo o sono.
O sonho, não.
Esse, eu mesmo carrego.

(Pag 40)

Pareça e desapareça

Parece que foi ontem.
Tudo parecia alguma coisa.
O dia parecia noite.
E o vinho parecia rosas.
Até parece mentira,
tudo parecia alguma coisa.
O tempo parecia pouco,
e a gente parecia muito.
A dor, sobretudo,
parecia prazer.
Parecer era tudo
que as coisas sabiam fazer.
O próximo, eu mesmo.
Tão fácil ser semelhante,
quando eu tinha um espelho
pra me servir de exemplo.
Mas vice versa e vide a vida.
Nada se parece com nada.

A fita não coincide
Com a tragédia encenada.
Parece que foi ontem.
O resto, as próprias coisas contem.

(Pag 63)

(Poesias retiradas dos livros "Distraídos venceremos" e "La vie en close")

Fernando Tokarski

Tokarski é, seguramente, o mais talentoso contista catarinense da nova geração. Nasceu em 1957 em Ireneópolis e mora em Canoinhas, onde trabalha como professor.

A grande novidade da sua literatura é a linguagem, que de certa maneira recria a comunicação oral dos descendentes de poloneses, e o humor. E já se disse que o humor não está dissociado da inteligência.

Seu livro **"Aniba e outros povos"**, da onde tiramos o "Se você soubesse", ganhou o concurso "Virgílio Várzea", de contos, em 1984. Seu endereço é Rua Deodato de Lima, nº 100, Canoinhas, Santa Catarina.

"Se você soubesse"

Se você soubesse como foi o rendi-
vu traquejado pela Milícia Estadu-
al, a Paleozóica, quando encorralou os
Lopes, lá mesmo, na Tapera onde mo-
ravam, no Bom Sossego, bom sossegui-
nho, que descansem os mortos. Ainda
bem que já faz tanto tempo...

acho que meu pai nem tinha nascido.
Os meghanas montaram pangarés e
douradilhos e foram judiar jagunços. A
coisela foi do roubo duns aperos: bu-
çal, barrigueira, pelegos, cabrestos, es-
sas muambas. Coisa de nada, de nadinha
mesmo. Mas tinha uma pena de
dúvidas antigas: era preciso descontar
tudo, todos os bochichos e arruaças ti-
das até mesmo nas casas de zona, lufa-
lufas com tenentinhos metidos a sebo.

Depois das cavalgadas, que muitos
fizeram doer os sabugueiros da tropa,
arrodeou-se e bombeou-se durante três
dias o rancho dos cabras. Os soldados
estrategiavam, flanquejavam, faziam re-
tiradas, contra-atacavam; borravam-se
nos galhos secos, é os Lope! qui sacana-
gi, por poco! Começou a chover no fim
do terceiro dia, ao desabar da noite. O
tenente Cavalim, chefe da expedição, ao
limpar-se numa macega, fez passar uma

taturana no militar rofiofió, o que aumentou sua reina. Mandou que os milicos
cavassem uma trincheira, qui esses fio-
da-mãe num são di brincadeira; a polí-
cia cuspiu nos calos e mão-lhe-xote! -
na próxima giraçum vô sê oficial! - dis-
se o Marreco, soldado 324 que treinava
toda santa horinha as táticas de corrida e
fuga i us patus qui si borrim, cumo é qui
fui caí nessa joça?

O tenente Cavalim mandou que pa-
rasse aquela bobagem e o Marreco fi-
cou bambo das pernas: tava cuéra na-
quela bosta. Até um baita mijacão su-
miu, diacho!

Cavalim e o segundo-tenente Chiplanski deram ordens para que destruíssem tudo, não deixassem breguêcio
algum em pé; tacassem fogo no que vis-
sem. O cabinho Búlico ergueu um dedelho, fez continência, é a minha licen-
ça, tinenti, num havede qui isquici meus
ovre in casa; o pelotão caiu na risada e
levou uma sonora mijada do próprio
segundo-tenente, um polacão compri-
do e branquela: cali a boca vucê, qui
anda indo no fiote da impregadinha do
coronê, si eu ti intrego, heim si eu ti
intrego?



No alvorecer do quarto dia, a representação da Paleozóica entrou rachando o cano na choça dos Lopes. Uma desconfiada testemunha diz que ouviu cento e trinta e oito disparos e depois correu, qui fim di mundo! O Custódio Bento, surdo dum ouvido, diz jurar até na justiça que ouviu duzentos ou mais. Disse que tantos tiros existiram que um fumacedo aconteceu praqueles lados da tapera dos Lopes, i fazia aqueli baruio qui era iguar a uma tromenta qui Deus-u-livri.

Se você soubesse como foi o pipocueio da fuzilaria! Entraram jagunçamente na tapera dos Lopes. Na correria, fuzilando como condenados, os meganhas fizeram tombar um guapeca, um pé de couve e um pato rechonchudo, morto pelos coices do cabinho Búlico, ainda enfunado pela babada do segundo-tenente Chipanski.

Na meia-agruinha, nem um gemido. O ranchinho virara uma peneira, os Lopes que saísem, que coisas! Chovia e não parava. Diz o escrivão-mor da expedição, soldado Bezerra, que guardava os assentamentos na pinha para depois escrevê-los na caserna, que o pato, já duro e encruado, passou pelas hábeis mãos do outra vez cabinho Búlico seu matante a pontapés, como já se sabe. Na beira do tacho, o finado animzinho, de pacúeras dilaceradas, adquiriu novos dotes: era uma pata! Prova disso, o ovo arrebatador que levava em suas modestas entranhas.

Mas, como eu disse, entraram endiabradamente na tapera dos Lopes. Alguns soldados rastejavam, outros corriam, outros ululavam, outros atiravam a esmo, outros miavam, outros mal paravam em pé, sentindo nas calças o peso da responsabilidade pelo bom nome da Milícia Estadual e a pátria-mais-que-um-Deus: iam picar de balas os Lopes, que um dia também tinham cagado na porta do Bar Peroba, contribuindo para que as grandes damas ficassem chocadas e nervosas e assim adiantassem as regras. Os soldados tiritavam e atiravam pras estrelas. Mijavam-se ao menor ru-

ído.

O rancho dos Lopes continuava estatudo, impassível como um cavalo velhusco. Sequer um sinal de vida. Os caiporas ainda tavam entocados lá dentro? Contra-atacariam na noite seguinte; era quase uma certeza. Decerto na tapera só tavam os homens. Se existissem mulheres e crianças, já tinham zarpado a tempo. Os meganhas comeram todas as couves e batatas encontradas; tavam meio mortos pela fome. Acabada a fuzilaria, o tenente Cavalim, peito estufado, saiu da sua trincheira a procurar um jeito de acalmar o coça-coça causado pela taturana; encontrou o veradeiro pato com uma asa esfacelada e uma perna manquitolante. Matou-o com uma descarga da Parabellum.

Como os Lopes não revidavam, por idéia do Marreco, o comando resolveu incendiar o casebre dos acossados. Tratou-se de pôr o plano em prática, o que fez clarear, por uns instantes, o negrume da noite do céu de Bom Sossego. Queimada a tapera, o segundo-tenente Chipanski lembrou que ainda não tinham dado a ordem de prisão aos Lopes. Por isso o soldado Quirino foi chamado às pressas, ele tinha uma trovoada na garganta. Dada a voz de prisão, os soldados disparavam uma chuva de tiros sobre os escombros e deram as costas. O soldado Bezerra recebeu ordens supremas para que guardasse na cachola e depois escrevesse no papel que os Lopes, homens, mulheres, crianças e animais foram mortos por "resistência à prisão", e que assim ficasse constituído no relatório da expedição, alcunhada "da Liberdade".

Dias mais tarde os Lopes ficaram sabendo do incêndio e das rebaldarias praticadas pela Paleozóica, acampados que estavam, há semanas, a quilômetros da tapera abandonada. Riram por dentro e por fora e prometeram, entre si, a passar chumbo nuns bostinhos chamados Cavalim e Chipanski.

(Pags 56-58)

(Prêmio Estadual de Literatura, 1894)

Emanuel Medeiros Vieira

Emanuel tem 51 anos, e vive há 15 em Brasília, onde trabalha na Câmara Federal. Talvez seja um dos nossos escritores mais conhecidos tanto aqui como em outros centros. Já participou de várias antologias nacionais de contos e agora prepara uma seleção "pessoal" com seus trabalhos mais significativos.

Seu estilo é seco, de frases curtas, direto, mas que não oculta o lirismo e uma rara percepção do humano.

Atualmente sua obra é tema de tese de mestrado de um professor do Departamento de Letras da UFSC. O endereço do escritor é SQS-114, Bloco H, apto 308, Asa Sul - CEP 70377-080- Brasília.

"Treme bandeira trêmula"

*Para Jorge Pina (in memoriam),
e para Luiz Paulo Pieri*

"Velho"

A velha ira na voz de Mônica, a voz firme e ressentida. O céu está muito azul neste maio. Limpo. Não há quase movimento de carros ou gentes. Estamos num gramado perto das embaixadas da Colômbia e Chile. O meu silêncio, olhando para cima, irritava ainda mais Mônica.

- "Notaste como a tua barriga tem aumentado?"

Sou brasileiro exausto. Cansei de discutir, de responder, de retrucar, cansei dos pingue-ponques verbais, entre mim e ela, entre mim e os outros, entre os outros entre si (como de rádios em alto volume, tevês histéricas, etc.). A rigor cansei das palavras. Eu conseguia apenas fechar a boca, trincando os dentes. Grunhindo. A jovem Mônica poderia acrescentar.

- "Estás te transformando num animal."

Ela não dizia, seria porrada demais, pelo seu olhar que eu fingia não ver, ela pensava: "Velho, bêbado, decadente."

Mônica deveria ter 20 anos. Achava que iria mudar o mundo e estava cheia de idéias, não parava de falar, não ficava quieta. E nós dois ali, sem carro, em pé, naquele manhã de maio, sexta-feira, perto de algumas embaixadas. (Persa, espanhol, francês, ninguém se entendia.)

- "Por que não reages?"

Eu continuava olhando para o céu. Eu tinha escrito uma história para um curta metragem que Mônica iria interpretar, dirigida por um colega seu da UNB, barbudo e do Partidão. Era também uma história de amor, entre dois homens e uma mulher, eu não cansava de assistir **Jules e Jim**.

- "Que cara, Ernesto. Novamente de ressaca? Não consegues passar uma noite sem beber?"

E, descendo os olhos, num repente que me deu um calafrio, um vento forte, vi

INTERATURA



uma bandeira. Sim, baixara os olhos. Azul, branco. A bandeira tremulava. E não sei porque, outro doloroso calafrio - coisitas do inconsciente, camadas duras, prelíticas e úmidas, eu berrei, sem vírgula: TREME BANDEIRA TRÊMULA. Mônica me olhou, jeans, óculos escuros, um blazer chic - tão pós-moderna, engraçado, blazer e jeans, blusa branca, estatura mediana, bonitinha, um mocassim verde e continuou cansada, muito cansada de mim.

- "Enlouqueceu de vez."

Ela deveria pensar mais:

ENVELHECEU

ENGORDOU

BREVE-MORTO

CARECA ACELERADA

NÃO CRIARÁ O GRANDE ROMANCE

Uma vez ela não agüentou e disse: "Social-democrata de merda."

Na outra encarnação devo ter sido cidadão cruel, pensei e ri, mas a autopiedade era evidente.

Eu queria uma coisa boa agora, urgente, que acontecesse feliz, um estouro, um berro, um grito, um riso, uma guerra, qualquer coisa.

Mônica ficava trepando por aí, lógico, informada, com mais cuidado agora, AIDS, etc., mas ela não escondia e aí não tinha preferências ideológicas, valia o tamanho e a eficiência do órgão, rapazes de academia, musculosos, riquinhos do Lago Sul, eventualmente jornalistas angustiados e até gente dura de esquerda.

(Não, Mônica não era só isso. Era terna em muitos domingos e ainda meninota, fazia um macarrão gostoso, era carinhosa e solidária e gemia fundo naquele tapete que comprara a credíario numa loja no final da W-3 Sul. Ela me abraçava e ficávamos assim calados, olhando uma reprodução de Van Gogh: dois enamorados num milharal, em paz, o sujeito com as duas mãos no pescoço, a moça descansando no seu regaço.)

"Treme bandeira trêmula", essas três palavras, o verbo, o substantivo, o adjetivo, não saíam da minha cabeça e eu via aquele azul tremular ao vento. E sonhava com guardas chegando com fuzis e cassetetes e bombas de gás, de óculos escuros, raivosos, neste cerrado destinado às embaixadas (um pesadelo bem clichê).

- "Ernesto, você não sabe dançar, não tem coordenação motora, não toca nem um instrumento." Tinha um irmão que tocava bem gaita de boca.

"Quanto tempo vou durar?" monoguei naquela manhã na capital, em pé na grama, o sol batendo no rosto, o vento balançando a bandeira, a idéia da morte atravessou o gramado, dois corredores fazendo cooper, um raro automóvel com placa verde.

Mônica era clara e tinha alguns cachos loiros. Treme bandeira trêmula. Um outro dissera: Sou um espião de Deus, Fui caminhando, me aproximei da bandeira que havia tremulado, temor, tremor. Fiquei olhando. Veio um guarda.

- "O que o senhor deseja?"

- "Nada. Estou apenas olhando a bandeira."

- "É melhor circular, ir andando."

A cabeça doía, o uísque da noite anterior era nacional e tomara dois conhaques para terminar a noite.

"Tipo oral, insaciável", Mônica as vezes falava assim.

Mas também falava em "caridade", "sinceridade", "lealdade".

Tenho certeza que comecei a morrer naquela manhã, quando contemplava a bandeira trêmula. Sim. Foi ali. Foi ali que comecei a morrer. Não a envelhecer. Eu já estava velho há muitos anos, não de cara, por dentro, ressequido, uma paisagem árida. Devo ter sido sempre velho, mesmo quando Dona Alda era minha professora no primeiro ano primário. Mas morrer mesmo foi ali que comecei. Não precisou o

guarda da embaixada puxar o revolver, eu sabia, meus dias estavam contados. Não, não estava doente, era premonição certeira. Não, nada mais de romance, grandes projetos. Eu queria mesmo era criar búfalos na Ilha de Marajó. Às vezes eu também desejava matar Mônica que me desprezava sem sutileza, que ria de mim a cada minuto, eu que a cada dia envelhecia mais, como todos, só que uns sofrem mais, há TV, samba, futebol, e loto para amenizar. Eu estava ruim e ela me fazia pior ainda e buscava seus incontáveis parceiros, quem sabe melhores de cama, "agora só com camisinha". E saía por aí, com burgueses possuidores de carros reluzentes, comunistas com respostas prontas, com todos, talvez até com aquele crioulo enorme, zelador do seu bloco na Asa Norte que, quando me via, não conseguia disfarçar o sorriso que se pretendia escondido, só faltava levantar os dois dedos acima da testa e apontar para mim. Aquele sorriso me perseguia sempre, quando ia no apartamento de Mônica e mesmo quando eu estava de costas para ele, em direção à prumada de Mônica, "eu sabia" que ele olhava pra mim e ria, eu motivo de graça desses porteiros noturnos.

Sim, já que ia morrer, resolvi fazer a mala e olhei pela última vez para a bandeira. E fui andando a pé, em direção à embaixada do Uruguai, Canadá, dobrei à direita, México, Tchecoslováquia, à esquerda contemplava o lago que brilhava, sentindo o sol, algumas sedes de clubes. Resolvi correr, Mônica berrando, "me espera, Ernesto", "me espera", afliita, eu tentava correr mais, sem resistência, 50 anos de vida, o fígado devastado. Gastara muito a carcaça, não tinha pulmão, não tinha pernas, a língua ardia, eu bufava, a sede enorme gerada pelo calor, pelo ordinário uísque.

Logo ela me alcançou com seus vinte anos, sua ginástica três vezes por semana numa academia. Sua natação na Universidade, suas comidas naturais, seus sucos, seus cuidados. Os anos pesam e eu lembrei naquele momento de quando fizera oito anos e mamãe me dera um urso de pelúcia e o almoço fora melhor e eu chegara com o boletim na mão, "rodei em Aritmética".

O que vira Mônica em mim, um soterrão empedernido? Um bom Judas para ela exorcizar seu desassossego com o mundo? Com o "sistema capitalista periférico"? A puta que o pariu.

Ela falava, "vais para onde, Ernesto?" "Para a Ilha de Marajó."

Farei a trouxa, me aposentei por doença, posso viajar, não tenho filhos, bens de raiz, nada que me prenda, morrendo meu pecúlio irá para as burras do Estado, vou embora. Fui andando até a minha quadra, cheguei suado e sujo, peguei o elevador de serviço, Mônica atrás, bati a porta junto ao seu nariz adunco, ela já pensara numa plástica.

Arrumei a mala, peguei um táxi, troquei duzentos dólares no Banco do Brasil do aeroporto, limpei a poupança da Caixa e, loucamente, deixava o apê assim, sem rescisão de contrato, sem nada, apenas desligando o gás e a luz. Comprei uma passagem só de ida para Belém, fiquei perambulando pelo aeroporto, tinha quatro horas de espera, a ressaca ainda perdurava e na minha cabeça eu via ainda a trêmula bandeira, eu não gostava mais do país, das coisas apodrecendo, das pessoas correndo insanamente para roer o osso, o país roído, Matheus primeiro os teus, a irritação nas filas, no trânsito, as traições todas, sei, Marajó é Brasil, mas outro Brasil, mais longe.

Aviões descendo e subindo, fui ao restaurante, gostava de ver aviões, parados, levantando, aterrissando e queria ainda assim uma bebida forte, um conhaque duplo. Parece folhetim mas vi Mônica correndo naqueles saguões, naquelas esteiras rolantes, enquanto vozes adocicadas anunciam os próximos vôos, já deixara o restaurante, pensei em me esconder atrás de uma pilastra, nada, paletó na mão, camisa fora





das calças, sem dois botões, os pelos da barriga aparecendo, Mônica berrava, não tinha timidez alguma, "Ernesto, Ernesto, Ernesto". Tímido que sempre fui eu me arrepiava, as pessoas olhando, outras fingiam que não olhavam mas observavam também, os gritos transgrediam a rotina do dia. "Eu judiei muito de ti, Ernesto, muito, mas não farei mais isso", eu queria fingir que não era comigo, mas ela vinha em minha direção e todos os olhares vinham para mim, "não vou te cornear mais, eu te prometo", ela já estava quase encostada em mim, "não digo que te amo, Ernesto, mas preciso de ti, não posso viver sem ti", mas eu posso viver sem ti, Mônica, eu falei e quero ir embora dessa cidade que amo, minha cachaça, mas onde habita uma tensão imanente e muito rato e uma paisagem igualitária e não tem morro nem mar e muita gente infeliz, sofrida e solitária que não queria estar morando aqui, eu não te amo, Mônica, porque nunca amei ninguém e vou para Belém, de Belém pego um navio ou barco para Soure, na Ilha de Marajó, depois me interno em Salvaterra, criar búfalos, melhor lidar com búfalos que com gente feito nós todos, búfalos domesticados, como eu, que perderam a garra e a ira, búfalos, gatos, preguiçosos, acovardados - ou estóicos - , búfalos tristes.

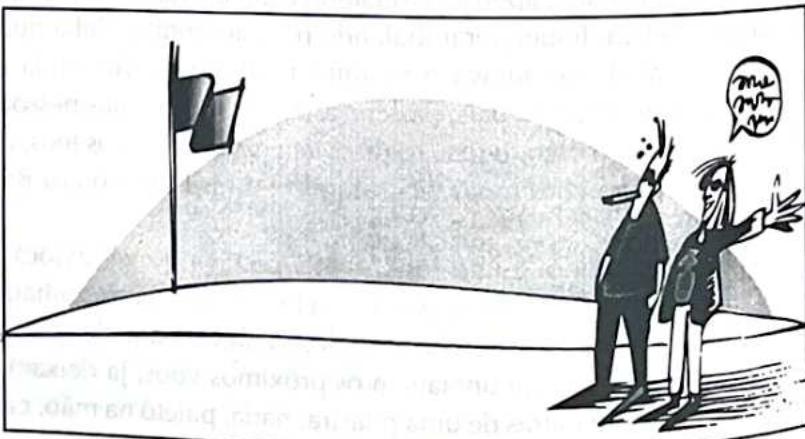
Mônica estava aborrecida, já não teria aquele gordo saco de pancadas onde ela punha fora a sua ira, a raiva que tinha do governo, a raiva que tinha das repúblicas todas, a raiva que tinha de si e do mundo.

Sou um homem exausto: não queria conversa e Mônica insistia, falando, berlando. Eu não desejava contradizer, não queria nada, deixava a retórica, as palavras, URGH, AFT, PSTT e a comunicação era cada dia mais difícil. Prefiro agora lidar com búfalos, bichos resistentes que suportam tudo ou quase tudo, que resistem mais que a gente, múmias que não ficam com essas caras devastadas.

Não queria justificar mais nada, só não queria ficar no mesmo lugar e olhava o céu do Planalto e sabia que o havia amado muito, desde os inícios da cidade, os barracos, a terra vermelha, os acampamentos, os fundadores, o nascer do sol, a criação da urbe. E agora fazia um outro caminho, não para o útero, a cidade natal, eu não queria voltar, só andar para a frente, ia para a porteira da Amazônia, rios barrentos, igarapés, frutas e grandes espaços. Estava quase na hora do avião partir e me lembrava do Setor de Embaixadas, Colômbia, Chile, um gramado, contemplando a bandeira trêmula ao vento, correndo entre as embaixadas todas, sem fôlego, olhando lá embaixo, pensando nos meus búfalos, aqueles bichos que um dia foram rios, rudes e selvagens, fortes e hoje estavam presos a carroça, como qualquer cavalo acabado e triste.

(Julho e setembro de 1989)

(Do livro de contos "Tremores", págs 46-51, prêmio Brasília de Literatura - 1991)



cultura

Política e

cidadania

Palestra proferida em 08/12/94 por ocasião da fundação do INCCOR - Instituto Catarinense de Defesa da Cidadania e Combate à Corrupção, no Auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina.

(* Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFSC

Assim como os sonhos refletem os desejos, os interesses refletem uma ideologia, uma idéia reflete e necessita de uma instituição que a acolha, a fortaleça, a enriqueça e principalmente a universalize, enquanto condição para a cidadania, enquanto negação da barbárie.

Vamos nos deter na reflexão sobre os fatores estruturais que produzem ou propiciam a corrupção ou que podem inviabilizar o seu combate.

Um primeiro aspecto a considerar é a própria fragilidade da Sociedade Civil brasileira no controle e na vigilância da ação dos poderes instituídos. Este aspecto pode ser percebido no fato de que a divulgação dos escândalos envolvendo a coisa pública se deu, antes por rupturas internas dos grupos corruptores, do que por um processo institucional, encaminhado sistematicamente pela Sociedade Civil. Este aspecto é evidente nos principais escândalos recentemente ocorridos, como o impeachment do ex-presidente Collor¹, na CPI do Orçamento², deputados da CPI do Orçamento denunciados pelas esposas. Também, a divulgação da cor-

rupção vai acontecer por falhas internas, como no caso do chamado golpe "cucaracha" que envolve a ex-ministra Zélia; as denúncias de um ex-contador rompido com o "banqueiro do Bicho" Castor de Andrade. Finalmente, o caso Ricúpero, que só pode vir à tona graças a um defeito técnico de uma antena parabólica.

Esta é uma desagradável constatação, de que a onda de moralidade pública não foi fruto de um processo corrente, formal, de um jornalismo investigativo, mas resultado de crises internas dos próprios grupos corruptores.

Mas também não podemos ser tão pessimistas. Estamos aprendendo com estes acontecimentos e buscando reagir a eles. A criação do INCCOR é uma expressão desta reação.

É necessário pois que tenhamos uma compreensão apurada do processo que produz ou propicia a corrupção. Talvez a maior lição que podemos tirar do período Collor é a de que não adianta destronar os tiranos, mas sim, repensar as estruturas que os produzem, como afirma CHAUÍ(1992:375):

"Um dos nomes da corrupção, por-

*zonshoq aq oqjif tóican a sevia?"
oqj aq a à tollo3 obesinq aq tómi
,zontif aq tómatibz sholbs qm
zq tómatibz ,mz am
"mz am" aq tómatibz*

1 A CPI só adquire força com as denúncias do irmão e a ruptura do clã.

2 As denúncias do economista José Carlos dos Santos foram provocadas, mais pelos aspectos emocionais e espetaculares que envolviam o assassinato de sua mulher, do que por um ímpeto de moralidade.

uma política democrática.”

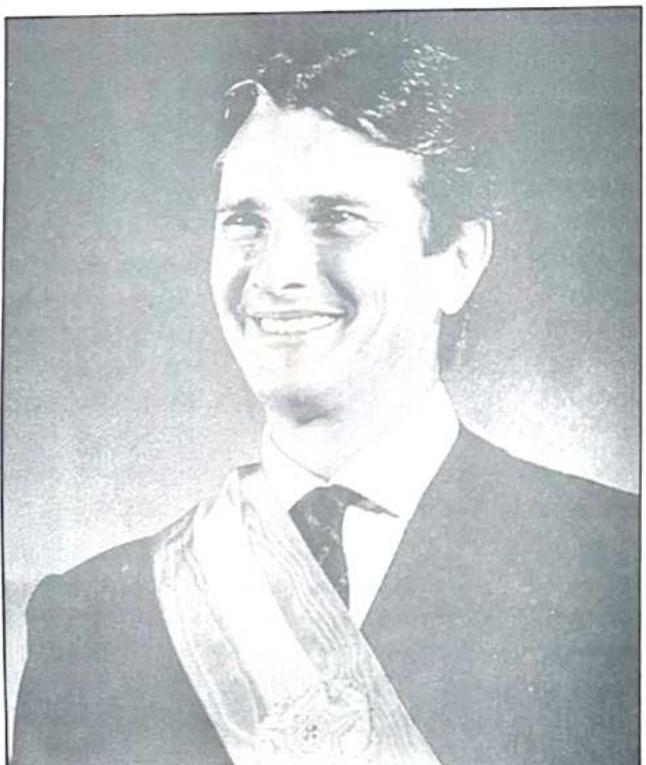
A leitura que a Sociedade Civil brasileira hoje faz do poder público se dá essencialmente através da lente da ética. O poder e seus agentes são julgados também como éticos ou não-éticos. Como a competência administrativa está cada vez mais associada à questão da ética, a probidade nos negócios públicos torna-se, pois, cada vez mais fator de avaliação e legitimização da competência administrativa.

Porque o poder patrimonial se torna fonte ou propicia a prática da corrupção? - o que significa um poder patrimonial?

Quanto à sua estrutura, o patrimonialismo é uma das formas da dominação tradicional (no sentido weberiano). Isso significa que possui uma cultura político-administrativa própria às sociedades pré-capitalistas ou feudais e que se desenvolve basicamente no seio das economias agrárias, podendo ter obviamente vinculações urbanas. O patrimonialismo pode desenvolver também um estamento (isto é, um corpo de funcionários) e um quadro administrativo. Estes têm características próprias que contrapõem àquelas das formas burocráticas de organização do poder.

A origem do poder patrimonial provém de relações familiares (de clã) ou grupos estamentais. Este poder é baseado e legitimado num código de tradição e centrado na figura pessoal do senhor ou chefe (não existem poços intermediários institucionais). Como decorrência, o cargo torna-se propriedade do senhor ou do grupo estamental, dispondo estes de um “direito privado” de nomeações, sempre de acordo com seus interesses em detrimento da leitura de interesses de caráter público. Em muitos casos, este direito torna-se praticamente hereditário. Conjuntamente são apropriados os meios administrativos (desde as empresas públicas, passando por formas de concessões públicas, até os meios mais simples e cotidianos, como a apropriação do computador da repartição, ou uso privado do tempo de trabalho público). Acontece, portanto,

“Talvez a maior lição que podemos tirar do período Collor é a de que não adianta destronar os tiranos, mas sim, repensar as estruturas que os produzem.”



tanto, é o despotismo e a resposta política contra ele não se encontrará na substituição de um governante por outro, mas na qualidade das instituições que o impeçam.”

O segundo ponto nos remete à questão institucional. No Brasil, temos uma tradição de cultura política e de estrutura de poder, que Weber (1977) chamou de patrimonial. É esta estrutura patrimonial, associada às elites oligárquicas, que durante séculos imprimiram ao Estado e à Sociedade brasileiras uma prática e uma relação de poder, que só agora, no advento de uma Sociedade Civil que busca se organizar e expressar, denuncia esta estrutura de poder como não-ética, não-pública, despótica, e portanto, como impedida da construção de uma moralidade pública, de uma res pública. Portanto, como poder arcaico frente a uma Sociedade complexa que necessita e clama, urgentemente, poder se organizar.

A condição de arcaico desta estrutura de dominação, disseminada nas instituições e órgãos públicos, se baseia não somente na contraposição ao desenvolvimento de uma burocracia, no sentido de weberiano. O seu arcaísmo se revela por um lado, na histórica e crônica incompetência administrativa deste tipo de poder, pois o mesmo não tem capacidade estrutural para administrar Sociedades complexas. Por outro, na falta de uma moralidade pública, uma vez que é inerente a condição patrimonial, a apropriação privada daquilo que é, ou deveria ser público.

“Na América Latina é grande a influência dentro do setor conservador, do atraso, do conservadorismo prebendário, patrimonial, expressando e reproduzindo relações sociais de um atraso fenomenal e de uma real incapacidade de conceber, objetivamente, o sentido de

to, uma apropriação monopolizadora dos cargos e dos meios administrativos, por seus titulares patrimoniais. Quanto ao funcionário do senhor patrimonial, este é geralmente recrutado no ambiente do clã, ou em círculos próximos (são comuns as relações de compadrio), e não um recrutamento de caráter público e universal. A prática de recrutamento de funcionários é conhecida como *clientelismo*, onde o agente público (ocupante de um cargo ou o próprio cidadão) é percebido como um cliente, isto é, recebe um cargo ou um serviço público em troca de apoio político a um sujeito privado. As relações que se estabelecem entre senhor/funcionário, na estrutura patrimonialista são de *fidelidade* pessoal e *servilismo* em contraposição à ordem burocrática, onde a competência técnica é critério de seleção e avaliação. Não existe aqui a fidelidade a uma idéia, a um projeto ou uma instituição e muito menos qualquer compromisso de competência com os serviços públicos. Este é um dos fatores, a meu ver, responsável pelo viciamento da máquina administrativa. A Administração política é considerada uma questão puramente pessoal e não uma Administração pública. Finalmente, o senhor patrimonial não faz distinção entre a esfera do público e privado. Isto significa concretamente o não reconhecimento das instituições da Sociedade Civil, bem como a destruição ou o impedimento da esfera democrática dos direitos civis, sociais e políticos, das garantias da cidadania.

As marcas dos governos despóticos

Mas a característica mais forte da cultura patrimonial é o conceito de autoridade que lhe é inerente, configurando como despótico. O princípio do governo despótico é o medo, pois nele a virtude não é necessária e a honra é perigosa, pois cria rivais. Aliás, o medo tem como função extirpar a virtude e a honra (portanto uma cultura ética), e

criar "uma extrema obediência" e afirmar que o "quinhão dos homens, tal como o dos animais, é o instinto, a obediência e o castigo." O universo patrimonial é aquele onde "tudo é de um".⁴

A marca do despótismo é a vontade arbitrária do governante, medo dos governados, apropriação privada do que é comum ou público. O governante despótico espera três sentimentos dos governados: amor, medo e reverência e não, ações conduzidas por normas objetivas. Isso configura a mais violenta das relações sociais que é a de senhor/servo. Não existe nesta relação qualquer possibilidade de cidadania, pois o despotista não reconhece em seu servo quaisquer direitos; portanto, não se constrói sobre esta relação uma democracia e muito menos uma cultura ética. Onde não existe ética, existe violência.(CHAUÍ:1992)

Resumidamente estes são alguns elementos que caracterizam um quadro de poder (político e administrativo) com características patrimoniais, os quais podemos perceber ainda fortemente incrustados nas nossas instituições, e que entendemos é a grande fonte de uma prática e de uma cultura de corrupção. Infelizmente esta cultura política adquiriu vigor nos últimos anos face a diversos fatores, um deles a crise do próprio modelo desenvolvimentista.

Sintetizando, a Sociedade Civil organizada não suporta mais esta cultura político/administrativa, pelos seguintes aspectos aqui resumidos:

- Pelo caráter politicamente privatista (familiar, de clã) e excluente de suas estruturas e práticas de poder, cristalizadas no aparato institucional brasileiro. Em muitas esferas podemos nos considerar ainda, uma res familiar. O governo Collor nos fez o favor de revelar a face do poder, que a despeito da sua sorte, parece que permanece intac- to.

- Pela inexistência de uma prática de gestão verdadeiramente pública, ética, política e administrativamente competente para moralizar e organizar uma sociedade complexa e que se politiza.

3 O'DONNELL; 1987.

4 CHAUÍ; 1992.

- Pela não distinção das fronteiras entre o público e o privado, isto é, por aquilo que é, deve ou deveria ser público e aquilo que é, deve ou deveria ser privado. Vivemos um processo violento de privatização daquilo que é público, daquilo que é bem comum, e de uma interferência sem limites do público naquilo que deveria ser privado, sem que possamos nos defender de forma mais efetiva contra essas transgressões, sejam elas de ordem física ou simbólicas.

- Vivemos uma polarização social entre a carência e o privilégio. Aqui se coloca um processo que se acentua paralelamente à idéia neoliberal. A marca da carência é ser sempre específica e particular, não conseguindo generalizar-se num interesse comum nem universalizar-se num direito. A marca do privilégio é também a particularidade, não podendo generalizar-se num interesse comum e muito menos universalizar-se num direito sem deixar de ser privilégio. Como a marca da democracia é a criação de direitos, não há como consolidá-la nesta polaridade. Na medida em que não operam os princípios da igualdade, da liberdade, da responsabilidade, da representação e da participação, nem o da justiça e o dos direitos, a lei não funciona como lei, isto é, não constitui um pólo de generali-

ca da carência é ser sempre específica e particular, não conseguindo generalizar-se num interesse comum nem universalizar-se num direito. A marca do privilégio é também a particularidade, não podendo generalizar-se num interesse comum e muito menos universalizar-se num direito sem deixar de ser privilégio. Como a marca da democracia é a criação de direitos, não há como consolidá-la nesta polaridade. Na medida em que não operam os princípios da igualdade, da liberdade, da responsabilidade, da representação e da participação, nem o da justiça e o dos direitos, a lei não funciona como lei, isto é, não constitui um pólo de generali-

"A onda de moralidade pública não foi fruto de um processo corrente, formal, de um jornalismo investigativo, mas resultado de crises internas dos próprios grupos corruptores."



dade e universalidade social e política no qual a sociedade se reconheça. A lei opera como repressão, do lado dos carentes, e como conservação de privilégios, do lado dos dominantes. Por não ser reconhecida como expressão de uma vontade social, resta à lei ser percebida como inútil, inócuia, incompreensível, podendo ou devendo ser transgredida em vez de ser transformada. Torna-se pois espaço privilegiado para a corrupção⁵.

Um terceiro ponto refere-se à necessidade de fortalecimento da opinião pública. Esta é o único instrumento de que a Sociedade Civil dispõe de contrapor e neutralizar o poder despótico. A opinião pública implica em tornar o poder transparente. Isto significa tocar numa questão clássica da relação entre a moral e o poder, isto é, a da mentira na gestão da res pública. A mentira é um problema político, que suscita dilemas éticos, pois põe em risco princípios e compromete resultados. Ao

direito de mentir do governante, contrapõe-se, para contê-lo, o direito a uma informação exata e honesta dos governados. Numa democracia, a publicidade e a veracidade são a regra⁶, o segredo e a mentira são a exceção⁷. Neste sentido devemos envolver a Sociedade Civil neste projeto, particularmente os profissionais produtores de opinião pública, no sentido de criar capacidade de julgamento e transparência.

Finalmente devemos incluir a Universidade neste projeto. Uma nova cultura política que queira se contrapor às formas de opressão e barbárie exige que se crie um pensamento novo. As novas instituições da Sociedade Civil nascente propõem novas relações Estado/Sociedade, novos princípios e práticas de gestão, novos conceitos de autoridade. É preciso pois que pensemos uma Teoria Política das Instituições, para amparar este processo. Esta seria, sem dúvida, uma nova e fundamental tarefa da Universidade.

Referências Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena.** *Público, Privado, Despotismo.* In: Ética. Org. Adauto Novaes - São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. pp. 345-390.

LAFER, Celso. *A mentira: um capítulo das relações entre a ética e a política.* In: Ética. Org. Adauto Novaes - São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. pp. 225-237.

O'DONNEL, Guilhermo. *Transição Democrática e Políticas Sociais.* In: Revista de Administração Pública, v. 2, n. 4, out./dez., Rio de Janeiro, FGV, 1987.

WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. - México-Bogotá: Fondo de Cultura Económica. 1977.

5 CHAUÍ; 1992.

6 LAFER; 1992.

Uma "onda conservadora" sobre a América Latina

(*) Professor do Departamento de História da UFSC, mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Nacional Autônoma do México.

1. No final de 1978 Carter afirmou que "nossa objetivo . . . é aumentar o nível real dos gastos de defesa." Logo em seguida criava-se a "doutrina Carter", cujo objetivo era incrementar o orçamento militar, incluindo não apenas as forças de intervenção, mas também os preparativos para um recrutamento geral em tempos de paz. Os mísseis MX, por exemplo, consumiram grande parte deste orçamento e desataram a carreira armamentista entre Washington e Moscou. Veja-se CHOMSKY, Noam. *La Segunda Guerra Fría*, Editorial Crítica, Barcelona, 1984, pp. 185-188.

2. Thatcher exigiu rigor dos organismos financeiros internacionais no tocante à dívida do Terceiro Mundo. Chegou a afirmar que estes países deveriam vender seus parques industriais e até parcerias do território para honrar os compromissos assumidos. Defensora intransigente de um modelo econômico-político-social neoliberal, chegou a reduzir, no próprio Reino Unido, de 46% (1979) para 36% (1984) o índice de trabalhadores sindicalizados.

3. Os Documentos de Santa Fé I e II, respectivamente de 1980 e 1988, foram elaborados como subsídios à política externa de Reagan e Bush. No entanto eles passaram a nortear as ações externas destes dois mandatários, quase como uma espécie de cartilha, tamanha a sua influência.

O mundo ocidental sofreu um processo de direitização ideológica a partir do final da década de 70. Dois acontecimentos políticos marcam a chegada de novos ventos conservadores: a mudança radical do governo Carter - entre julho e outubro de 1978 - dando início à segunda Guerra Fria¹, que Ronald Reagan conduzirá com muita propaganda e um alto espírito belicoso, e a chegada ao poder de Margaret Thatcher e seu modelo econômico neoliberal.²

No entanto, o germen do conservadorismo já vinha em gestação desde o século passado, criou força com o início da Guerra Fria (1947) e passou a estar associado às relações mais ou menos tensas entre Washington e Moscou, bem como às crises econômicas que envolveram os países desenvolvidos. Somente em meados dos anos 70 ele começa a se materializar, com mais vigor, em representantes eleitos - na América, Europa e Ásia - e vai dominar a economia, a política, o social, a diplomacia, a cultura, a religião e a ciência.

Os Estados Unidos passaram, então, a sistematizar um pensamento conservador que prevaleceu na sua estratégia de política externa, principalmente com a América Latina.³

Crescimento do conservadorismo nos Estados Unidos

Vários fatores concorreram para o crescimento do conservadorismo dentro dos Estados Unidos, nos últimos anos. O primeiro é a preponderância das regiões oeste e sul, chamadas de "cinturão do sol", sobre o restante do país. Tanto os estados sulistas quanto os oestinos são sede de um capitalismo direitista, excluente e intransigente no que se refere às leis de livre mercado. Partidários de uma retórica anticommunista e do incremento de gastos na defesa, opuseram-se ao fim da Guerra Fria, já que a mesma lhes possibilitava enormes ganhos na fabricação de armamentos. Parte do complexo industrial-militar, localizado principalmente no sul, não dispõe de capacidade rápida de reconversão, por ter prosperado à sombra de um estado-protetor, mantendo, então, poderosos lobbies junto ao Congresso para aprovar orçamentos que contemplem os gastos militares.⁴ Como o inimigo histórico desapareceu - a URSS - , buscam-se outros, podendo ser hoje os governos independentes do Terceiro Mundo, ou amanhã a Alemanha e o Japão com seus mercados conquistados às expensas dos Estados Unidos.

O capitalismo do sul e do oeste também é mais hostil aos sindicatos e tem usado largamente a mão de obra latina, especialmente a mexicana, para barganhar salários com os trabalhadores norte-americanos. Ao mesmo tempo, toma medidas drásticas contra os imigrantes quando eles crescem, se organizam, reivindicam e começam a eleger seus próprios representantes.

Ademais, no sul e oeste há um crescimento demográfico maior, conferindo um eleitorado significativo ao Partido Republicano. Na década dos 70, por exemplo, a população da zona oeste aumentou em 24%, a do sul em 21%, ao passo que a do nordeste teve um acréscimo de apenas 1%. Em 1980, no nordeste e meio-oeste dos Estados Unidos - também denominado de "cinturão do frio" - os habitantes perfaziam um total de apenas 46% da população do país, tendo-se em vista ser esta a região mais densa no passado por ter sido a primeira a ser colonizada.⁶

Cabe ressaltar que o sul e oeste igualmente não estão muito interessados em política internacional e sim em assuntos de economia doméstica. São nacionalistas, mantêm uma certa aversão aos "liberais" da costa atlântica e acreditam que os grandes problemas estratégico-militares e diplomáticos podem ser resolvidos pela superioridade nuclear norte-americana, a qual faz com que qualquer inimigo seja dissuadido de enfrentar Washington. Apesar de seu pouco interesse pelas causas internacionais, no entanto, nutrem um apreço especial, o Sul pela América Latina e o Oeste pelo Oriente Médio e Ásia.⁷

O segundo fator que tem estimulado o crescimento do conservadorismo foi a crise do capitalismo com sua consequente recessão. Sempre que a economia de um país desenvolvido entra em refluxo, seus respectivos governos, na tentativa de encobrir possíveis erros, insinuam ou responsabilizam diretamente os países do Terceiro Mundo. Foi o que aconteceu aos produtores de petróleo do Oriente Médio, que

face à guerra árabe-israelense, decidiram boicotar o fornecimento do mesmo a alguns países, entre eles os Estados Unidos. E a OPEP, consciente de sua força e da importância estratégica de seu produto, decidiu multiplicar por quatro seus preços. Por este motivo, fez-se contra ela uma campanha internacional, tratou-se o mundo árabe como pária nas relações externas dos países ocidentais e Reagan proclamou vitória, quando houve a queda do preço do petróleo, ao afirmar no início de 1986 que havia "posto de joelhos a OPEP".

Cabe lembrar que os Estados Unidos tiveram uma economia próspera no pós-guerra (1945-1968), sendo que o centro do poder financeiro, econômico, político, militar, estratégico e diplomático estava sediado em suas grandes metrópoles. Parte significativa do mundo estava destruída pela guerra ou ainda em uma fase de "desenvolvimento colonial", equivalendo então Washington à Londres de 1815. O PNB, por exemplo, medido em dólares de 1939, passou de 88,6 bilhões (1939) para 135 bilhões (1945) e a muito mais (220 bilhões) em dólares atuais. Embora o mote do crescimento tenha sido a produção de guerra, o setor civil da economia também foi fortalecido. Alguns anos depois de terminado o conflito, um terço da produção total das manufaturas do mundo eram feitas dentro dos Estados Unidos. A guerra, portanto, se trouxe enormes prejuízos para uma grande maioria, auferiu grandes vantagens para outros.⁸

Durante todo o período do pós-guerra houve consenso do Congresso e da população norte-americana em relação à política externa do Departamento de Estado, devido ao crescimento econômico do país. Já na década dos 70 surgem as primeiras fissuras com a guerra do Vietnã. O mote foi o conflito asiático, porém as causas reais se devem ao baixo incremento dos índices econômicos. Neste período a média de crescimento foi de apenas 2.9%, enquanto que a inflação alcançava 8.1% e o desemprego, 6.5%. Em 1980, ano em

"Migração Intelectual e Imperialista volta a ser o que eles entretinham no passado. Não tem mais força. Jaque Simão diz que não tem mais sentido no Brasil, o Brasil já não existe mais para ele, está morto. É uma morte social de fato".

4. "As indústrias militares resistem a uma reconversão porque estão acostumadas a receber subsídios do Estado, operando sem competitividade. Com a reconversão, terão que cortar custos, melhorar a qualidade, buscar mercados e enfrentar a competitividade. A distância entre o discurso de livre mercado e o capitalismo de Estado, que era a prática nos Estados Unidos, é enorme. O próprio Reagan, que falava tanto em livre mercado, foi um governo estatista no setor econômico. Alguns dos setores militares se reconvertem, como a Aerospace; outros, porém não. PETRAS, James. "Da Análise da Decadência Econômica dos Estados Unidos a uma Crítica do Neoliberalismo na América Latina". Revista Catarinense de História, nº 2, Florianópolis, 1994, p. 78.

5. O exemplo mais recente foi o de Pete Wilson, governador reeleito para o estado da Califórnia, que defendeu a proposta de que os imigrantes ilegais não tenham direito à educação, ao atendimento médico e a outros serviços públicos. Esta tese, conhecida também como proposição 187, foi vitoriosa e aumenta de maneira dramática os problemas dos que atravessam a fronteira em busca de trabalho.

6. Veja-se HALLIDAY, Fred. Génesis de la Segunda Guerra Fría, Fundo de Cultura Econômica, México, 1989, pp. 106-107.

7. O interesse do Sul se deve às matérias primas da América Latina, ao passo que o do Oeste se prende ao petróleo do Oriente Médio e à compra de armas dos países desta região, devido principalmente aos conflitos árabes-israelenses. No tocante à Ásia, o Oeste dos Estados Unidos está interessado em seus mercados.

8. Veja-se KENNEDY, Paul. Auge y Caída de las Grandes Potencias, , Plaza & Janes Editores S. A., 2^a edição, Barcelona, 1989, p. 443 e s.

dem o incremento dos gastos militares para contrarrestar qualquer mal forâneo, como, por exemplo, o avanço do comunismo internacional, os processos de libertação do Terceiro Mundo, o aumento dos preços do petróleo, o OPEP, as importações japonesas e as migrações dos países do sul.

1-A direita militarista

Reagan dá continuidade ao que Carter já havia decretado: a segunda Guerra Fria.¹ Ademais é apoiado um Congresso que, nas eleições, comitantes à presidencial, elimina quatorze senadores e cerca de cinqüenta deputados ditos "liberais". Os parlamentares recém-eleitos assumem um consenso de guerra fria: incrementar os gastos militares, enfatizar a ameaça soviética e reafirmar o poderio norte-americano.¹¹

O conservadorismo norte-americano apresenta três categorias bem nítidas e, consequentemente, estratégias distintas para se chegar ao poder e implementar seus planos de ação: a nova direita, os conservadores tradicionais e os neo-conservadores.

1.1. A nova direita

A nova direita exerceu um papel destacado na eleição de Reagan, porém perdeu influência durante o seu governo, devido à falta de pessoas competentes para o exercício de altas funções.

Este movimento se apresenta de forma organizada no início dos anos 60, revivendo temas primitivistas familiares de épocas passadas, tais como hostilidade à costa leste, desprezo para com a Europa, ataque feroz ao marxismo, não interesse pelos assuntos exteiiores, patriotismo machista, rejeição à luta das minorias e defesa de um fundamentalismo político e religioso. Hoje, chegam a organizar-se em grupos paramilitares, com treinamentos de guerra nos finais de semana, para combater ameaças à "liberdade" e à propriedade. Estes exércitos privados, marcados por um cunho nazi-fascista,

que Reagan vence as eleições, o quadro era mais dramático: crescimento zero, inflação superior a 9%, o desemprego atingia a cifra de 7.5% e a média do poder aquisitivo de uma família norte-americana havia caído 8.5% se comparada a 1976.⁹ Os que mais perderam foram os trabalhadores, e houve uma evasão de votos dos mesmos - ao redor de 8.5% - para os republicanos. No debate entre Carter e Reagan, este criticou fortemente a recessão, alegando ser a falta de comando a causa maior da mesma. Chegou a afirmar que, vergonhosamente, com o número de desempregados daria para formar uma fila indiana de uma costa a outra dos Estados Unidos, se entre cada membro se guardasse o espaço de um metro. Os norte-americanos, que haviam perdido de maneira humilhante a guerra do Vietnã, que haviam visto o presidente Nixon renunciar para escapar ao processo de impeachment, que haviam constatado haver uma paridade nuclear com a União Soviética, que haviam presenciado o triunfo da Revolução Sandinista na Nicarágua, que haviam sido vilipendiados em sua embaixada em Teerã, não dispunham de mais forças para suportar, ainda por cima, uma recessão.

Finalmente, o terceiro fator que correu para o aumento do conservadorismo foi a "ruptura dos modelos preexistentes de sociedade urbana, assim como as tensões inerentes a eles". Surgem, nesta época, alguns movimentos de protesto e afirmação liderados por grupos étnicos e sexuais, os quais desafiam o conformismo da família estadunidense de classe média. Esta, ao sentir ameaçada, apoia políticas conservadoras, quer no ensino, quer em programas sociais ou na própria legislação. Há, então, uma volta aos valores tradicionais da família, da religião e problemas de criminalidade passam a ser doravante apenas uma questão policial.

Esta situação doméstica passa a influenciar a política externa, já que os capitalistas do sul e do oeste defen-

9. Vejam-se FERGUSON Thomas & ROGERS Joel. *The hidden election*, New York, 1981 pp. 141 e s., bem como CHAGALL David. *The new kingmakers*, New York, 1981, p. 260, citado por HALLIDAY, Fred. op. cit., p. 108.

10. Fred Halliday divide as políticas do período da Guerra Fria em quatro fases, levando em conta as relações Estados Unidos-União Soviética: fase 1, a primeira Guerra Fria (1946-1953); fase 2, o período de antagonismo oscilatório (1953-1969); fase 3, distensão (1969-1979); fase 4, a segunda Guerra Fria, de 1979 em diante [provavelmente até 1985]. op. cit., pp. 23-26.

11. Veja-se HALLIDAY, Fred. op. cit., p. 110.

chegam a preocupar o próprio governo, pois eles se opõem não apenas aos programas de ajuda social interna ou externa, ao pagamento de impostos, ao ensino da teoria da evolução nas escolas, mas também aos princípios democráticos liberais da vida política norte-americana.¹² Em 1980, paradoxalmente, pela primeira vez este movimento contribui de maneira significativa na eleição de um presidente.

Muitos de seus líderes buscam inspiração nos heróis da primeira Guerra Fria. Richard Viguerie, por exemplo, que promoveu os Comitês de Ação Política, tem uma admiração especial pelos "Macs": Joseph MacCarthy e Douglas MacArthur. Enquanto o primeiro "Mac" promovia uma verdadeira caça aos liberais, cognominados de "comunistas", nos primeiros anos da década dos 50, concomitantemente o outro "Mac" avançava com suas tropas sobre a Coréia do Norte e planejava tomar a China e se possível a União Soviética.

No início dos sessentas a nova direita aparece por primeira vez nos conflitos internos do Partido Republicano, quer opondo-se à indicação de Rockefeller como companheiro de chapa de Nixon ou impondo o candidato da região oeste Barry Goldwater para o pleito de 1964. Com o início da distensão entre Washington e Moscou, nos anos 70, a nova direita volta à cena para opon-se à política externa de Nixon e Ford e critica duramente os liberais da costa leste, como Kissinger e Rockefeller e novamente se mobiliza contra a indicação deste último como vice-presidente de Gerald Ford para o período 1974-76. No ano de 1976, Reagan foi apoiado pela nova direita como candidato a candidato à presidência e por pouco não consegue ser homologado pela convenção do Partido Republicano.

Isto porque, em 1975, a nova direita já havia construído todos os componentes relativos a sua organização, tais como um centro produtor de idéias (The Heritage Foundation), um comitê nacional organizador de campanhas elei-

torais, uma estratégia de ação política e um poderoso **lobby** dentro do Congresso.

O crescimento desta organização ocorre devido principalmente a dois fatores: o acentuado descontentamento dentro do Partido Republicano por haver promovido a distensão com a União Soviética e a China e uma lei do Congresso - 1974 - que limitava as doações financeiras individuais para as campanhas eleitorais. Os acordos com Moscou e Pequim eram vistos como uma debilidade da política externa norte-americana e a restrição econômica a determinados candidatos impossibilitava o investimento nas propostas da organização.

1.2. O conservadorismo

Os conservadores começam a organizar-se, juntamente com outros grupos, em 1974, com a finalidade de oponer-se à distensão. Enquanto o pensamento conservador tradicional é um projeto delineado para se chegar ao poder através dos conhecidos mecanismos da democracia representativa, a nova direita está mais para um produto de alienação da atividade política surgida fora do sistema.

*Senhores, estamos em um momento no qual as únicas vitórias políticas seguras podem ser conquistadas por meio de organizações não-políticas (sic) que tenham um propósito mais seguro, positivo e permanente que os fins políticos imediatos, isto é, por meio de organizações que tenham base, coesão, força clara e uma direção estável, as quais são impossíveis nas instâncias tradicionais do partido político.*¹³

Apesar de mecanismos tão distintos, tanto os conservadores tradicionais quanto a nova direita mobilizaram a opinião pública do país em favor da segunda Guerra Fria. Ambos reafirmam os valores da família tradicional, a necessidade da religião, o aumento do militarismo no estrangeiro, a importância do patriotismo e o incremento do belicismo. São hostis às minorias, tais

"Alguns intelectuais deveriam voltar a ler o que eles escreveram no passado. Não sem razão Jorge Amado diz que uma vez terminado um livro, o mesmo já não existe mais para ele, está morto. É uma maneira sutil de fugir do compromisso com as idéias."

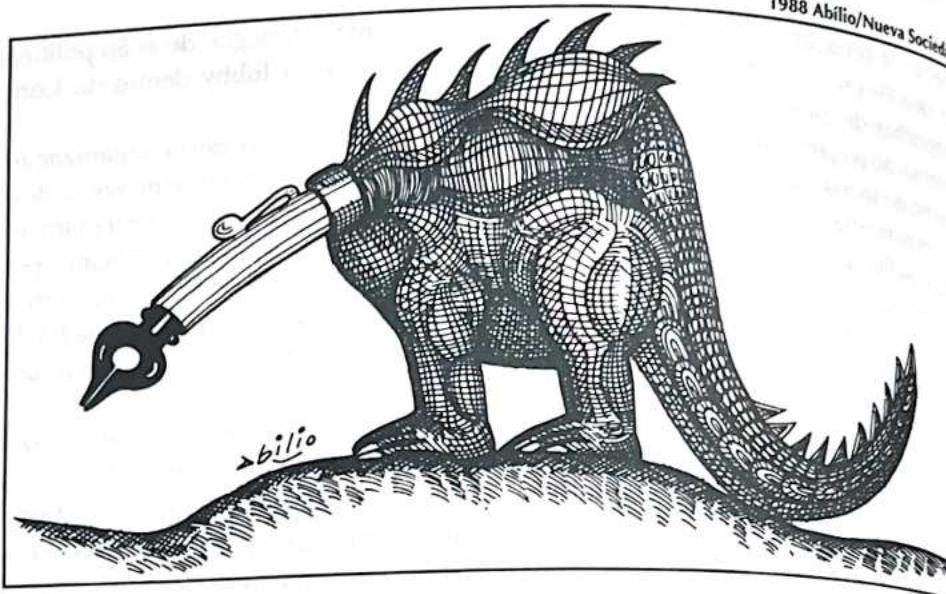
12. Bemoliz ob stol obligue

13. See nota sobre John Birch Society

12. Veja-se Folha de São Paulo, "Cresce o número de milícias nos EUA", 15 de janeiro de 1995, Caderno Mundo, p. 3.

13. WELCH, Robert. *The Blue Book of the John Birch Society*, Belmont, Mass, 1958, p. 111, citado por John Saxe-Fernández, "Los Fundamentos de la 'Derechización' en los Estados Unidos". In: CUEVA, Agustín (org.). *Tiempos Conservadores: América Latina en la Derechización de Occidente*, Editora Coelho, Quito, 1987, p. 67.

"Enquanto o pensamento conservador tradicional é um projeto delineado para se chegar ao poder através dos conhecidos mecanismos da democracia representativa, a nova direita está mais para um produto de alienação da atividade política surgida fora do sistema."



1988 Abilio/Nueva Sociedad

como negros, homossexuais, mulheres e imigrantes do Terceiro Mundo. No tocante aos subdesenvolvidos, chegam até a adotar uma escala de rejeição, estando em primeiro lugar os árabes, seguidos pelos negros, asiáticos e latinos.

1.3. O neoconservadorismo

O neo-conservadorismo é formado por democratas que haviam adotado a postura de "palomas" durante a guerra do Vietnã, tornando-se mais tarde hostis à União Soviética e finalmente adotando uma posição de consenso em relação à segunda Guerra Fria.

Até os sindicatos, mais ligados ao Partido Democrata, assumem uma postura agressiva em relação aos trabalhadores do Terceiro Mundo, transformando-se em verdadeiros espiões da Agência Central de Inteligência (CIA). Esta direitização do sindicalismo se deve, segundo Marcus Raskin, à supressão da esquerda dentro do movimento sindical que ocorreu entre 1947-53, ao apoio aos programas militares como forma de garantia de seus empregos e a um nacionalismo muito forte inerente à classe trabalhadora norte-americana.

2. O congresso

O Congresso também apoia a segunda Guerra Fria ao aprovar, em 1981, um aumento de gastos nas consignações

militares. Isto refletia uma nova unidade em política exterior, a qual havia sido rompida com a crise da guerra do Vietnã.

Três questões demonstram claramente como o Congresso assumiu uma posição belicosa no final dos anos 70. A primeira diz respeito aos gastos com a defesa. Se na primeira metade da década dos 70 o Congresso negava petições de consignações para a defesa, a partir de 79 passou a pressionar para aumentá-las, inclusive com cifras superiores às solicitadas por Carter.

A segunda se refere ao SALT II, apresentado ao Congresso no verão de 1979. Embora o SALT II fosse mais favorável aos Estados Unidos que o I, aprovado sem grandes debates, foi tão mal recebido que Carter o retirou, já que seria rejeitado. As críticas ao SALT II concentraram-se mais na decadência da superioridade norte-americana, que propriamente em seu conteúdo real.

A terceira se refere aos Tratados Torrijos-Carter, que tratam da devolução do Canal ao Panamá. Reagan, ao postular as eleições primárias republicanas do Texas e New Hampshire, em 1976, quando os Tratados ainda não haviam sido assinados, defendeu publicamente a não negociação com o Panamá, afirmando textualmente: "nós o construímos, pagamos por ele e vamos conservá-lo em nossas mãos". De

pois de um longo debate, Carter conseguiu, a duras penas, ver o acordo aprovado no outono de 1978, porém com profundas alterações em seu texto original.¹⁴ A nova direita capitalizou a assinatura deste tratado como uma fraqueza da Casa Branca frente ao nacionalismo de Omar Torrijos e fez campanhas, através da imprensa norte-americana, em favor de sua organização.

O Conservadorismo na América Latina

Todas essas variantes tiveram uma influência direta sobre a América Latina, fazendo com que o pensamento conservador marcasse a década dos 80 e 90. A revolução foi substituída pela reação; o sistema financeiro internacional endureceu suas posições em relação à dívida externa, transformando os em exportadores de capital para resguardar suas economias em recessão; os ajustes impostos pelo FMI passaram a ser permanentes e estruturais, implantando um nítido modelo econômico neoliberal; os partidos políticos, em especial a social-democracia, aderiram ao "consenso de Washington", defendendo a estratégia do "estado imperial"; uma gama de intelectuais, ditos de esquerda e simpáticos às transformações revolucionárias ou reformistas no Terceiro Mundo, puseram sua pena e seu talento a serviço de países capitalistas centrais, e finalmente, as ciências sociais em geral passaram a receber recursos das fundações norte-americanas para intervir apenas nas linhas de pesquisa que interessassem aos seus financiadores.

1. Reação

Se a consigna dos anos 60 e 70 foi revolução, a dos 80 e 90 passou a ser reação. A grande maioria dos revolucionários de ontem discute, não mais o socialismo e sua estratégia de implantação, mas sim que tipo de capitalismo adotar: se o neoliberal norte-americano e inglês ou a economia social de mercado de quase toda a Europa Oci-

dental (também dito modelo renano) ou ainda o de relação estado-empresa que prevalece no Japão e na Coréia. É a adesão ao mercado como solução de todos os problemas.

Nestas já quase duas décadas de domínio da reação na América Latina, os grandes problemas da região não têm sido resolvidos, sendo pelo contrário, agudizados. Os índices econômicos, acentuadamente negativos durante os anos 80 na maioria dos países, começam a esboçar pequenas reações em alguns deles. No entanto, este crescimento está muito longe de atender as necessidades do subcontinente e não tem influído na melhoria do índice de desenvolvimento humano (IDH). Um caso exemplar é o México. Apresentado como paradigma para a América Latina,¹⁵ sofreu dois terremotos em menos de um ano: um político, com o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), e outro econômico, com a desvalorização da moeda e sua insolvência financeira.

Os índices sociais são preocupantes até para os defensores do *status quo* vigente, já que a ameaça de revoltas populares começa a ser uma realidade na região. A falta de emprego, moradia, saúde, educação tem posto na extrema miséria quase metade da população do subcontinente. A CEPAL calcula que dentro de pouco tempo eles serão cerca de 200 milhões. A revolta dos negros nos Estados Unidos, os saques aos supermercados no Brasil, o "Caracazo" na Venezuela, o auto-golpe no Peru, enfim, o empobrecimento destas e outras populações, bem como a fragilidade de suas democracias, se deve à lógica do "capitalismo selvagem", imposto pelos países centrais aos periféricos.

A cultura passou a ser usada pela reação como um mecanismo de dominação. Tentam-se abolir as manifestações autóctones e adota-se um imperialismo cultural. Uma das exigências do EZLN, entre tantas, é o retorno do estudo dos idiomas indígenas em suas escolas, como mecanismo para man-

14. Tanto é verdade, que no mesmo dia em que o Senado norte-americano ratificou os Tratados com apenas dois votos a mais do que o necessário, Torrijos faz uso de uma cadeia de rádio e televisão e convoca as Forças Armadas panamenhas, os estudantes e o povo em geral a que não "devem perder nunca a capacidade de destruir o Canal". Somente com esta ameaça, que era real, Washington aceitaria o cumprimento do referido acordo. Veja-se MARTÍNEZ, José de Jesús. *Mi General Torrijos, Presença Latino-Americana* S. A., México, 1988, pp. 181-182.

15. Seu orçamento teve superávits constantes nos últimos anos; a dívida externa foi renegociada em condições vantajosas para o país; o investimento privado se tornou a força motriz do que antes fora uma economia liderada pelo Estado; as tarifas de importação sofreram uma redução drástica; a inflação, que chegara ao patamar de 159% em 1987, baixou para 8% em 1994; a privatização alcançou ao redor de 400 empresas estatais, arrecadando o Tesouro 24 bilhões de dólares; a Constituição foi alterada para permitir que os camponeses que viviam em terras comunais (ejidos) pudessem comercializá-las com grupos privados; enfim, o Estado retirou-se do controle da economia para que as forças de mercado a regessem com base nos princípios neoliberais.

ter vivo seus costumes, suas tradições, sua cultura. Os padrões culturais europeu-norte-americanos dominaram tanto a América Latina que raças e etnias fazem um esforço gigantesco para descharacterizar-se fisicamente. Basta olhar muitos negros buscando o embranquecimento de sua pele ou os indígenas cortando suas tranças em cerimônias que significam adesão à raça branca.

Os partidos políticos, que defendiam um modelo econômico-político-social mais voltado para os interesses nacionais, tornaram-se, na sua grande maioria, propagandistas de uma economia globalizada e transnacionalizada. A social-democracia é o exemplo mais notório. Esqueceu totalmente o estado de bem-estar social e passou a defender apenas a democracia representativa, ou seja, "regimes eleitorais." Em suma, tornou-se um partido neoliberal. Embora os governos social-democratas tenham implementado um desenvolvimento capitalista dependente, sempre davam atenção ao social. Hoje, já não o fazem. Os dois governos do social-democrata Carlos Andrés Pérez na Venezuela, assim como o do socialista François Mitterand na França e a longa permanência de Felipe González na Espanha materializam esta direitização. Dedicam-se a privatizar o que antes haviam nacionalizado. De reformistas, transformaram-se em conservadores. Isso se deve à onda conservadora ocidental, que privilegiou o capitalismo especulativo ao produtivo, que enfraqueceu os sindicatos, que levou ao desmantelamento do estado comunista soviético e que operou uma grande mudança dentro da esquerda em geral.¹⁶

Igualmente os partidos comunistas, na sua grande maioria, se aproximam da social-democracia. Na reunião pan-europeia de partidos comunistas, realizada em meados de 1976 em Berlim, eles se autodenominam de "euros" e na América Latina começam a fazer alianças no mínimo espúrias, como por exemplo, prestando apoio ao governo Sarney no Brasil ou trabalhando pela

candidatura de Violeta Chamorro na Nicarágua. Não suportando esta direitação, muitos deles sofreram um processo de atomização, quebrando-se em mil pedaços, à semelhança da esfinge de Tebas.

2. Mitos e realidades do neoliberalismo

O primeiro mito diz respeito à necessidade de um "Estado-mínimo" para que as forças de mercado possam desencadear o desenvolvimento do país. Na verdade, os governos neoliberais mantêm um Estado forte, o qual intervém nas relações entre o público e o privado, muda os padrões de receita, limita a capacidade de negociação dos sindicatos, corta subsídios a produtos básicos da população, concede créditos a grupos identificados com a "ideologia de mercado" e privilegia o capitalismo financeiro ao invés de favorecer aos investimentos diretos. Esse "Estado-máximo", penalizando parte significativa de sua própria população em favor do capital internacional, torna-se cada vez mais autoritário na sua essência, chegando inclusive a desmistificar a afirmativa de que livre mercado e democracia se complementam na América Latina.

O segundo mito trata da vitória do neoliberalismo no campo das idéias, isto é, a primazia da racionalidade. Na realidade o neoliberalismo se impõe pela força, quer das armas, quer dos decretos, quer das medidas provisórias. Sua origem na América Latina está intrinsecamente ligada às ditaduras de segurança nacional que, em maior ou menor escala, derrotaram um projeto econômico nacional-populista, com o apoio dos órgãos financeiros internacionais. O Brasil, a Bolívia e o Chile, por exemplo, de 1953 a 1973 foram discriminados pelo Banco Mundial por terem governos de cunho nacional/desenvolvimentista ou nacional/populista ou democrata/cristão ou social/democrata. Quando tais governos foram golpeados pelos militares direitistas os em-

16. Castañeda classifica a esquerda latino-americana segundo dois critérios determinantes: 1) ideológica-política, que compreendem os partidos comunistas tradicionais, a esquerda nacionalista ou populista, as organizações político-militares e os reformistas; 2) funcional, que abrangem a esquerda social e a esquerda intelectual. Veja-se CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia Desarmada: Intrigas, Dilemas e Promessas da Esquerda Latino-Americana*, Companhia das Letras, São Paulo, 1994, pp. 32-33.

préstimos surgiram em abundância, usando-se o mercado como instrumento contra-revolucionário. Daí vem o acúmulo inicial da doutrina neoliberal nessa região.

O terceiro mito se refere à "prioridade ao social". No entanto, o que ocorre é a agudização dos grandes problemas sociais da região, chegando-se a um retrocesso ímpar nos últimos 50 anos. Basta comparar os índices de desenvolvimento humano do "atrasado" Estado-populista com os do "moderno" regime neoliberal. Os 63 milhões de habitantes que viviam na miséria, no início da década de 80, passaram para 183 ao final da mesma, havendo a previsão de que se chegue a 200 dentro de cinco anos. E o mais impactante, segundo a CEPAL, é a capacidade que os povos da região têm de suportar todo este empobrecimento. Pior ainda, "encontramo-nos frente ao perigo de que a recessão e a miséria se tornem seculares em nosso subcontinente". Ademais, some-se a este quadro "apenas" um agravante: nunca se transferiu tantos recursos públicos para grupos privados como nos últimos anos.

Sob a égide desse modelo de Estado, os governos retiram-se - e o farão cada vez mais - da educação, saúde, assistência social aos desempregados e carentes e, ainda, da reciclagem dos expulsos do mercado de trabalho. Milhões de vítimas do processo constituirão uma subclasse, a dos párias do capitalismo oligopolista no seu apogeu.¹⁷

O quarto mito é a dívida externa, a qual nos transforma em exportadores de capital para os países ricos. As cartas de intenção, assinadas pelos governos com o FMI são impossíveis de serem cumpridas e sangram profundamente as economias da região. Os programas de "estabilização e ajustes" não são passageiros e sim permanentes, e têm a finalidade de apoderar-se do excedente econômico. Por isso, enquanto houver a aplicação do receituário fundo-monetarista, haverá a transferência de riqueza de um país pobre para outro rico. Esta dependência já não

é conjuntural, e sim estrutural. Noam Chomsky, cientista político norte-americano, chegou a afirmar que os Estados Unidos, doravante, passariam a usar a dívida externa como mecanismo de dominação na América Latina, dispensando inclusive a necessidade de futuras intervenções armadas, tipo a do Panamá. A subjugação através da dívida é, sem dúvida, um mecanismo "mais limpo e mais decente".

O México, hoje, é o símbolo das contradições geradas pelo sistema econômico neoliberal. Com a crise financeira de 20 de dezembro de 1994, sua dívida externa saltou para a astronômica cifra de US\$ 160 bilhões, comprometendo 96% do PIB do país. Embora os países ricos, liderados pelos Estados Unidos, tentem não apenas socorrer o México, mas sim o modelo econômico neoliberal, dificilmente o conseguirão, já que o empréstimo de US\$ 51 bilhões será destinado ao pagamento de compromissos financeiros que vencem durante o ano de 95. Praticamente nada será investimento direto. E ademais, o governo afiançou a produção de petróleo, ferindo de morte a soberania nacional, em troca do socorro financeiro.

O quinto mito é a panacéia da privatização, que promete serviços e produtos mais eficientes e baratos à população em geral.¹⁸ Quando o Estado deixa de regular a economia, aparecem outros agentes que o fazem, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, as Multinacionais e os Consórcios de Bancos, os quais geram os grandes monopólios e oligopólios internacionais privados que por sua vez ocasionam um sucateamento da indústria nacional, com aumento da dependência e a proliferação da pobreza. O México, o Chile e a Venezuela, com crescimento econômico positivo e inflação controlada, foram apresentados por Washington como paradigmas para a América Latina. No entanto, não se pode ocultar que, em 1990, 270.000 empresas mexicanas faliram oficialmente, sem computar

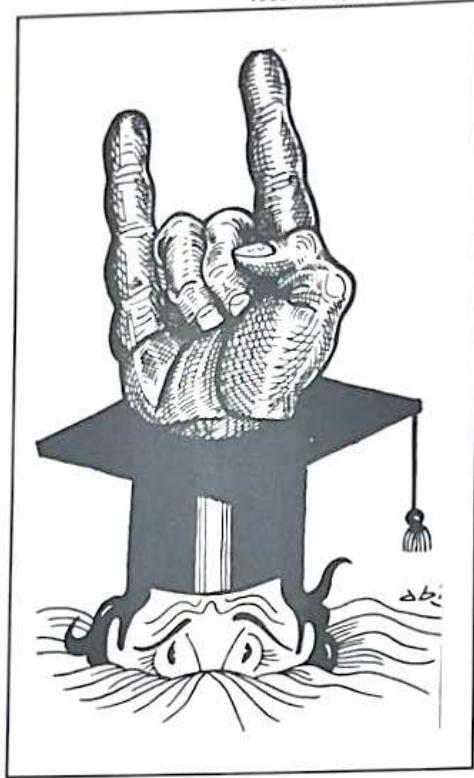
habendo evolução



é a classe média latente
o clínico e necessitado etário even
atual abrigarão a rostos me solidão
é azares se manterem, sit
abrigarão a insatisfação nítm
é cinzas e, sólidos se
e, resgatados ou empenhados
e a empatia abraçam
até que acreditam obtemperar
corpo em que está, estendem es
e assim, resgatados ou
é, obviamente obreiro

17. FERNANDES, Florestan. "O eclipse do trabalho", publicado na Folha de São Paulo, dia 26 de junho de 1995, p. 1-2.

18. Vejam-se "Engodos Privados" do artista Janio de Freitas, publicado na Folha de São Paulo, dia 28 de maio de 1995, p. 1-5.



"Os conservadores tradicionais e a nova direita mobilizaram a opinião pública em favor da segunda Guerra Fria, reafirmam os valores da família tradicional, a necessidade da religião, o aumento do militarismo no estrangeiro, a importância do patriotismo e o incremento do belicismo. São hostis às minorias, tais como negros, homossexuais, mulheres e imigrantes do Terceiro Mundo. No tocante aos subdesenvolvidos, adotam uma escala de rejeição, estando em primeiro lugar os árabes, seguidos pelos negros, asiáticos e latinos."

as que deixaram de produzir e passaram a ser meras importadoras e revendedoras de manufaturas; na Venezuela, além da tentativa de golpe de Estado, ocorreu o "Caracazo", com 500 mortos, massacre superior ao da Praça Tianamen, na China, se comparado proporcionalmente às suas populações; e no Chile, os "avanços" econômicos se deram sobre os cadáveres de milhares de opositores à ditadura de Pinochet.

Os Estados Unidos e o Japão cresceram significativamente no campo econômico, graças a vários fatores, entre eles, o protecionismo estatal. Os motivos que ontem ajudaram essas economias a avançar, hoje são rejeitados pelas mesmas. O próprio governo Reagan foi protecionista quando sobre taxou alguns produtos latino-americanos que se tornaram competitivos dentro dos Estados Unidos. Que o digam, por exemplo, os produtores de calçados de São Leopoldo e o fornecedores de suco de laranja do interior de São Paulo, regiões ameaçadas permanentemente pelo desemprego. Na realidade, os países capitalistas centrais defendem uma total abertura de mercado, para que o mesmo se transforme apenas no "seu mercado".

Por último, o neoliberalismo apresenta a integração econômica continental ou regional como a solução para os problemas de mercado. Ao estimular uma exacerbada abertura comercial e financeira, bem como a captação de investimentos estrangeiros e mercados internacionais, os países latino-americanos são levados a preparar as ações da "Iniciativa Bush para as Américas". Ou seja, uma integração que favoreça, de modo especial, as multinacionais estadunidenses. Por que os Estados Unidos boicotaram a integração subregional do "Pacto Andino"? Exatamente porque esta, ao contrário de outras, tentava regular e controlar o capital estrangeiro em sua área, promovendo, inclusive, um desenvolvimento independente, sob a supervisão do poder público. Já outros tipos de integração,

como a ALALC (mais tarde ALADI), CARICOM, M.C. de C. A., e por que dos e apoiados pelos Estados Unidos porque favorecem as suas corporações multinacionais. Elas passam a atuar em um campo mais amplo, melhor integrado e sem barreiras internas para seus investimentos e controle de mercados.

Afirmar que o neoliberalismo está morrendo, como dizem alguns, é prematuro e inconsequente. No entanto, concluir que ele levou o capitalismo ao grau máximo de exploração, criando um neo-colonialismo, é uma constatação.

3. A cooptação dos intelectuais

Se na década dos 60 e 70 muitos dos mais expressivos intelectuais latino-americanos haviam posto sua pena e seu talento a serviço de um processo revolucionário ou reformista, o mesmo não ocorre nos anos 80 e 90. A intelligentsia da América Latina adota uma postura anticomunista e anti-terceirmundista, assumindo cada vez mais uma posição conservadora dentro da sociedade. Assim sendo, a intelectualidade coopera com o "estado imperial" norte-americano em sua estratégia para controlar os países do subcontinente, principalmente aqueles que tentam escapar do jugo de Washington. As críticas contra a Cuba socialista e os movimentos guerrilheiros são uma constante, "esquecendo-se" obviamente de fazer o mesmo em relação ao bloqueio criminoso que a Ilha sofre até os dias de hoje e a Guerra de Baixa Intensidade que dominou toda a região, de modo especial a América Central. Só no pequeno país de El Salvador foram assassinadas 70 mil pessoas em apenas oito anos de conflito.

Mário Vargas Llosa, que num primeiro momento foi simpático ao marxismo e defendeu a Revolução Cubana, passou mais tarde a ser um dos seus mais ardorosos inimigos. Quando postulou a presidência do Peru, o fez com base em um programa nitidamente neoliberal, que seu opositor e vencedor,

Fujimori, hoje está pondo em prática através de um estado ditatorial. Embora Llosa critique constantemente os métodos de Fujimori, não percebeu que, muitas vezes, para se implantar um modelo econômico neoliberal é necessário suprimir as liberdades de uma sociedade organizada.

Octávio Paz, que renunciou ao cargo de embaixador na Índia devido ao massacre de Tlatelolco,¹⁹ hoje ataca os indígenas e camponeses que se alçaram em armas no pobre estado de Chiapas. Afirma ser um problema regional, sendo necessário fazer uma distinção entre a base e os "cabeças" do movimento e que o levante se deve a "grupos infiltrados entre os campões" e que "a sublevação é irreal e está condenada a fracassar". Esqueceu-se o ilustre Nobel da Literatura de avaliar o plano econômico neoliberal adotado pelo governo de Miguel de la Madrid (1982-1988) e aprofundado por Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), sob a orientação do Fundo Monetário Internacional, que beneficiou apenas as classes dominantes, empurrando a imensa maioria de seu povo para índices de extrema miséria; negou-se a discutir com seriedade a democratização de seu país ao tergiversar, quando Vargas Llosa, em um de seus romances, afirmou ser o México uma "ditadura perfeita";²⁰ não levou em consideração a pobreza estrutural que afeta Chiapas e vários outros estados mexicanos, sendo a luta armada a única via plausível para sensibilizar o governo; e finalmente não percebeu que, embora o Exército Zapatista de Libertação Nacional tenha suas bases nas antigas terras dos Maias, recebe apoio popular ao longo de todo o território nacional. O mesmo Paz é hoje um intelectual defensor do estado autoritário mexicano, admirador do "estado imperial" norte-americano e dispõe do espaço que assim o desejar na mídia de seu país para defender o *status quo* vigente.

Jorge Amado, constituinte de 1946 e cassado por pertencer ao Partido Comunista, hoje empresta seu apoio e

prestígio ao oligarca Antônio Carlos Magalhães. ACM, típico representante da "nova direita", chegou a afirmar que os militares deveriam voltar ao governo, caso um representante da esquerda ganhasse as eleições presidenciais de 1994, tese igualmente defendida, em 1988, pelo Documento de Santa Fé II. O perseguido, desterrado e humilhado Jorge hoje desfia loas aos seus alzados de ontem. Eles nada mudaram, porém Jorge, sim.

Estes intelectuais, e tantos outros que os acompanham, deveriam voltar a ler o que eles mesmos escreveram no passado. Não sem razão Jorge Amado diz que uma vez terminado um livro, o mesmo já não existe mais para ele, está morto. É uma maneira sutil de fugir do compromisso com as idéias.

Na verdade muitos intelectuais, por criticarem as ditaduras militares latino-americanas, foram torturados e mortos, outros proibidos de escrever e uma grande maioria buscou asilo no exterior. Com a perda de sua fonte de renda e o bloqueio de seus mecanismos de comunicação, ficaram suscetíveis, política e economicamente, aos Institutos de Pesquisa financiados pelo capital transnacional, sujeitando-se, muitos deles, aos ditames de trabalho destes órgãos privados. Categorias como "imperialismo", "socialismo", "dependência", "revolução" e "poder popular" foram substituídas por "países centrais", "social-democracia", interdependência", "reformismo" e "participação popular". Com a "redemocratização" do continente, muitos regressaram trazendo filiais destes Institutos para seus países, passando a cooptar outros intelectuais e aumentando a cadeia de pesquisadores a serviço dos interesses do mundo desenvolvido. Já nesta etapa, numerosos deles abandonam as Universidades Públicas com seus baixos salários e péssimas condições de trabalho para aderir ao novo *status* de pesquisador de Instituto Privado, bem remunerado e com ótima estrutura laboral. Cram-se verdadeiras "ilhas de racionalidade".



mais ab solitário devo a
e ameaçou o clãs eis ,mudar
com ,olgas que ab alguma sua
nada embaixada ab aqit esp mis
e oschmo-chesa losdios o se
ab leios almeida e ,aíga
squn a ebot asup ab obceum
eçais ab a chala m ,istruçõ
en asinengu upas asasmo-abas
"aíga en a qas

19. No dia 2 de outubro de 1968, pouco antes do início dos Jogos Olímpicos, o governo de Gustavo Díaz Ordaz reprimiu uma manifestação de estudantes na Praça das Três Culturas, no bairro de Tlatelolco, matando cerca de 500 deles. Desde então, nunca se permitiu escrever nada na imprensa nacional sobre o massacre. Somente agora começa-se a discutir esta matança, como o faz o filme "El Rojo Amanecer".

20. Vejam-se as considerações de Vargas Llosa ao afirmar que "a ditadura perfeita não é o comunismo, não é a União Soviética, não é Fidel Castro: é o México", no jornal *La Jornada*, 31 de agosto de 1990, pp. 33-34, México.



"Os revolucionários de ontem discutem, não mais o socialismo e sua estratégia de implantação, mas sim que tipo de capitalismo adotar: se o neoliberal norte-americano e inglês, a economia social de mercado de quase toda a Europa Ocidental, ou ainda o de relação estado-empresa que prevalece no Japão e na Coréia."

Fonte: *James Petras, "La metamorfosis de los intelectuales latinoamericanos". Revista Estudios Latinoamericanos, nº 5, julho a dezembro de 1988, México, pág. 82*

21. *PETRAS, James. "La metamorfosis de los intelectuales latinoamericanos". Revista Estudios Latinoamericanos, nº 5, julho a dezembro de 1988, México, pág. 82*

22. *Veja-se idem.*

... o exemplo dos institutos econômicos exitosos, o poder de influência derivado de contatos feitos no exterior, as desfavoráveis condições econômicas das universidades públicas e o desejo de atenuar os declinantes níveis de vida foram todos fatores que impulsionaram um amplo fluxo dos exilados radicais que retornavam a entrar em um jogo crescentemente competitivo de preparar proposições para receber financiamento externo. Alguns intelectuais orientados a trabalhar nos institutos de pesquisa foram paradoxalmente ajudados pela agudização da crise econômica que incrementou a pobreza e a miséria rural e urbana, aumentando deste modo a preocupação política nas agências exteriores de financiamento. Temendo uma nova onda de agitação social e protestos políticos contra os regimes liberais e conservadores no poder (que poderia terminar com as amortizações da dívida externa), as fundações investiram mais recursos nos institutos.²¹

Inicialmente, parte do financiamento externo foi encaminhado aos Institutos, que o destinaram ao estudo crítico do modelo econômico e à denúncia da violação dos direitos humanos pelas ditaduras militares; posteriormente, outra parcela foi investida no estudo dos novos movimentos sociais; finalmente, uma terceira remessa de dinheiro foi dedicado à pesquisa do processo de redemocratização e da dívida externa. Só que há uma linha condutora que perpassa estes temas: quando se estudam as ditaduras, atêm-se apenas a seus aspectos politicamente repressivos e não se denunciam seus vínculos econômicos e militares com as elites norte-americanas; a violência de estado é analisada dentro da categoria de desrespeito aos direitos humanos e não como um mecanismo de domínio de classe; a tortura é vista como um crime de lesa-humanidade e não como consequência do conflito entre os imperativos da acumulação capitalista e a crescente mobilização popular; os movimentos sociais são entendidos

dentro de uma ótica de luta pela democracia, e não como agentes transformadores da sociedade e intimamente ligados aos partidos de esquerda revolucionária; a "redemocratização" é vista vis, e não como a nova estratégia implementada por Washington para implementar melhor seus planos econômicos neoliberais no continente, tendo-se em vista o preocupante crescimento de um setor nacionalista dentro das Forças Armadas; enfim, os novos "regimes eleitorais" são apresentados como a retomada do poder através do voto, e não como um pacto entre as elites militares e econômicas - locais e estrangeiras que permitem, através de inúmeros cauções, a eleição de civis conservadores, um que outro moderado e jamais um radical, pois o mesmo seria uma "ameaça" ao processo em si.²²

Com esta estratégia, os órgãos financeiros externos criam uma agenda para os intelectuais latino-americanos e passam a dominar a produção de ideias na região. Estabelecem uma hegemonia ideológica, pondo na contramão da história todos aqueles que não aderem à nova onda. Enquanto os "novos intelectuais" dispõem de ótimos salários, excelente infra-estrutura para o trabalho, financiamento para viagens e pesquisas, variados e múltiplos meios de publicação, os "velhos intelectuais" passam por verdadeira penúria financeira, produzem em condições adversas, suas viagens de pesquisa são reduzidas, seus pedidos de custeio de projetos são sempre postergados, suas solicitações de bolsas à vezes negadas e suas publicações conhecidas do público, porém, em livros e revistas editados com muito dispêndio e menos frequência. No entanto, para se obter qualidade nas publicações, não basta apenas dinheiro, é preciso respeitabilidade social, honestidade intelectual, coerência política, independência ideológica, liberdade acadêmica, enfim, mestre na verdadeira acepção aristotélica. E tais características são patrimônio dos "velhos intelectuais".

Colégio do México, apesar de todo o financiamento externo, não produz qualitativamente mais que a Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Nacional Autônoma do México.

Ademais, os "novos intelectuais" afirmam dispor de total liberdade em seus projetos de pesquisa. Embora os institutos permitam uma autonomia para angariar credibilidade, ela é limitada pela agenda que os órgãos financeiros externos passam aos centros de estudos. Nenhum destes institutos ousou trabalhar, por exemplo, os mecanismos de exploração imperialista e a luta de classes na América Latina. Quando a Fundação Ford financiou o VII Congresso Centro-Americano de Sociologia na Guatemala (1988), onde se vivia uma democracia de segurança nacional, por certo o fez para se discutir a "sociologia da ordem" com seus derivados de "participação popular", "problemas da dívida externa", "menor desenvolvimento relativo" e tantos outros. Não seria neste encontro que se avaliaria o estado de terror existente no país e a estratégia da elite econômica e militar local, vinculada à norte-americana, na expropriação da riqueza nacional.

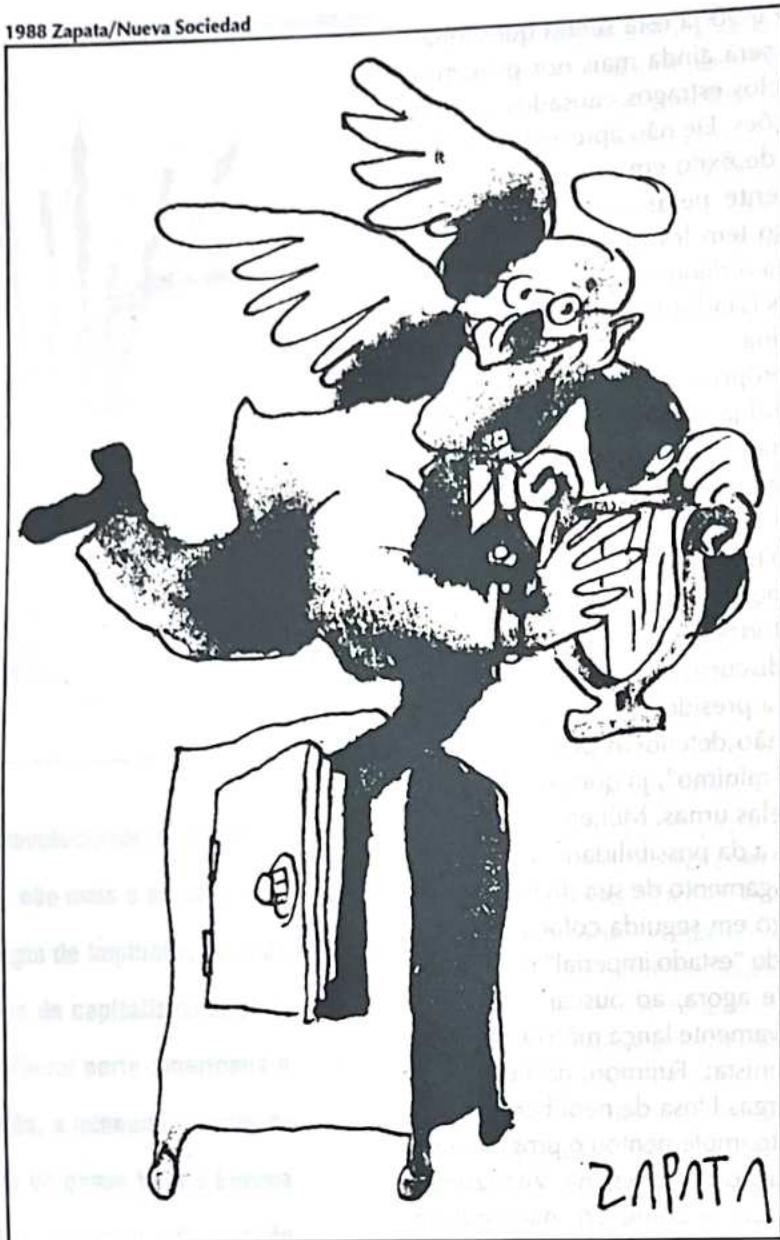
As consequências diretas da dependência econômica se manifestam em nível ideológico, estabelecendo os parâmetros políticos do discurso intelectual. Daí a importância de conservar uma imagem de autonomia intelectual para dissimular a dependência. A pesquisa crítica sobre participação popular, organizações de base, políticas de receitas, etcétera, é essencial para fomentar uma imagem de autonomia intelectual, enquanto que a dissociação destas condições de seu contexto imperialista e de classe aumenta os vínculos a largo prazo com os benfeiteiros externos.²³

Conclusão

O modelo econômico-financeiro, político-social e ideológico-cultural que tomou conta da América Latina nos

anos 80 e 90 já está sendo questionado, e o será ainda mais nos próximos anos, pelos estragos causados às suas populações. Ele não apresenta possibilidades de êxito em sua consolidação exatamente pelas contradições que gera. Isto tem levado a sociedade organizada a denunciá-lo e combatê-lo, quer nos Estados Unidos quer na América Latina.

Os próprios defensores do modelo neoliberal já começam a "dourar a pílula" quando o apresentam, pois percebem que o mesmo tem afetado diretamente o índice de desenvolvimento humano não só da região latino-americana - por certo a mais prejudicada - mas de todas as Américas. Basta observar os discursos e programas dos candidatos a presidentes. São neoliberais, porém não defendem publicamente o "Estado-mínimo", já que seriam derrotados pelas urnas. Ménem, na Argentina, falava da possibilidade de renunciar ao pagamento de sua dívida externa para logo em seguida colocar o país a serviço do "estado imperial" norte-americano, e agora, ao buscar sua reeleição, novamente lança mão do populismo peronista; Fujimori, no Peru, acusava Vargas Llosa de neoliberal e uma vez eleito implementou o programa de seu opositor; Pérez, na Venezuela, apresentou-se como um nacionalista moderno e aceitou que o petróleo, a principal riqueza do país, fosse reserva estratégica dos interesses norte-americanos; Caldera, na mesma Venezuela, adotou um discurso anti-neoliberal por causa do fracasso econômico e político de seu antecessor, porém despechou assessores a Washington para tranquilizar a Casa Branca no sentido de que não seria estatista; Cardoso, no Brasil, prometeu durante a campanha e no discurso de posse que o social seria "o objetivo número um" em seu governo, e na primeira oportunidade que tem veta o aumento do salário mínimo de 70 para 100 dólares; Zedillo, no México, disse que democratizaria o país e participa da posse do governador de Chiapas, cuja eleição foi largamente



"A intelligentsia da América Latina adota uma postura anticomunista e anti-terceiro-mundista, assumindo cada vez mais uma posição conservadora dentro da sociedade."

24. PETRAS, James. Revista Catarinense de História, ... pág. 79.

contestada por seus eleitores e pelo EZLN; Clinton, nos Estados Unidos prometeu mais investimento no social, porém pôs em seu gabinete mais milionários que Reagan e Bush.

Esta artimanha, usada por tantos homens públicos, não significa que o neoliberalismo esteja com os dias contados. No entanto começa a ser combatido e já não dispõe de uma quase unanimidade, como há alguns anos.

É um erro - e até diria que é superficial - falar metodologicamente de neoliberalismo apenas sob o ponto de vista

ideológico. Neoliberalismo são as classes sociais. As classes sociais que estão impulsionando o neoliberalismo não desapareceram. Os capitais transnacionais, as ligações entre os bancos internos e externos e a exportação de capitais da América Latina continuam vi- gentes, ativos e influentes sobre os governos da região. Enquanto estas classes não desaparecem, tampouco desaparece o neoliberalismo.²⁴

Caberá à sociedade organizada, com os poucos mecanismos de divulgação que possui, mas com sua grande capacidade de luta, trabalhar no sentido de buscar uma alternativa ao modelo neoliberal. Uma coisa, porém, é certa: este modelo neocolonial não poderá permanecer por muito tempo. Como uma onda, passará, cabendo a outros consertar os estragos deixados por ela.

As esquerdas no Brasil têm um papel preponderante na luta contra o neoliberalismo, pois elas são, com o desmantelamento do estado comunista soviético, um parâmetro para todo o continente. As decisões tomadas aqui passam a ter influência sobre toda a região, chegando inclusive a determinar vitórias e derrotas. Se as esquerdas tivessem ganhado as eleições presidenciais de 1989, provavelmente Fujimori não seria eleito presidente do Peru. Do mesmo modo, Lula, presidente em 1995, por si só, dificultaria uma reeleição de Menem na Argentina e possivelmente teria alçado ao poder a oposição no Uruguai.

Não é destino histórico, mas sim uma análise da realidade conjuntural latino-americana, que nos leva a dizer que do Brasil poderá sair o "Grito de morte ao modelo neoliberal", semelhante ao "Grito de Dolores", que deu início ao longo processo de independência do México, e ao "Grito de Baraguá", que fez recomeçar a brava guerra cubana contra os espanhóis.



Considerações acerca da reprodutibilidade técnica da obra de arte

Walter Benjamin deixou uma obra que tem despertado, atualmente, grande interesse no meio acadêmico. A originalidade com que trata temas como o brinquedo, a narrativa e a arte, possibilita ao leitor enredar-se em uma forma de comunicação que ultrapassa os limites do simplesmente lido. Esse movimento é que o presente artigo tenta registrar, partindo das considerações de Benjamin sobre os efeitos da reprodutibilidade técnica da obra de arte no mundo capitalista.

Professora Assistente do
Departamento de Psicologia da
UFSC, doutoranda em Psicologia
da Educação pela PUC-SP.

Escrever sobre Walter Benjamin, sobre a contribuição desse autor, me é um tanto estranho. Estranho porque me leva a questionar tudo que escrevo, a questionar o academicismo, o formalismo da minha própria produção. Ler Benjamin já foi desafiante, pois poste-me diante de sua obra assim como o acadêmico se coloca diante do objeto de conhecimento: distanciado, com leitura direcionada para fins já previamente traçados. Talvez a minha dificuldade esteja em que, ao começar a ler Benjamin, eu precisei deixar de lado a postura acadêmica da leitura e redescobrir a postura de leitora de romance: a do envolvimento, da abertura, do enredar-se.

Essa nova postura é que talvez me exija outra também ao escrever sobre o lido: não a do formalismo exigido pela academia, mas a do fluir, do expressar-se, do falar sobre. E essa postura, infelizmente, me é complicada. Reconhecendo isso, apresento aqui algumas considerações sobre as idéias de Benjamin, na expectativa de que auxiliem outras pessoas que queiram se aventurar a ler sua obra.

Entre as várias contribuições que Benjamin nos traz, incluem-se reflexões sobre a arte, as quais caracterizam a produção de alguns nomes ligados à Escola de Frankfurt. Tais reflexões consistem, fundamentalmente, na denúncia da "indústria cultural" enquanto forma da razão iluminista propagar-se ao nível da grande população. A arte, na concepção de Adorno, constituir-se-ia como a "...única manifestação de protesto e crítica contra a ordem estabelecida" (Freitag, 1993, p.67).

Mas tanto Adorno quanto Horkheimer estão se referindo à arte que mantém sua aura, à arte que se preserva da reprodutibilidade técnica (isto é, da reprodução e divulgação em massa) e, portanto, do acesso à grande população. Tanto que vão rechaçar essa forma de massificação da arte, promovida pela indústria cultural, que a transforma em mercadoria, em objeto de consumo.

Mas, o que vem a ser a "aura"? O próprio Benjamin se faz essa pergunta para logo em seguida esclarecer: "...é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja" (Benjamin, 1993, p.170). A aura, portanto, garantiria à obra de arte o seu caráter único e autêntico.

Mas essa posição de defesa da "arte que mantém a sua aura" enquanto único espaço possível de livre manifestação e protesto nos coloca uma questão: estaria então a arte, para preservar seu caráter revolucionário, fadada a ser acessível a grupos restritos de pessoas? Eis o que Benjamin nos traz como novo: com a reprodutibilidade técnica a arte perde, sim, a sua aura, mas vai, nesse movimento, ao encontro do espectador, na medida em que a este se torna acessível. Nesse encontro o objeto reproduzido é atualizado, e, o que é mais importante, a tradição, que mantém a arte como acessível a poucos, é abalada.

Esse abalo caracteriza, pois, a contraditoriedade da própria arte: esta pode prestar-se a um duplo papel, na medida em que contém, concomitantemente, uma dimensão conservadora (que representa e consolida a ordem estabelecida) e uma dimensão emancipatória (na medida em que critica e denuncia essa ordem como imperfeita e contraditória).

Se a arte compreende um duplo papel, o autor também se encontra diante dessa dicotomia, pois necessariamente precisa definir o seu papel social: ou está a favor da manutenção da estrutura social vigente, ou está a favor da sua transformação. Caso opte pela segunda alternativa, deve estar ciente de que não basta estar solidário com as classes subalternas somente ao nível de suas convicções; faz-se necessário que a sua arte, a qualidade de seu próprio trabalho, esteja a serviço da revolução.

Ao tratar desse tópico, não consigo deixar de estabelecer uma certa seme-

lhança entre Benjamin e Gramsci no que se refere ao trabalho teórico e seu produtor: em ambos aparece resgatada a figura do intelectual (ou do intelectual orgânico, como nos coloca Gramsci) enquanto revolucionário. Mas, quem é esse autor, quem é esse intelectual? O acadêmico? O "diplomado"? O autorizado pelo sistema para manifestar-se enquanto tal? Visto somente dessa perspectiva, e não socializando sua arte bem como os modos de produção desta, o autor cumpre um papel contra-revolucionário, na medida em que legitima a divisão social do trabalho. Por outro lado, a dimensão revolucionária do trabalho do autor reside no fato de que este não fabrica somente produtos: o autor, ao mesmo tempo em que gera produtos, com seu trabalho engendra, concomitantemente, novos meios de produção. Benjamin destaca que:

"... somente a superação daquelas esferas compartmentalizadas de competência no processo de produção intelectual, que a concepção burguesa considera fundamentais, transforma essa produção em algo de politicamente válido; além disso, as barreiras de competência entre as duas forças - a material e a intelectual -, erigidas para separá-las, precisam ser derrubadas conjuntamente" (ibid, p.129).

Benjamin alerta, no entanto, que o escritor oriundo de uma classe dominante, ao orientar sua atividade em função do que é útil às camadas subalternas na luta de classes e ao constituir-se como intelectual revolucionário, necessariamente aparecerá, para a sua classe de origem, como traidor.

"No escritor, essa traição consiste num comportamento que o transforma de fornecedor do aparelho de produção intelectual em engenheiro que vê sua tarefa na adaptação desse aparelho aos fins da revolução proletária. Sua ação é assim de caráter mediador..." (ibid, p.136).

O autor deve, pois, refletir sobre sua posição no processo produtivo, para que possa antes constituir-se como pro-

dutor do que socializar os seus próprios meios de produção:

"Um escritor que não ensina outros escritores não ensina ninguém. O caráter modelar da produção é, portanto, decisivo: em primeiro lugar, ela deve orientar outros produtores em sua produção e, em segundo lugar, precisa colocar à disposição delas um aparelho mais perfeito. Esse aparelho é tanto melhor quanto mais conduz consumidores à esfera da produção, ou seja, quanto maior for a capacidade de transformar em colaboradores os leitores ou espectadores" (ibid., p.132)

Aqui novamente Benjamin destaca que a reprodutibilidade técnica da obra de arte não tem resultados somente alienantes ou desastrosos para a própria arte, como pensava Adorno. Com a expansão da imprensa, oportunizou-se ao público constituir-se também como autor, oportunidade esta que, no entender de Benjamin, possibilita o desaparecimento da distância entre o autor e o público:

"A cada instante o autor está pronto a converter-se em escritor... Saber escrever sobre o trabalho passa a fazer parte das habilidades necessárias para executá-lo. A competência literária passa a fundar-se na formação política, e não na educação especializada, convertendo-se, assim, em coisa de todos" (p.184).

Não estaria Benjamin sendo otimista demais em relação à superação dessa distância? Afinal, 50 anos após escrever sobre esse tema, o leitor continua tendo acesso à imprensa escrita, a tornar-se escritor, mas ainda em um restrito espaço que lhe é reservado, na seção "Cartas dos Leitores"; além disso, tem de se submeter à vontade da mídia no sentido de que não há garantia alguma de que a sua "carta" seja escolhida para publicação, ou, no caso de ser, de que seja publicada na íntegra. Chegamos ao final do século XX com essa falsa esperança amplamente propalada, mas mantida nos limites do controle exercido soberanamente pelo sistema capitalista, em relação aos

meios de comunicação. Os artífices da pseudo-democratização aparecem também na televisão: programas que contam com a participação direta do espectador em sistemas de consulta, tais como o "Você Decide" e o quadro do "Fantástico" onde um grupo de pessoas "vota" em favor do que quer assistir. Democracia? Ou mero artifício para tentar convencer o público de sua participação (ou pseudo-participação) nas programações televisivas?

Benjamin não analisa o fenômeno da televisão, não teve tempo para isso: morreu em 1939, antes da propagação do que atualmente se constitui como um dos maiores instrumentos de disseminação da razão iluminista. Mas Benjamin analisou, de um modo que poderíamos caracterizar como apaixonado, outro veiculador de imagens: o cinema. Enquanto arte, o cinema caracteriza-se por essa dupla dimensão que é própria da arte: pode ser ou conservador ou revolucionário. A dimensão revolucionária do cinema é exemplificada por Benjamin com a obra de Charles Chaplin, a qual nos faz "...vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência, e por outro, assegura-nos um grande e insuspeitado espaço de liberdade" (p.187).

Mas há um outro aspecto que aparece na arte cinematográfica, destacado por Benjamin, o qual faz alusão à matriz materialista histórica e dialética: o ator é aquele que consegue dominar o instrumento de seu trabalho; é aquele que consegue resgatar a dimensão histórica e dialética da atividade humana:

"Representar à luz dos refletores e ao mesmo tempo atender às exigências do microfone é uma prova extremamente rigorosa. Ser aprovado nela significa para o ator conservar sua dignidade humana diante do aparelho. O interesse desse desempenho é imenso. Porque é diante de um aparelho que a esmagadora maioria dos cidadãos precisa alienar-se de sua humanidade, nos balcões e nas fábricas, durante o dia

de trabalho. À noite, a mesma massa enche os cinemas para assistir à vingança que o intérprete executa em nome dela, na medida em que o ator não somente afirma diante do aparelho sua humanidade (ou o que aparece como tal aos olhos dos espectadores) do seu próprio triunfo" (ibid, p.179).

É claro que essa dimensão revolucionária é do conhecimento da indústria cinematográfica. E como amortizá-la? Através do culto do estrelato, da personificação dos atores, de concepções ilusórias de participação das massas:

"... com esse objetivo, ela mobiliza poderoso aparelho publicitário, põe a seu serviço a carreira e a vida amorosa das estrelas, organiza plebiscitos, realiza concursos de beleza. Tudo isso para corromper e falsificar o interesse original das massas pelo cinema, totalmente justificado, na medida em que é um interesse no próprio ser e, portanto, em sua consciência de classe" (ibid, p.185)

Apesar de destacar a dimensão revolucionária da obra de arte e, no caso, do cinema, Benjamin está consciente desse poder alienante da indústria cinematográfica, na medida em que assinala que a utilização política do cinema "...terá que esperar até que o cinema se liberte da exploração pelo capitalismo. Pois o capital cinematográfico dá um caráter contra-revolucionário às oportunidades revolucionárias imanentes a esse controle" (p.180).

Podemos, agora, nos perguntar: qual a importância de se discutir a arte, quando a preocupação está com a revolução social? Que relação faz Benjamin que o leva a discorrer sobre temas incomuns para materialistas históricos e dialéticos ortodoxos, tais como o cinema, a narrativa, o romance, o brinquedo?

O que Benjamin tenta nos mostrar é que a arte contém em si a contraditóriedade que caracteriza o modo de produção capitalista. A arte, sendo disseminada pela reproduzibilidade técnica, pode assumir caráter revolucionário, pode colocar ao acesso das massas

populares a própria contradição da estrutura social vigente. Assim, a arte pode estar a serviço da revolução, entendendo-se esta como transformação qualitativa das condições de vida da população. A revolução aqui é entendida tal como proposta por Marx e Engels: como transformação da qualidade das relações de produção, e, portanto, das formas de produção e dos modos como essa é usufruída.

Estaria, pois, Benjamin, sendo revolucionário? Se entendermos a revolução enquanto transformação, posso dizer que assim o entendo, pois Benjamin me obrigou a romper com minha própria linearidade em relação ao que leio (assumir postura não acadêmica na leitura de texto acadêmico), aos temas refletidos. Como revolucionário entendendo o corte que ele nos leva, necessariamente, a fazer.



“Quanto mais atraentes são os brinquedos, no sentido usual, mais se afastam dos instrumentos de brincar: quanto mais eles imitam, mais longe eles estão da brincadeira viva.”

Referências Bibliográficas

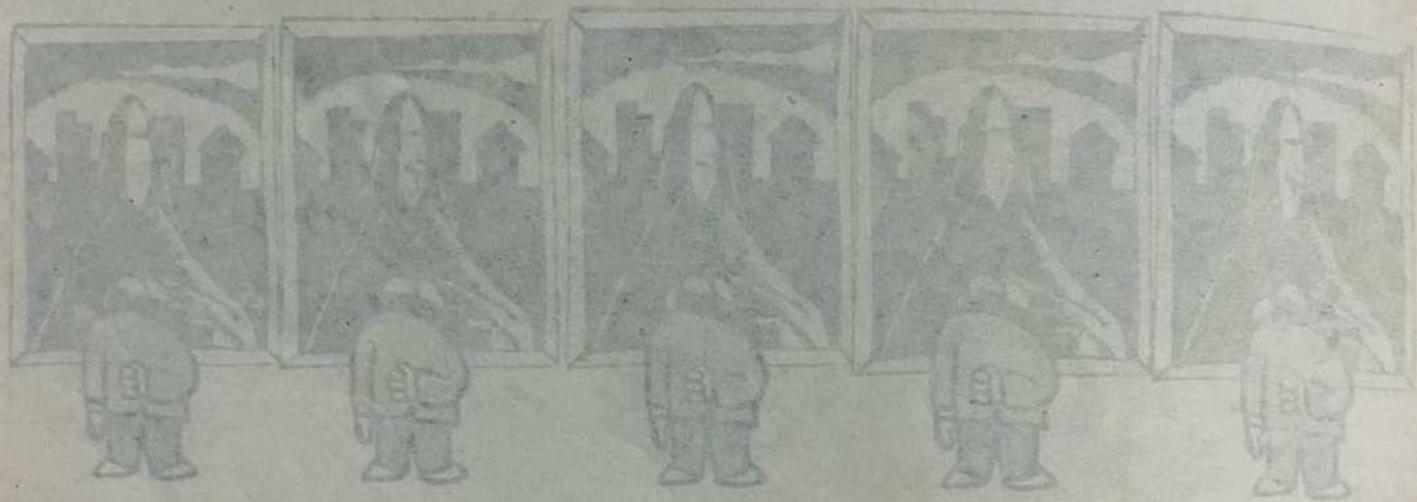
BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e História da Cultura (Obras Escolhidas, volume I). São Paulo: Brasiliense, 1993. (6^a edição)

FREITAG, Barbara. A Teoria Crítica: Ontem e Hoje. São Paulo: Brasiliense, 1993. (4^a edição).

Expoção "Praça da Independência" - 1980.
Inaugurada no dia 26 de Setembro de 1980, a exposição
foi realizada no Museu Histórico, baseada no
cenário das festas de aniversário da Praça Sete.
Neste ano o objetivo é homenagear os 100 anos
da Praça Sete, que é considerada um dos principais
lugares da cultura Florianópolis. A exposição
traz uma exposição de fotografias e documentos
que retratam a história da Praça Sete, desde
o período colonial até o presente. A exposição
é realizada no Museu Histórico, que é o local
onde o Museu da Praça Sete é instalado.

Florianópolis, 1980.

Expoção "Praça da Independência" - 1980.
Inaugurada no dia 26 de Setembro de 1980, a exposição
foi realizada no Museu Histórico, baseada no
cenário das festas de aniversário da Praça Sete.
Neste ano o objetivo é homenagear os 100 anos
da Praça Sete, que é considerada um dos principais
lugares da cultura Florianópolis. A exposição
traz uma exposição de fotografias e documentos
que retratam a história da Praça Sete, desde
o período colonial até o presente. A exposição
é realizada no Museu Histórico, que é o local
onde o Museu da Praça Sete é instalado.



“Gostaria de agradecer a todos os
que contribuíram para a realização desse
evento, especialmente ao senhor prefeito, que
se empenhou muito para tornar esse
evento um sucesso. Foi uma grande
experiência para todos nós. Foi um dia
muito especial e emocionante. Obrigado.”

Reitor da UFSC, professor Antônio Carlos

“Agradecemos a todos os que contribuíram
para a realização desse evento. Foi um dia
muito especial e emocionante. Obrigado.”

Presidente da FEF, professor Antônio Carlos



ARTES GRÁFICAS

Editoração, Fotolito e Impressão
Florianópolis - Fone (048) 244 0146